

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E SOCIALIDADE: O VÍNCULO SOCIETAL NO CLUBE DE MÃES DO BAIRRO JARDIM SEMINÁRIO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO/PR



MARIA ROZIANE APARECIDA DE FREITAS MARQUES
FRANCISCO BELTRÃO – PR
2021



MARIA ROZIANE APARECIDA DE FREITAS MARQUES

**EDUCAÇÃO E SOCIALIDADE: O VÍNCULO SOCIETAL NO CLUBE DE MÃES
DO BAIRRO JARDIM SEMINÁRIO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO
BELTRÃO/PR**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – mestrado. Área de concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria dos Santos Marques.

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

de Freitas Marques, Maria Roziane Aparecida
Educação e Socialidade : O Vínculo Societal no
Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário no
Município de Francisco Beltrão/PR / Maria Roziane
Aparecida de Freitas Marques; orientadora Sônia
Maria dos Santos Marques. -- Francisco Beltrão,
2021.
182 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de
Francisco Beltrão) -- Universidade Estadual do
Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Clube de Mães Divino Mestre. 2. Socialidades.
3. Vigor da vida diária. 4. Práticas Sociais. I.
dos Santos Marques, Sônia Maria , orient. II. Título.

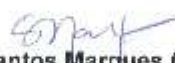
FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA ROZIANE APARECIDA DE FREITAS MARQUES

TÍTULO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E SOCIALIDADE: O VÍNCULO SOCIETAL NO CLUBE DE MÃES DO BAIRRO JARDIM SEMINÁRIO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa 01: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

COMISSÃO EXAMINADORA



Sônia Maria dos Santos Marques (Orientadora)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Rosane Calgaro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Suelli Ribeiro Comar
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Valeska Fortes de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM)

Francisco Beltrão, 19 de maio de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho aos familiares que sempre me apoiaram nesta caminhada. De modo especial meu esposo Paulo Jorge Pazin Marques, por todo apoio e incentivo nos estudos. Meus filhos Luiz Fernando Pazin Marques, Paula Caroline de Freitas Marques e Ana Maria de Freitas Marques. Minha mãe Edite Castorina Oliveira de Freitas (in memoriam). Meu pai Pedro de Freitas Sobrinho (in memoriam). Aos professores que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Jesus! Sei que segurou em minha mão nas madrugadas frias, nos momentos em que as palavras simplesmente sumiam, nas incertezas, nos momentos de medo pela falta de saúde. Aprendi por meio da experiência desafiadora a suprema lição: controlar o medo e torná-lo calor convertido em energia. O medo controlado pode ser convertido numa força capaz de mover o mundo.

Desde criança recebi incentivo a agradecer, é um gesto que me faz reconhecer a importância das pessoas em minha história de vida, a nobre ação daqueles que me incentivaram e ajudaram a persistir, jamais desistir, foi assim que tornei essa conquista possível.

Aos colegas e amigos, que direta ou indiretamente, participaram da minha formação, o meu eterno agradecimento. Fábio Bido, minha dissertação era apenas um projeto, agradeço por participar da pré banca e pela valiosa dedicatória ao meu pré-projeto. Todas as vezes que a exaustão me abatia eu lia suas considerações, o que me chamava à responsabilidade de continuar, desejo sucesso em tua vida. Á inesquecível professora Dr^a. Fernanda Cordeiro de Almeida Faust, obrigada por fazer parte da pré banca e da minha formação, aprendi muito com você. Agradeço imensamente à orientadora, professora Dr^a. Sônia Maria dos Santos Marques, pela oportunidade e incentivo desde o momento da seleção. Graças à credibilidade que depositou em mim, me fez subir mais um degrau na educação. Essa conquista também devo a você, a oportunidade de participar do Programa de Pós-Graduação- Mestrado na Unioeste. Obrigada por partilhar comigo seu tempo, seus ensinamentos e orientações, pois foi por meio deles que consegui desenvolver a pesquisa e transformá-la em dissertação. Nossa história orientadora/orientanda é longa, e nessa jornada construímos uma amizade que só fez aumentar o meu respeito, confiança e admiração pela profissional que você é. Curiosamente pensamos a escrita de forma muito parecida, e talvez por isso a tenha convidado para ser minha orientadora na graduação, na especialização e agora no mestrado. Você é muito importante para minha história de vida. Admiro seu profissionalismo, acolhimento e leveza na forma com que conduziu suas orientações. Pessoa digna de respeito, admiração e consideração.

Agradeço a professora Dr^a. Gabriella Hizume, que mesmo envolvida com seus estudos no doutorado, foi solícita quando pedi ajuda para leitura do meu projeto. Minha eterna gratidão.

À Marinez da Silva Mazzochin, pessoa amável, sempre solícita com sua graça e simpatia. Obrigada por me ajudar com a tecnologia.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e de defesa, professoras Dr^a Sueli Comar, Dr^a Valeska Fortes de Oliveira, Dr^a Rosane Calgaro, e Dr^a Maria de Lourdes Bernartt. Suas sugestões e encaminhamentos foram muito bem-vindos para complementar a escrita da dissertação.

À Assistente do PPGE - Mestrado, Zelinda Bedenaroski Correa. Obrigada por todas as vezes que solicitei informações e você muito gentilmente orientou como eu deveria proceder. É uma excelente profissional que tem todo o meu respeito e admiração.

Obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a equipe de professores que ministraram suas aulas e se empenharam em proporcionar o máximo de conhecimento. A partir de suas disciplinas e temáticas abordadas, foi possível refletir sobre as ações que envolvem a complexidade educacional, social e econômica em nosso país e no mundo, reflexões fundamentais para a pesquisa.

Ao professor Dr. Juliano Andres, obrigada por elaborar o mapa da localização do Clube de Mães Divino Mestre que consta na Dissertação.

Obrigada aos colegas da turma de Mestrado. Cada um com seu jeito de ser e pensar, ficarão em minha lembrança.

Ao meu segundo pai (padrasto), Luiz Alberto Rodrigues Gomes, agradeço por todo incentivo em meus estudos.

Ao meu esposo que sempre me incentivou e acreditou que eu era capaz. Agradeço a compreensão nos momentos de ausência e por reconhecer a importância dos estudos. Sou grata por todo apoio que ofereceu nos momentos de fragilidade de minha saúde e nos meus momentos de incertezas. Divido com você o prazer dessa conquista. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

À minha amiga, colega de profissão e estrada, professora Ms. Rochelle Conceição da Silva Osbi, pessoa incrível, obrigada por tudo, sempre solícita, sei que torce por mim.

À minha amiga Aline Tortora de Oliveira, foi muito importante nosso diálogo que antecedeu a elaboração do projeto. Você me ajudou muito, sou imensamente grata a você.

À Escola Municipal Basílio Tiecher, a todos os meus colegas professores desta escola, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos de estudo. Trabalhar nesta instituição me trouxe novas aprendizagens e possibilidades de

pensar caminhos para a educação. Sempre que precisei, todos prontamente me apoiaram para que eu pudesse frequentar as aulas do Mestrado. Aos diretores, José Celso Ferreira Soares e Edna Terezinha Conte, agradeço muito pela confiança e pela credibilidade que depositaram em mim.

À Secretaria de Educação, agradeço a oportunidade de afastamento para realizar as aulas do Programa de Pós-graduação em Mestrado, pois precisei utilizar um ano para realizar estudo, pesquisa de campo, coleta de dados e aprofundar meus estudos sobre a temática e parte da escrita da dissertação.

Agradeço as mulheres entrevistadas, pela simpatia, pelas contribuições e confiança depositada em mim e na orientadora professora Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques por acolher a temática da pesquisa, e pelas narrativas que foram fundamentais para compreendermos o vínculo societal no Clube de Mães Divino Mestre, na educação e na socialidade. Agradeço também pelo diálogo e por estarem sempre dispostas em colaborar e ajudar. De modo especial, agradeço às moradoras Olímpia Zanella Thomé, Rosalina Grison e Marines Semler, por todas as vezes que as procurei fora do clube de mães e fui muito bem acolhida por elas. Prestaram esclarecedoras informações.

Agradeço a todos que foram exemplo e inspiração para que eu continuasse com os estudos. Obrigada por contribuírem em minha formação!

A minha irmã Elaine de Freitas Ninow e ao meu cunhado, Augusto Miguel Ninow. Obrigada pelo incentivo e por acreditarem em mim.

À minha cunhada Tânia Maria Pazin Marques Silva e seu esposo, Fabio Marcelo da Silva. Obrigada por todas as vezes que compreenderam minha ausência nas reuniões familiares, pelo apoio e incentivo aos estudos.

À minha cunhada Bárbara Cristina Pazin Marques, obrigada por me incentivar e apoiar em meus projetos de vida. Exemplo de mulher forte, empreendedora e vencedora dos mais variados obstáculos. Obrigada por fazer parte da minha história de vida.

Obrigada aos meus sobrinhos, Eduardo Augusto de Freitas Ninow, Natalia Cristina de Freitas Ninow, Nestor Henrique Marques da Silva e Valentine Marques da Silva, que sempre foram motivo de inspiração nas horas difíceis da escrita. A vocês deixo o legado da persistência e perseverança.

Ao meu sogro, Sr. Manoel Reis Marques, pessoa respeitável e admirador do conhecimento. Agradeço por fazer parte da minha história de vida juntamente com minha sogra, Maria de Lourdes Pazin Marques (*in memorian*).

Agradeço aos meus filhos Luiz Fernando Pazin Marques, Paula Caroline de Freitas Marques e Ana Maria de Freitas Marques pela ajuda e apoio que sempre ofereceram todas as vezes que foi necessário e por compreenderem as várias horas em que estive ausente, nas longas madrugadas e finais de semana que utilizei para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus queridos incentivadores, Eder Luis de Oliveira e Guilherme Scirea, agradeço por todas as vezes que me disseram palavras de incentivo, me fizeram companhia e ouviram minhas queixas pelo cansaço.

Com certeza todas as pessoas que passaram em minha vida, desde a graduação até o mestrado, consciente ou não, contribuíram com seu legado para que, com o conjunto de aprendizagens por mim adquirido, eu esteja me tornando uma pessoa melhor. Digo que estou me tornando porque acredito que nunca estaremos prontos. Enquanto vivermos e convivermos com pessoas, estaremos sempre a aprender a ensinar.

Em um ciclo infundável estaremos sempre a nos transformar.

RESUMO

MARQUES, Maria Roziane Aparecida de Freitas. **EDUCAÇÃO E SOCIALIDADE: O VÍNCULO SOCIETAL NO CLUBE DE MÃES DO BAIRRO JARDIM SEMINÁRIO NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO PR.** 2021. 182 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2021.

Na dissertação analisamos a identidade cultural e o vínculo societal de um grupo de mulheres do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário, localizado na cidade de Francisco Beltrão, Paraná. Para a investigação, demarcamos como problema de pesquisa o questionamento: como se constrói o vínculo societal entre as mulheres participantes do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário? Delineamos como objetivo geral conhecer o processo de afirmação de identidade e vivência de um grupo de mulheres que atuam no Clube de Mães Divino Mestre no Bairro Jardim Seminário. Os objetivos específicos estabelecidos são: a) identificar como ocorre a afirmação de identidade cultural de um grupo de mulheres no contexto do Bairro Jardim Seminário; b) compreender o significado de ser mulher para os sujeitos da pesquisa; c) analisar os marcadores culturais responsáveis pela manutenção do vínculo societal entre as mulheres do grupo estudado. A investigação se caracteriza como pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica e os instrumentos que utilizamos para a coleta de informações são: entrevistas narrativas e transcrições; Diário de Campo; registro fotográfico (do acervo das mulheres do Clube de Mães e aqueles produzidos pela pesquisadora); observação e descrição do Bairro Jardim Seminário; análise documental (atas, jornais e outros documentos relevantes para coleta de informações). Para entendermos o vínculo societal existente no grupo, estabelecemos as seguintes categorias: pluralidades culturais; vínculo societal e afetual; convivialidade; e religiosidade. Essas categorias são marcadores significativos para compreender a identificação e as formas de enraizamento no espaço da socialidade. Para dar suporte teórico-metodológico às ações utilizamos as contribuições de Certeau (2013), Hall (2009, 2015), Maffesoli (1998, 2001, 2006), Marques (2008), Silva (2009), dentre outros. O contato *in loco* da dissertação com intenção de pesquisa teve início em 2017 e 2018. O material coletado e analisado indicou que o grupo de mulheres em sua convivialidade no Clube de Mães Divino Mestre, *lócus* da pesquisa, utilizam marcadores culturais para favorecer a perduração do vínculo societal: a religiosidade (como religião), a socialidade de base, o estar junto como estruturante das relações, a importância do dom e do contra dom nas práticas da vida diária. O clube de mães é capaz de transformar o local de encontro de apreensão da ligação orgânica em que as presenças se convertem em possibilidades de cura, de encontro e de perduração.

Palavras-chave: Clube de Mães Divino Mestre. Socialidades. Vigor da vida diária. Práticas Sociais.

ABSTRACT:

MARQUES, Maria Roziane Aparecida de Freitas. EDUCATION AND SOCIALITY: THE SOCIETAL BOND IN THE IN THE MOTHERS CLUB OF DISTRICT JARDIM SEMINÁRIO IN FRANCISCO BELTRÃO – PR. 2021. 182 p. Dissertation (Masters)- Posgraduate Program in Education – Master, State University of Western Paraná, Francisco Beltrão, 2021.

In this dissertation we analyze the cultural identity and the societal bond of a group of women from the Mothers' Club from Jardim Seminário neighborhood in the city of Francisco Beltrão, Paraná. For this investigation we defined the following question as a research problem: How is the societal bond built among the women who participate in the Mothers' Club in the Jardim Seminário neighborhood? We outlined as a general objective to know the process of identity affirmation and experience of a group of women who work at the Divino Mestre Mother's Club in the Jardim Seminário neighborhood. The specific objectives established were: a) to identify how the cultural identity affirmation of a group of women occurs, in the context of the Jardim Seminário neighborhood; b) to understand the meaning of "being a woman" for the research subjects; c) to analyze the cultural markers responsible for the maintenance of the societal bond among the women of the group studied. The research is outlined as qualitative research with an ethnographic approach and the instruments we used to collect information were: narrative interviews and transcriptions; Field Diary; Photographic record (from the collection of the women from the Mothers' Club and those produced by the observation and description of the Jardim Seminário neighborhood; document analysis (minutes, newspapers and other relevant documents for information collection). To understand the existing societal bond in the group, we established the following categories: cultural pluralities, the societal and emotional bond, conviviality, religiosity, as significant markers to understand the identification and forms of rooting in the space of sociality. (To give theoretical and methodological support to the actions we used the contributions Certeau (2013), Hall (2009, 2015), Maffesoli (1998, 2001, 2006), Marques (2008), Silva (2009), among others. Contact with the locus of the dissertation with the intention of research began in 2017 and 2018. The material collected and analyzed indicated that the group of women in their coexistence in the Divino Mestre Mother's Club, locus of the research, use cultural markers to promote the continuation of the societal bond: religiosity (as a reconnection), basic sociality, being together as a relationships structuring, the importance of gift and counter gift in the practices of daily life. The mothers' club is capable of transforming the meeting place of apprehension of the organic connection in which presences become a possibility of healing, of encounter, and of endurance.

Keywords: Clube de Mães Divino Mestre. Socialities. Vigor of daily life. Social Practices.

LISTA DE DOCUMENTOS

Documento	1	Ata 01 da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.	57
Documento	2	Ata 02 da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.	59
Documento	3	Ata da Assembléia Geral Extraordinária da primeira eleição da diretoria do Clube de Mães Divino Mestre.	60
Documento	4	Ata 05 do Clube de Mães Divino Mestre.	62
Documento	5	Ata 06 do Clube de Mães Divino Mestre.	64

LISTA DE FIGURAS

Figura	1	Localização do Bairro Jardim Seminário	44
Figura	2	Planta baixa da localização do Clube de Mães Divino Mestre	54
Figura	3	Localização do Clube de Mães Divino Mestre	54
Figura	4	Terço da Misericórdia.	93

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia	1	Rua Venezuela, caminho de acesso ao Bairro Jardim Seminário	30
Fotografia	2	Rua Arapoti, caminho de acesso ao Clube de Mães Divino Mestre.	30
Fotografia	3	Marines Semler	49
Fotografia	4	Hilda Leodoro	49
Fotografia	5	Sueli Braz	50
Fotografia	6	Odila Zanella	50
Fotografia	7	Isabel Rossi da Costa	51
Fotografia	8	Olinda Reolon	51
Fotografia	9	Maria Aparecida Marques	51
Fotografia	10	Eva Cadore Martins dos Santos (Fátima)	52
Fotografia	11	Rosalina Grison	52
Fotografia	12	Marinês Fontana Mezoni	52
Fotografia	13	Olímpia Zanella Thomé	53
Fotografia	14	Fundação do Clube de Mães em 06 de julho de 2002. Composição da primeira diretoria do Clube	61

		de Mães	
Fotografia	15	Reportagem do Jornal de Beltrão sobre destinação de recursos para o clube de mães.	71
Fotografia	16	Estrutura física do Clube de Mães Divino Mestre e da Associação de Moradores.	72
Fotografia	17	Termo de abertura do 1º Livro Ata do Clube de Mães Divino Mestre.	72
Fotografia	18	Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (1).	75
Fotografia	19	Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (2).	82
Fotografia	20	Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (3).	90
Fotografia	21	Imagens sacras do Clube de Mães Divino Mestre.	95
Fotografia	22	Passeio das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salette.	98
Fotografia	23	Mulheres saciam a sede com água da gruta que faz parte do Santuário de Nossa Senhora da Salette.	99
Fotografia	24	Momento em que o grupo de mulheres se direciona para retornar ao Clube de Mães Divino Mestre.	100
Fotografia	25	Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salette (1).	101
Fotografia	26	Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salette (2).	102
Fotografia	27	Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salette (3).	102
Fotografia	28	Artesanatos produzidos por mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (1)	103
Fotografia	29	Artesanatos produzidos por mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (2).	105
Fotografia	30	Carteirinha para identificação das associadas ao Clube de Mães Divino Mestre.	107
Fotografia	31	Chá de bruxa servido no clube de mães com especiarias e frutas.	119
Fotografia	32	Mulheres encarregadas de trazer o lanche do dia.	120
Fotografia	33	Ervas medicinais trazidas pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.	121
Fotografia	34	Quadro (lousa) com os nomes das mulheres encarregadas de trazer o lanche do próximo encontro.	122
Fotografia	35	Livro de receitas elaboradas pelo Clube de Mães Divino Mestre.	124
Fotografia	36	Painel fotográfico com imagens das associadas relacionadas à preparação e usufruto do chimarrão.	127
Fotografia	37	Caixinha do Clube de Mães Divino Mestre utilizada para arrecadar recursos financeiros para ajudar quem necessita.	134

Fotografia	38	Árvores de Natal dos clubes de mães de Francisco Beltrão em exposição no Espaço da Arte Eunice Sartori (1)	137
Fotografia	39	Árvores de Natal dos clubes de mães de Francisco Beltrão em exposição no Espaço da Arte Eunice Sartori (2)	138
Fotografia	40	Primeira-dama, Joice Bogoni Furlan, entrega o prêmio para Marinês Mezoni, coordenadora do Clube de Mães Divino Mestre do bairro Jardim Seminario.	139
Fotografia	41	Produtos doados pelo Clube de Mães Divino Mestre para o bazar da ONG Mão Amiga.	140
Fotografia	42	Mulheres dos clubes de mães do município de Francisco Beltrão participando do encontro no Centro de Eventos Marabá.	142
Fotografia	43	Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (1).	143
Fotografia	44	Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (2).	144
Fotografia	45	Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (3).	145
Fotografia	46	Painel fotográfico com artesanatos confeccionados pelas mulheres do Clube de Mães.	151
Fotografia	47	Painel para comemorar o Dia das Mães, confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.	152
Fotografia	48	Bolo para comemorar o Dia das Mães, confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.	153
Fotografia	49	Painel fotográfico com imagens das mulheres com as prendas que ganharam no bingo do Dia das Mães.	155
Fotografia	50	Brinde do Dia das Mães - tapete de porta e uma toalha de rosto.	156
Fotografia	51	Arranjos de bambu com flores naturais confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.	156
Fotografia	52	Cartões para homenagear o Dia das Mães no Clube de Mães	157
Fotografia	53	Palestra para cuidados preventivos à saúde no Clube de Mães Divino Mestre (1).	163
Fotografia	54	Palestra para cuidados preventivos à saúde no Clube de Mães Divino Mestre (2).	163
Fotografia	55	Painel fotográfico - mulheres do Clube de Mães organizam alimentos referentes à entrega do Programa Mesa Brasil do SESC.	166
Fotografia	56	Painel fotográfico – confraternização de final de ano de 2015.	169

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico	1	Faixa etária dos moradores do Bairro Jardim Seminário (2010).	77
Gráfico	2	Relação entre jovens e idosos moradores do Bairro Jardim Seminário (2010).	78

LISTAS DE MAPA

Mapa	1	Localização do Clube de Mães Divino Mestre no Bairro Jardim Seminário	45
-------------	---	---	----

LISTAS DE QUADROS

Quadro	1	Atividades desenvolvidas de 2009 a 2019 pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.	75
Quadro	2	Faixa etária da população do Bairro Jardim Seminário (2010).	77
Quadro	3	Dados sobre a população do Bairro Jardim Seminário (2010).	78
Quadro	4	Dados das mulheres que frequentam o Clube de Mães Divino Mestre.	83
Quadro	5	Faixa etária das participantes do Clube de Mães Divino Mestre	88
Quadro	6	Número de moradores nas casas das participantes do Clube de Mães Divino Mestre.	90
Quadro	7	Profissões das participantes do Clube de Mães Divino Mestre.	91
Quadro	8	Número de participantes do Clube de Mães Divino Mestre que recebem benefícios sociais	91
Quadro	9	Grau de escolaridade das participantes do Clube de Mães Divino Mestre	92

LISTAS DE SIGLAS E ABREVEATURAS

APMI - Associação de Proteção a Maternidade a Infância

APMIF - Associação de Proteção a Maternidade a Infância e Família

ASCAR – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural

EMATER – Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica

IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CEONC - Centro de Oncologia - Hospital do Câncer

CONPEV - Conselho de Pastores de Igrejas Evangélicas

EVA - Ethylene Vinyl Acetate ou acetato-vinilo de etileno, em português

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG -Organização Sem Fins Lucrativos

PSDB - Partido da Social-Democracia Brasileira

PR– Paraná

RS – Rio Grande do Sul

SESC- Serviço Social do Comércio

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

LISTA DE APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	105
---	-----

SUMÁRIO

RESUMO	
TRANSCURSO: ITINERÁRIO EM DIREÇÃO AO CAMPO DE PESQUISA	21
INTRODUÇÃO	25
I - CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: DECISÕES DE PESQUISA	30
1.1 Tema, problema de pesquisa e objetivos	35
1.2 Etnografia: escolhas e decisões de pesquisa	38
1.3 Sujeitos da pesquisa	48
1.4 <i>Lócus</i> da pesquisa: Clube de Mães Divino Mestre	53
II - RELIGAÇÃO E RELAÇÕES DE CONVIVIALIDADE NO CLUBE DE MÃES DIVINO MESTRE	80
2.1 A construção da socialidade: o sagrado e o profano	104
2.2 Festejando o estar junto: éticas e estéticas da vida diária	109
2.3 O divino social: solidariedade de base e práticas culturais	111
III - A POTÊNCIA SUBTERRÂNEA: TECITURAS COTIDIANAS	130
3.1 Das instituições: as socialidades eletivas	133
3.2 Dádivas e dons: comunidade e movimento	146
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
5 REFERÊNCIAS	177

TRANSCURSO: ITINERÁRIO EM DIREÇÃO AO CAMPO DE PESQUISA

Tarde de calor do mês de fevereiro de 2018, auge do verão na cidade de Francisco Beltrão/PR, conduzimos o carro em direção à Avenida União da Vitória, rua que atravessa vários bairros da cidade. Naquele momento, próximo às quatorze horas, o fluxo de carro estava tranquilo. Cruzamos a Avenida e permanecemos naquela direção por mais quatro quadras. Na medida em que nos aproximávamos do local em que se desenvolveria a pesquisa observamos o quanto o bairro se modificou nos últimos anos: aumento do número de residências; crianças brincando nas ruas, antes sem calçamento, agora pavimentadas. Rememoramos que, há aproximadamente vinte anos, era área rural na qual se avistava animais pastando e tudo o que lembra a vida rural. Olhando o percurso, visualizamos uma edificação recente, o Centro Municipal de Educação Infantil Tio Dídio¹, ao lado, o Clube de Mães Divino Mestre, instalado em uma construção de setenta metros quadrados, cedido pela Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário. Por fora do prédio uma pintura na cor salmão. A porta de latão com pintura na cor preta e abre em duas faces. Na parede lateral do lado direito percebemos três janelas sendo: duas pequenas com vidros quadrados e outra quase no final da parede com janela basculante e vidros retangulares para ampliar a ventilação e luminosidade da toailete. Ao adentrar a sala, percebemos cortinas bordadas que expressam o trabalho realizado pelas mulheres. Do lado esquerdo, uma porta grande que dá acesso à quadra de esportes, lugar coberto que pertence à Associação de Moradores do Bairro. Nesse momento fomos tomados por dois sentimentos: ansiedade em relação ao início do contato com os sujeitos da pesquisa e expectativas associadas ao desenvolvimento da investigação. Continuando o percurso, ao atravessarmos a rua, mesmo fora do clube, era possível escutar as vozes e risos altos, demonstrando que as mulheres estavam animadas. Era a primeira vez, no ano de 2019, que conseguiam reunir um número expressivo de participantes: cinquenta mulheres estavam presentes na reunião. Entramos na sala e acenamos para cumprimentar as mulheres. Percebemos que algumas delas mantinham-se na cozinha, separada do salão por meio de uma bancada localizada do lado esquerdo da porta. Tudo limpo e organizado! Elas estavam

¹Vereador pelo PSDB, Luiz Carlos Santos da Silva (tio Dídio, *in memoriam*) foi presidente da Associação de Moradores (2002 e 2004), colaborador para construção do Centro Municipal de Educação Infantil-Tio Dídio Bairro Jardim Seminário, em Francisco Beltrão Pr.

arrumando a erva nas cuias para iniciar o feitiço do chimarrão². Esta ação parecia tomada de cuidado. Sobre a erva, em cada cuia, foi colocada uma pequena flor roxa, conhecida pelas mulheres pelo nome Perpétua³, Gonfrena ou Amaranto-Globoso, cujo nome científico é *Gomphrena globosa*. Soubemos que também usavam a planta por sua ação curativa, pois a Perpétua Roxa tem ação antimicrobiana, antioxidante e anti-inflamatória. De acordo com a narrativa das mulheres, as pequenas flores foram colhidas e espalhadas em uma forma para secar à sombra e, segundo elas, “as propriedades da planta são boas para coração, é diurético, ajuda a emagrecer e melhora a circulação sanguínea, de um modo geral”. Ainda na cozinha, era possível sentir o aroma que exalavam os bolos cortados em pequenos pedaços e distribuídos em pratos que seriam levados à mesa para posterior confraternização. Ao redor de um fogão a gás, duas mulheres conversavam animadamente enquanto preparavam o café e o suco que seria servido para acompanhar as delícias trazidas pelo grupo. Nestas ações percebemos a repetição de um ritual: recados, as orações, o planejamento, (sempre acompanhados de chimarrão), usufruto coletivo dos alimentos que prepararam para compartilhar naquele dia: bolo formigueiro (esse nome se deve pelo fato de conter chocolate granulado na massa e coco com leite condensado para cobertura), bolo sem recheio e cobertura, bolo de chocolate, pequenos pedaços de torta salgada, suco de uva e de abacaxi. Na sequência foi combinado que para a próxima reunião outro grupo de mulheres forneceria o lanche. E assim sucessivamente. Percebemos que as outras mulheres do salão também conversavam, gesticulavam e trocavam ideias. O espaço era ocupado por ruídos: se entrecruzavam vozes, por vezes cumprimentavam-se de longe, o que fazia ampliar o estrépito que dominava o ambiente. Somente elas para entender o assunto do qual conversavam. Era perceptível a troca de olhares fraternos, os abraços demorados e calorosos a cada mulher que chegava. Percebemos que as dirigentes do clube eram solícitas, participavam ativamente das atividades, ouvindo atentamente os relatos sobre: família, saúde, viagens e as sugestões de trabalhos a serem desenvolvidos no grupo. Entre uma conversa e outra, aproveitavam para cuidar do aquecimento da água para o chimarrão, despejavam água quente nas garrafas térmicas e, enquanto estavam na

² Chimarrão refere-se à bebida sem açúcar de origem indígena, servida em cuia sugada em um canudo (bomba) bastante usual na Região Sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

³ A perpétua (*Gomphrena globosa*) como o nome já adianta, é uma planta herbácea muito durável. Semi ereta, pode alcançar 40 centímetros de altura. Também conhecida como gonfrena ou amaranto-globoso. O nome faz referência à estrutura de pequenos globos roxos. A planta ocorre na região central do Brasil.

cozinha, uma alcançava utensílios à outra e planejavam como seria servido, posteriormente, o lanche. Cada mulher que chegava era recepcionada com um cumprimento caloroso. Logo na entrada, do lado esquerdo, havia uma cômoda com imagens sacras: acima da cômoda uma prateleira de vidro, do lado esquerdo um vaso pequeno com flores permanentes, ao centro a imagem de Nossa Senhora Aparecida, curiosamente com o rosto, a coroa e ao longo do corpo na parte central da imagem, toda dourada com seu manto branco cravejado com pérolas brancas. Do lado direito uma cruz de madeira, com a imagem de Jesus pregado nela. Ainda em cima da cômoda, do lado esquerdo, a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus, uma vela grossa branca em um recipiente de vidro. Na parte central da cômoda, a imagem de Jesus com um terço colocado sobre sua mão esquerda e com a direita apontando para o Sagrado Coração de Jesus. Ao lado esquerdo um vaso de vidro com rosas artificiais na cor rosa salmão. Ambos os vasos estavam sobre pequenas toalhas tecidas em crochê. Dos rituais do grupo durante os encontros no clube, o momento que antecede a pauta de trabalho, todas são convidadas a realizar uma Oração Universal, do Pai Nosso, e às três horas todas param o que estão fazendo para rezar o Terço da Misericórdia⁴. Olhando a cômoda de frente, do lado esquerdo do móvel, há uma pequena porta a que dá acesso a um armário de aço no qual estão arquivados documentos sobre o Clube de Mães: atas, álbuns de fotografias, um caderno que elas confeccionaram com receitas culinárias cedidas pelas mulheres e um pequeno histórico de mais ou menos três páginas que conta como foi constituído o clube. Saindo desse cômodo, ao lado direito, logo após a porta, observamos três quadros pequenos com moldura de madeira, com fotografias registradas em momentos de descontração do grupo. A parede sem janela segue mais uns dois metros e novamente uma porta de latão. Acima, um banner com a imagem de

⁴ Uma das formas das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre expressar a religiosidade é a devoção ao Terço da Misericórdia para alcançar as graças pretendidas, a Hora da Misericórdia. “Misericórdia Divina, que brotou da chaga aberta do Coração de Jesus”. Pela recitação do Terço da Misericórdia, Jesus prometeu dar-nos tudo o que pedimos com confiança e em qualquer hora que o fizermos. Porém, existe a Devoção à Divina Misericórdia, é considerada uma hora especial estabelecida pelo próprio Senhor para obtermos as graças que a Ele confiamos. Ao recitar o Terço às quinze horas, meditamos a hora em que tudo “foi consumado”, hora em que se conhece o tormento dolorosíssimo de uma Mãe; hora, enfim em que o pensamento de Cristo se eleva no momento do golpe da lança em Seu peito, faz jorrar “Sangue e Água como fonte de Misericórdia à humanidade. O Terço ocupa uma posição de destaque entre as diversas formas de culto à Divina Misericórdia,”. Aos 22/02/1931, uma das primeiras revelações de Jesus à Santa Faustina, diz sobre a Festa da Misericórdia, deveria ser celebrada no 2º domingo da Páscoa. Assim como na vida da Igreja a Liturgia e a piedade intimamente se associam, na espiritualidade da Divina Misericórdia proposta por Santa Faustina se dá igualmente o encontro destas duas dimensões, particularmente através da Festa e do Terço. Para essa devoção pode usar o terço comum. Fonte: <https://misericordia.org.br/home/terco-da-divina-misericordia/>. Acesso em março de 2019.

Jesus do lado direito, ao centro a inscrição em letras maiúsculas Clube de Mães Divino Mestre e logo abaixo, com letras um pouco menores, Bairro Jardim Seminário, à esquerda, a pintura de flores na cor rosa. A porta com a pintura na cor preta dá acesso à quadra de esportes da Associação de Moradores do Bairro, construída em parceria com o Clube de Mães. Algumas mulheres optaram por colocar suas cadeiras do lado de fora devido ao forte calor e pela quantidade de mulheres que estavam presentes naquela reunião. No centro do salão havia uma mesa de madeira envernizada, medindo três ou quatro metros de comprimento. Dentro do salão as mulheres estavam sentadas sobre bancos e cadeiras dispostos em círculo, enquanto serviam o chimarrão. As conversas e os risos eram contagiantes. No dia 14 de fevereiro de 2019, quinta-feira, às 14h00, participamos como observadora da primeira reunião, das muitas que aconteceram ao longo deste ano no Clube de Mães Divino Mestre, no Bairro Jardim Seminário na Cidade de Francisco Beltrão, Paraná.

Esse dia foi marcado pela mudança da diretoria, sendo que as dirigentes do Clube de Mães explicaram que elas não haviam comunicado tal alteração com antecedência porque quando o fizeram não conseguiram realizar a tarefa por falta de *quorum*. Por esse motivo resolveram não comunicar sobre a votação para mudança de diretoria do grupo. Nesse momento, uma sutil tensão no ambiente não passou despercebida, tendo algumas balançado a cabeça discretamente, em movimento de reprovação. Os olhares se cruzaram com expressões que denotavam questionamentos sobre o que ocorria ali. Primeiro ficaram inquietas em seus lugares, depois burburinhos que indicavam a permanência da mesma equipe, sendo que uma das senhoras participante pareceu externalizar o desejo coletivo: permanência da equipe, ainda que as mulheres que compunham a diretoria indicassem nomes para compor a próxima equipe diretora. Para descontrair o clima tenso, pediram que elas dessem uma sugestão de como poderia ser feita a escolha das próximas integrantes a assumir a diretoria. As mulheres conversaram e chegaram a um consenso: sugeriram que cada membro da equipe que estava deixando o cargo indicasse quem deveria substituí-la. Logo após realizar as escolhas, as mulheres que fizeram parte da equipe anterior comprometeram-se em auxiliar as colegas escolhidas no que for preciso nos próximos dois anos. A partir daí foi possível perceber a sensação de alívio por parte das novas integrantes da coordenação. Alguns minutos a mais de conversa e todas retornaram para suas casas.

INTRODUÇÃO

Já demonstrei, a propósito da vida quotidiana, como a profundidade pode ocultar-se na superfície das coisas (MAFFESOLI, 2006, p.133).

O Bairro Jardim Seminário ainda preserva o modo de vida do interior: o calor humano; o aconchego ao visitante e aos novos moradores; a forma como as mulheres recebem umas às outras, com o sorriso largo e caloroso.

Por meio de um tempo de convívio e visitas esporádicas na residência de uma das mulheres participantes do Clube de Mães Divino Mestre amadurecemos, aos poucos, a ideia de pesquisar sobre um clube de mães. Foi aí que tomamos a iniciativa de indagar se as demais mulheres participantes deste clube gostariam de colaborar com suas narrativas para uma pesquisa de campo que comporia a dissertação de mestrado.

Explicamos que a pesquisa, a princípio, seria sobre o convívio, as trocas de experiências, as ações desenvolvidas por elas no clube e na comunidade. Esclarecemos que a coleta de informações seria realizada por meio de observações, entrevistas e acesso aos documentos tais como as atas e fotografias do acervo do Clube de Mães.

O diálogo com a presidente do Clube de Mães, Olímpia Zanella Thomé, ocorreu em 2017 em sua residência no Bairro Jardim Seminário. Havíamos combinado de nos encontrarmos às dezesseis horas no dia agendado. Neste dia, analisamos a possibilidade da execução do projeto, o interesse, a aprovação e participação das demais voluntárias ou colaboradoras do Clube de Mães Divino Mestre.

Para obtermos a resposta das mulheres do Clube de Mães teríamos que aguardar um próximo encontro, o que gerou muita expectativa. Passados alguns dias obtivemos a resposta: elas aceitaram participar da pesquisa.

Eis o dia do segundo encontro. Era quase final da tarde de outono, o sol já estava enfraquecido, mas não ao ponto de ofuscar a beleza das árvores, das palmeiras plantadas nas calçadas de algumas residências, das flores nos jardins e das cores das pinturas das casas. Apreciamos essa paisagem no trajeto de deslocamento à residência da presidente do Clube de Mães. Estacionamos o carro em frente à sua casa e observamos na calçada

duas palmeiras leque⁵. Apertamos a campainha, o portão se abriu e fomos recepcionadas por um caloroso abraço e o sonoro cumprimento. Sentamo-nos em cadeiras confeccionadas com ferro, com a pintura na cor branca, que compunham o pequeno jardim bem cuidado. No pátio, podíamos sentir o frescor de uma leve brisa, acariciando a face e os cabelos. Aproveitamos a ocasião para sorvermos chimarrão acompanhado de uma porção de pipoca. Ouvimos o gorjear dos pássaros procurando abrigo nas árvores mais próximas, antes do anoitecer.

Conversamos sobre a possibilidade de fazermos uma visita ao Clube de Mães para nos apresentarmos às outras mulheres e expor as intenções da pesquisa. Durante o período em que estivemos naquele local, presenciamos o retorno de alguns de seus vizinhos após mais um dia de trabalho. Sra. Olímpia acenava para os mais conhecidos. No encontro, ao observar as falas e gestualidades, foi perceptível o cuidado com o outro, as expressões da vida cotidiana⁶ explicitada nos pequenos gestos, nas gentilezas, no agrado à criança do vizinho que acabara de chegar da escola. No semblante da entrevistada percebíamos a satisfação em se sentir útil e fazer parte daquele lugar.

A partir desse contexto, observamos o convívio e as relações externas intrinsecamente ligadas ao Clube de Mães. As ações das mulheres que frequentam esse espaço⁷ e moram no bairro⁸ não se restringem a solidariedade e a atenção com as pessoas. A boa receptividade parecia fazer parte de uma certa tradição do grupo, era perceptível o quanto elas se esforçam para disseminar às novas gerações a importância

⁵ Planta Licuala ou Palmeira Leque. A Planta Licuala é popularmente conhecida por Palmeira Leque e possui o nome científico de Licuala Grandis. A espécie vegetal Licuala Grandis tem como sinônimo no reino vegetal a espécie Pritchardia Grandis. Essa espécie vegetal também é popularmente conhecida pelos nomes de Licuala, Totuma e Licuala Grande. O grande destaque desta espécie vegetal é a sua folhagem que possui a aparência que nos recorda um leque, por isso recebeu o nome popular de Palmeira Leque. Fonte: <https://flores.culturamix.com/informacoes/planta-licuala-ou-palmeira-leque>. Acesso em junho de 2019.

⁶Na obra de Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol (1996) intitulada “Invenção do cotidiano Vol. 2: Morar, cozinhar”, encontramos na primeira parte escrita por Pierre (Mayol, 1996, p.40) sobre a vida cotidiana, para a fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos “práticos” nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana.

⁷ Espaço, pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco em espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço (Mayol, 1996, p.40).

⁸ O bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido (Mayol, 1996, p.40).

de preservar relações e inovar práticas de convivência desenvolvidas por elas, com o intuito de fazer perdurar e dar continuidade ao movimento de socialidade local.

Era possível perceber no grupo a preocupação em agregar, acolher e dar suporte conforme a necessidade das famílias. O apoio antes restrito somente à mulher participante do Clube de Mães, agora ampliou-se as famílias dessas e outras mulheres se for preciso.

Nos últimos meses, percebemos o aumento da presença de crianças no Clube de Mães. No encontro do dia cinco do mês de maio de 2019, as mães trouxeram seus filhos pequenos e alguns brinquedos para entretenimento das crianças. As brincadeiras infantis remeteram às lembranças da infância, as crianças corriam umas atrás das outras, gritavam, riam sem parar, algumas até rolavam ao chão. Houve um momento em que pararam de correr, sentaram-se ao redor de uma pequena mesa de madeira de reaproveitamento de bobina de fios de metal em formato de círculo, conversaram em um tom um pouco mais baixo e combinaram novas brincadeiras. Um pouco mais calmas, brincaram com carrinhos e bonecas. Aproveitaram o espaço na quadra da Associação de Moradores anexa ao clube, enquanto as mães participavam das atividades com o grupo de mulheres.

Nesse dia, um pouco antes de iniciar as atividades, um carro com a inscrição Serviço Social do Comércio – SESC trouxe os produtos perecíveis (frutas e legumes) para ser distribuído, referente ao Programa Mesa Brasil⁹. As mulheres receberam estes mantimentos e depositaram na quadra onde as crianças brincavam. Do lado de dentro do salão, em um varal de madeira próximo à parede, estavam penduradas sacolas de lonas resistentes que foram confeccionadas por elas. Essas sacolas foram utilizadas para transportar os produtos perecíveis arrecadados.

9- O Mesa Brasil SESC é uma rede nacional de bancos de alimentos contra a fome e o desperdício. Seu objetivo é contribuir para a promoção da cidadania e a melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de pobreza, em uma perspectiva de inclusão social. Trata-se, essencialmente, de um Programa de Segurança Alimentar e Nutricional baseado em excedentes ou fora dos padrões de comercialização, mas que ainda podem ser consumidos. Para isso, o Programa promove atividades como cursos, oficinas e palestras para difusão de conhecimentos, troca de informações e experiências junto aos profissionais, voluntários e beneficiários das entidades sociais, bem como às empresas doadoras. Fonte: <http://sesc.com.br/mesabrasil/omesabrasil.html>. Acesso em junho de 2019.

Para se beneficiar do Programa é necessário ser assídua em suas participações, ficar do início ao fim dos encontros pois os produtos são entregues somente ao término das atividades do dia.

A forma prazerosa, afetual e sensível de acolher as mulheres que frequentam assiduamente ou esporadicamente esse espaço nos ajudou a definir o título da dissertação: Educação e socialidade: o vínculo societal no Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário no Município de Francisco Beltrão/Pr.

A complexidade do Bairro Jardim Seminário e tudo o que é possível agregar à vida que ele exprime, como as pessoas, as experiências, o cotidiano, as crenças, a religiosidade, as atitudes, os valores e as motivações para o encontro, são questões que apreendemos na investigação. O foco da pesquisa - Clube de Mães Divino Mestre, está intrinsecamente ligado ao bairro e, para compreendermos as relações de reciprocidade vividas entre as mulheres que frequentam o Clube de Mães, realizamos entrevistas narrativas como forma de captar as experiências vividas pelos sujeitos. Para complementar as informações, utilizamos como instrumento de coleta as anotações realizadas no Diário de Campo. Nele, realizamos apontamentos sobre as fontes de inspiração, as metáforas, as nanopercepções, as ações dos sujeitos observadas durante um período de convívio e análise do material coletado. Esses detalhes forneceram a possibilidade de enriquecer e fundamentar a escrita da dissertação. O material foi gravado e transcrito. As onze mulheres foram selecionadas a partir da observação e participação nas atividades do grupo. Demarcamos como requisito para participar das entrevistas: participação assídua nas reuniões e nas atividades relevantes para o grupo e tempo de frequência no clube.

A dissertação está estruturada em três sessões: na primeira, abordamos a metodologia, o problema de pesquisa, os instrumentos para a coleta de informações, os dados sobre os entrevistados e lócus de pesquisa. Na segunda, discorremos sobre a espiritualidade e as relações de convivialidade no Clube de Mães, demarcando como acontece a questão da socialidade. Na terceira seção, discutimos a potência subterrânea, as socialidades eletivas, dádivas e dons.



Eu aprendi a fazer crochê com uma senhorinha! A vizinha não podia caminhar, mas ela fazia crochê o tempo todo na cama, e eu era canhota, não tinha ninguém para me ensinar a fazer crochê e ela dizia, faz assim, faz assado, e eu aprendi a fazer crochê com ela!

(Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

I - CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: DECISÕES DE PESQUISA

Fotografia 1- Rua Venezuela, caminho de acesso ao Bairro Jardim Seminário.



Fotografia 2- Rua Arapoti, caminho de acesso ao Clube de Mães Divino Mestre.



Fonte: Registro, Maria Roziane Aparecida de Freitas Marques, maio de 2019.

As fotografias 1 e 2 registram parte do percurso para chegar ao lócus da pesquisa. A Rua Venezuela é o caminho de acesso ao Bairro Jardim Seminário e ao Clube de Mães Divino Mestre. Poderíamos dizer é por meio das avenidas ou ruas de uma cidade ou bairro que se baliza a possibilidade de observar o fluxo e a dinâmica da vida que transita naquele local.

Dessa forma, as ruas e avenidas têm a finalidade de dar passagem, fazer circular pessoas que se locomovem no ir e vir da vida urbana. Porém, ao observarmos perceberemos particularidades desse movimento. Ao compararmos as ruas das fotografias 1 e 2, identificamos as diferentes plantas ornamentais ao longo das calçadas. Na Rua Venezuela há maior diversidade de plantas: ao lado esquerdo vê-se uma fileira de árvores, pelo porte das copas já oferecem sombra. Ao lado direito não há calçada em toda sua extensão. Na frente de algumas casas percebemos pequenas palmeiras, arbustos e, mais à frente, pequenas árvores ainda em formação. Nesse trajeto moram algumas das mulheres participantes no Clube de Mães.

A Rua Arapoti não é extensa. No lado esquerdo aparenta ser estreita, talvez pela ausência da calçada e a vegetação avançar para além do meio fio. No lado esquerdo, ao longo da rua, há uma fileira de árvores de porte médio que sombreiam a fachada das casas, pois o sol, principalmente no verão quando posicionado ao Norte, causa

desconforto devido ao calor intenso e a forte luminosidade. Nesta rua também moram algumas mulheres que fazem parte do Clube de Mães Divino Mestre.

No final da rua avistamos por entre as árvores a cobertura da Associação de Moradores e, muito timidamente, quase que imperceptível, uma minúscula parte do Clube de Mães. Próximo ao local, em meio à vegetação, o leito do Rio Urutago serpenteia o Bairro Jardim Seminário e segue o curso em direção ao Parque Jaime Canet Junior. No interior do Parque ele faz curvas em várias formas, desliza discretamente por debaixo das pequenas pontes e é admirado pelos passantes que transitam no parque. Moradores de vários bairros da cidade frequentam este parque (principalmente dos bairros mais próximos) como é o caso do Bairro Jardim Seminário.

Quando volta de lá para seu bairro, é como se entrasse num espaço que contém as palavras do reconhecimento, conhecido pelo coração, surpreendente como as coisas que amamos, como um poema, “uma música”. O trajeto de retorno das partes modernas da cidade é escondido pela superação das etapas que levam progressivamente ao lar: começa-se a respirar, como isso faz bem, a carruagem sente a cavalaria (CERTEAU, 1996, p.157).

Para o autor, o bairro é reconhecido por aqueles que vivem no local. Sobre suas ruas incidem memórias, sentimentos e proximidade existencial em relação ao que é vivido neste espaço de familiaridade. Assim, na primeira seção apresentamos o trajeto percorrido até a escolha da temática de investigação. A metodologia, apresentada posteriormente, permite conhecer o problema e os objetivos da pesquisa para a elaboração da dissertação, com a apresentação da seleção de mulheres e os instrumentos para coleta de informações.

Para o início da pesquisa consultamos o Banco de Teses e Dissertações da CAPES com o indexador: clube de mães. Algumas dissertações de mestrado analisam o mesmo objeto, porém com suas particularidades teórico-metodológicas. Seleccionamos duas dissertações na área da Educação e outra em História Social, por entender que elas apresentam elementos pertinentes para esta investigação.

As dissertações selecionadas têm profundas distinções, mas foram significativas para a aproximação do campo de pesquisa. O que as torna relevante para a investigação são os elementos comuns que identificamos no interior de cada dissertação, a priori utilizamos algumas metáforas da obra de Maffesoli (2006) que indica a possibilidade de olharmos com profundidade o que se esconde na superfície de uma sociedade de massas. É nesse sentido que miramos para essas dissertações que discorrem sobre

religiosidade, afetividade, gênero, grupo, sensibilidade, vivência, cotidiano, identidade, cultura, identificação, agregação, dentre outros elementos fundantes do estar-junto. Nestes termos, a seleção das dissertações e das acepções que embasam o trabalho de pesquisa mantém a ideia central de apresentar forças e formas diversificadas que possibilitam narrar e escrever novas histórias.

Para selecionar as dissertações levamos em consideração o lócus da pesquisa - clubes de mães, marcados pelas diferentes realidades e, não obstante, a verticalidade nas hierarquizações sociais, políticas, econômicas que se estendem por todo o país. Curiosamente as dissertações se assemelham ao que Maffesoli (2006) nomeou de horizontalidade fraternal. Tal compreensão entende que os sentimentos agregam valor aos grupos, em suas ações e nos seus objetivos, o que o autor nominou de tribalismo. Nesta concepção, o tribalismo seria um fenômeno cultural que se configura além do social, do político e do econômico e se caracteriza nas novas formas sociais de viver em coletividade, que envolve sensibilidade vivida em comum que se aproxima de acepções como proxemia, socialidade, enraizamento, afetividade e o uso de metáforas que levam a uma profunda reflexão na passagem do moderno para o contemporâneo, o que significa “que nas massas, esse (re) encantamento tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum” (MAFFESOLI, 2006, p.65).

Nesta perspectiva, poderíamos adequar sob o olhar contemporâneo de Maffesoli (2006) o que ele denomina de multiplicidade de experiências, como exemplo apresentamos as dissertações de Rodrigues (2011) intitulada “Educar, assistir, moralizar: a experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte – CE (1960 - 1990)” e Grassi (2017) intitulada “Alinhavos e rasgos maternos: a (dês) educação da madrepósis no Clube de Mães Santa Rita de Cássia”. Neste trabalho, a autora se apropria do conceito de representação de maternidade e de emoções para sustentar a argumentação sobre o que é vivido pelas mulheres naquele espaço de multiplicidade. Lunardi (2009) na dissertação intitulada “Pedagogias produzidas por mulheres no Clube de Mães Mulher Gaúcha da zona rural de Santo Ângelo” Rio Grande do Sul, Lunardi (2009) demonstra as pedagogias que circulam naquele lugar. Assim, todas as dissertações mencionadas apresentam características da vida cotidiana e a forma como estas mulheres engendram o dia a dia. Neste cenário ganham destaque as metáforas maffesolianas que buscam compreender os fenômenos temporais na sociedade contemporânea. Para o autor, elas deslocam-se da restrição do individualismo para

delinear transformações subjetivas contemporâneas, entre elas: a identidade, o corpo, a sexualidade, o profissionalismo e a identificação com grupos de qualquer natureza que emergem na sociedade de massa por meio da socialidade vivida na coletividade e que tem pouca ou nenhuma visibilidade dependendo da forma como os estudos são produzidos.

Diante das análises pautadas nas teorias de Maffesoli (2006), entendemos que os clubes de mães são parte de um todo que se estabelece em diferentes realidades, são constituídos em comunidades enquanto grupos sociais que se articulam em redes, se movimentam com sinergia que se produz na vida diária. Para o autor, há processo agonizante das mutações sofridas no século XIX para o XX, do arcaico para o juvenil do tribalismo, que se configura como fenômeno cultural que modifica paradigmas o que Maffesoli (2006, p.5) chama de “conhecimento comum, o saber dos interstícios” como superação do saber dominante.

Lunardi (2009) aborda a importância do clube de mães na agricultura familiar regional, identifica e fundamenta seus escritos nas obras: *Pedagogia do Oprimido* (1981), *Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido* (1982), *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia da indignação* (2000), todas escritas por Paulo Freire. As contribuições e orientações da Emater/Ascar para manter a participação em grupo de mulheres do Clube de Mães Mulher Gaúcha da Zona Rural de Santo Ângelo, RS, foi importante o clube ter sua sede no CTG, é neste mesmo espaço que se realizam as missas e as festas da comunidade no distrito de Comandaí, interior de Santo Ângelo. Para a autora, a Emater entre outras contribuições, se encarrega em orientar sobre a importância de uma boa alimentação e aproveitamento de alimentos. Também conta com a colaboração das Associações dos Clubes de Mães–ACLUMASA, como forma de agregar valor à renda familiar e ter um local de convívio com efeito terapêutico. Lunardi (2009) acredita que o fato de as mulheres assumirem um lugar, de marcar um espaço, de aceitar a pesquisa e fazer parte dela, faz com que elas tenham a possibilidade de superar a “cultura do silêncio e por meio da partilha dos saberes e das emoções conquistarem outras visões de mundo, outras geografias e outras histórias construtivas de vida e convivência fraterna e solidária” (LUNARDI, 2009, p.108).

A dissertação de Rodrigues (2011), em *História Social*, aborda como as mulheres de Limoeiro do Norte (CE) conseguiram contribuir para que os clubes de mães fossem instituídos em suas localidades. Para isso, a autora analisou em sua

pesquisa os seguintes documentos: atas, projetos dos cursos oferecidos, estatutos e certidões de fundações dos clubes de mães e livros de Tombo da Paróquia de Limoeiro do Norte. A autora constatou que, para serem implantados, os clubes teriam que se caracterizar como “entidades de ação social destinadas ao fortalecimento das localidades as quais se acham inserida” (RODRIGUES, 2011, p.41). Para a autora, tais ações têm o intuito de dar prioridade às mulheres que são mães, para que elas participem de cursos e atividades que favoreçam o desenvolvimento local e que pretendam “promover o aprimoramento artístico e cultural da comunidade”. Aos clubes de mães cabe “realizar a promoção de mães pobres, bem como melhorar seu nível educacional, econômico, social e religioso, proporcionando o bem-estar do lar”. Em sua análise, a autora considera que há contraste entre a afetividade no mundo doméstico e a racionalidade no poder público. Assim, os clubes de mães podem ser entendidos “[...] enquanto ambiente de trabalho, de assistencialismo, ou todos esses aspectos juntos, são vivos os sentimentos de pertencer a uma organização e dar significado para sua condição feminina através desse espaço” (RODRIGUES, 2011, p.139).

Outro trabalho que contribuiu na escrita foi Grassi (2017). Na dissertação, a autora aborda o espaço de socialização, as marcas regionais e históricas do grupo, suas particularidades e a (dês) educação da madrespôsa (mãe biológica ou não/mulheres preparadas para desenvolver o ofício de mãe e esposa) de perpetuar-se no aspecto social da bondade feminina, cuidar de alguém a exemplo de Maria das Sagradas Escrituras. No Clube de Mães Santa Rita de Cássia, localizado na região administrativa Desvio Rizzo no município de Caxias do Sul (RS), as ações desenvolvidas pelas mulheres eram diversificadas.

Em seus encontros, entre uma conversa e outra, havia trocas de experiências de todas as formas: na culinária produziam pães, cucas e massas da cultura italiana, entre elas o spaguetti. Também desenvolviam trabalhos manuais, costuravam roupas infantis e colchas de retalhos. Em conformidade com as ações sociais e religiosas, essas confecções eram doadas para entidades da cidade. Também teciam fuxico, tricô, crochê, bordados e fabricavam sabão, todos esses produtos eram comercializados para manutenção do clube. A autora se apropriou do conceito de representação de maternidade para mostrar as ações desenvolvidas nesse clube de mães e, por meio deste referencial, foi possível observar que muitas mulheres exercendo aparente submissão conquistaram

e produziram novas subjetividades e recriaram suas vidas e as realidades nas quais estavam inseridas.

As dissertações mencionadas abordam a importância da existência dos clubes de mães como locais que permitem a efetividade de inúmeras ações que têm como marcas cotidianas: o acolhimento, a afetividade, a troca de experiências e as aprendizagens artesanais coligadas às experiências de atividades coletivas. O convívio e as reciprocidades de experiências vividas proporcionam às mulheres a oportunidade de se descobrir como seres¹⁰ capazes de mudar a si mesmas e transformar a sua realidade e a do local onde vivem, convivem e compartilham seus anseios e frustrações.

Nas três dissertações ficaram nítidas as percepções do movimento de articulações, ora explícita, ora implícita, do fazer das mulheres, tanto no ambiente do cotidiano de convívio mais íntimo, quanto nas práticas de ações externas que elas realizam e dão vida ao local.

Para dar suporte teórico-metodológico às ações contamos com as contribuições de: Certeau (2013), Maffesoli (1998, 2001, 2006), Silva (2009), Hall (2015), dentre outros. Estabelecemos na dissertação o diálogo entre etnografia e os estudos culturais. A seguir, apresentamos as demandas que nos levaram a desenvolver a pesquisa sobre o Clube de Mães Divino Mestre, no Bairro Jardim Seminário na cidade de Francisco Beltrão, PR.

1.1 Temas, problema de pesquisa e objetivos

Na área da educação encontramos poucas pesquisas que contemplem como temática de investigação a atuação dos clubes de mães. No entanto, há de reconhecer que “é nesse sentido que o cotidiano deve ser compreendido como laboratório alquímico das minúsculas criações que pontuam a vida cotidiana, como lugar da “recriação” de “si” e da manutenção da identidade que permite a resistência” (MAFFESOLI, 2001, p.18). Assim, analisar práticas da vida diária envolve olhar para as minúsculas criações

¹⁰ A lógica do “dever-se” o fato é que se trata de alguma coisa que é dificilmente admitida no procedimento intelectual. Tanto é verdade que sua inclinação natural (um peso estrutural?) o arrasta em direção ao longínquo, ao normativo, à elaboração da lei geral. Coisas que podemos subsumir à expressão “lógica do dever ser”. E em todas as tendências. De maneira um pouco sucinta, podemos dizer que todos esses procedimentos explicativos são centrífugos, sempre à procura de algo além do objeto estudado. É em oposição a isso que se situa um procedimento compreensivo que é deliberadamente centrípeta, que vai levar a sério seu objeto, mesmo que minúsculo. Cada coisa será analisada nela mesma, e por ela uma síntese ilusória. Ao dever ser, a história, o longínquo e a explicação centrífuga; ao contraditório, o mito, o próximo, e a compreensão centrípeta (MAFFESOLI, 2006, p.255).

cotidianas como produtoras de uma percepção de si e do mundo e que são ativas nos processos de identificação que podem significar continuidade ou resistência às formas e procedimentos estabelecidos em dada comunidade.

Poderíamos dizer que os clubes de mães são protagonistas e coadjuvantes das transformações culturais, históricas e econômicas e tornaram-se importantes reivindicadores de ações que estabelecem relação efetiva entre a política e o social.

Conforme (Maffesoli2006) o pensar e o agir coletivo sai de um período de individualidade e ausência de proximidade, para um período de proxemia¹¹, de atenção voltada para o cotidiano e suas vivências que tecem a trama comunitária que aproxima uns aos outros. Mesmo que ocorram divergências, a aproximação fortalece os grupos e as comunidades convergem em seus anseios culturais. Esse movimento gera vitalidade, potência e um enraizamento agregador que constitui a socialidade. Todos esses elementos mencionados podem ser utilizados como resistência ou transformação da identidade local, regional e até mesmo nacional.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2009, p. 21).

Para a autora, o distanciamento é característico do processo de globalização. A ideia de mercado global pode esmaecer o que acontece na circunvizinhança. De outro lado, também é possível objetar os padrões dominantes e fortalecer o enraizamento local e dar vigor aos processos de identificação. Na observação e participação das atividades do Clube de Mães, o que se percebe são mulheres com diferentes identificações, longe de ser um processo de homogeneização. A diversidade enriquece o convívio, contribui para a troca de experiências e para a manutenção e fortalecimento das identificações do grupo nas divergências sociais, políticas e econômicas. Hall (2009) contribui com Woodward (2009) ao discorrer sobre identidade e identificação.

¹¹ Proxemia: há momentos em o indivíduo significa menos do que a comunidade na qual ele se inscreve. Da mesma forma, importa menos a grande história factual do que as histórias vividas no dia a dia, as situações imperceptíveis que, justamente, constituem a trama comunitária. Esses são os dois aspectos que me parecem caracterizar o significado do termo “proxemia”(MAFFESOLI, 2006, p.198).

Hall (2009) observa que há algum tempo a discussão sobre identidade ganha corpo. Alguns discursos com base nos conceitos racionalistas do sujeito desconsideram a identidade integral, originária e unificada. Nas vezes em que o conceito essencialista aparece tende a sofrer críticas desconstrutivas para desfavorecer o conceito sobre identidade. Esse tipo de crítica tende a desconsiderar a possibilidade de superar conceitos inadequados e ultrapassados. Deixam de considerar o “eu”, “as concepções étnicas, raciais e nacionais da identidade cultural e da “política da localização” Hall (2009, p.105). Podemos pensar que identidade e identificação estão intrinsecamente ligadas, juntas têm a possibilidade de dar movimento à vida, a um grupo étnico, à cultura, a uma comunidade, a um bairro. As diferentes histórias em variadas épocas contribuem para dar a sensação de continuidade histórica.

Na análise de Hall (2009) a identificação, poderia ser chamada de “jogo” da diferença, pelo fato de que ela não é estática e se movimenta sem prender alguém a um objeto. Esta transição da procura da identidade a uma identificação faz pensar que a identificação poderia ser a extensão da identidade. Seriam estratégias para modificar a situação estável da identidade. Assim, não caberia dar continuidade, pensar a identidade do início ao fim da história sem sofrer qualquer mudança. Ao se identificar com determinado grupo, o sujeito estaria modificando seu agir, pensar e a identidade. “Identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (HALL, 2009, p.106). Os parágrafos a seguir demonstram algumas semelhanças nas teorias de Hall (2009) e Maffesoli (2006) ao se considerar o “nós” como elementos que compõem a coletividade ou agrupamento. Enfim, demonstram algum tipo de afinidade cultural por meio do convívio societal.

O Clube de Mães Divino Mestre com todo seu vitalismo, sua intensidade e dinamismo, se insere no que Maffesoli (2006, p.6) nomeou de “tribalismo” e o definiu como “fenômeno cultural” pós-moderno. Valemo-nos desses conceitos para partirmos das “próprias coisas” nativas do grupo de mulheres e aprofundarmos as análises considerando-os elementos agregadores inscritos no modo de viver, agir e pensar de um grupo de mulheres que estão inseridas no contexto social do Bairro Jardim Seminário na cidade do Município de Francisco Beltrão PR. Assim, “trata-se de um querer-viver-coletivo” (MAFFESOLI, 2006, p.115).

As decorrentes transformações sociais, políticas e econômicas não impedem, mas impulsionam grupos e pessoas a transpor barreiras, a se posicionar e resistir em defesa daquilo que acreditam. O convívio com diferentes pessoas que ocupam o mesmo espaço possibilita novos perfis de identidade, talvez como garantia de sobrevivência ou vínculo com o outro, na imanência¹² do viver. Ao entendermos que um grupo de mulheres do Clube de Mães buscam a afirmação de identidade, é relevante levar em consideração que elas são diferentes em suas identidades, porém há identificação em suas ações de afetividade e de atenção. Diante disso, desenvolvemos a argumentação de que o convívio com outras mulheres fez nascer a consciência pelo respeito e a partilha. A partir deste pressuposto delineamos o problema e os objetivos de pesquisa.

Dessa forma, definimos por objetivo geral conhecer o processo de afirmação de identidade e vivência de um grupo de mulheres que atuam no Clube de Mães Divino Mestre no Bairro Jardim Seminário na cidade de Francisco Beltrão, Paraná. Os objetivos específicos consistem em: (01) identificar como ocorre a afirmação de identificação cultural de um grupo de mulheres no contexto do Bairro Jardim Seminário; (02) compreender o significado de “ser mulher” para os sujeitos da pesquisa; (03) analisar os marcadores culturais responsáveis pela manutenção do vínculo societal. Após delimitarmos os espaços e os objetivos estabelecidos, a problemática da pesquisa foi expressa na pergunta: como se constrói o vínculo societal entre as mulheres participantes do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário? Para entender o vínculo societal existente no grupo, pesquisamos o Clube de Mães Divino Mestre no Jardim Seminário em Francisco Beltrão – PR. A abordagem utilizada na pesquisa foi etnográfica, cujo significativo será apresentado a seguir.

1.2 Etnografia: escolhas e decisões de pesquisa

A dissertação se desenvolveu como pesquisa qualitativa que utilizou a etnografia como abordagem de investigação. Por meio da densa descrição, compreendemos a interação social entre um grupo de mulheres atuantes no Clube de Mães Divino Mestre no Bairro Jardim Seminário, na cidade de Francisco Beltrão, PR.

¹² Imanente: conjunção que pode permitir libertar uma ordem imanente ligada ao “meio físico”, ao “campo concreto” onde se exerce a vida social. [...] existe uma lógica societal que, embora não obedecendo às regras bastante simples do racionalismo monocausalista, não é menos real. [...] podemos dizer que existe uma racionalidade aberta conectando os diversos elementos da realidade societal, sem reduzi-los a qualquer visão sistemática (MAFFESOLI, 2006.p. 256).

Utilizamos alguns elementos da etnografia para coletarmos as informações necessárias para a pesquisa, tais como observações, entrevistas narrativas gravadas e transcritas, registro fotográfico e análise documental (atas e demais documentos).

A etnografia nos permitiu discorrer sobre o visível. Nos empenhamos em uma descrição etnográfica de qualidade, por meio das observações das microrrelações do grupo de mulheres, ampliação do conhecimento sobre o contexto em que o Clube de Mães está inserido e dedicação para entender as práticas e as ações de compartilhamento empreendidas pelo grupo.

A pesquisa transitou por diferentes itinerários. Para nos acompanhar, entre outros autores, buscamos respaldo em Bhabha (1998, p.19) que afirma “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. Esses elementos são intrínsecos à cultura e estão presentes na socialidade e na vivência, independente do grupo em uma sociedade de massa.

O Clube de Mães com sua “autonomia minúscula” (MAFFESOLI, 2006, p. 81.) resiste com a energia e a complexidade interior que carrega. Entre elas está esse conjunto de transições de fases colocadas em evidência por Bhabha (1998)¹³ agregado ao que Maffesoli (2006, p.140)¹⁴ chamou de laço de reciprocidade que não se ajustam a lógica individualista, sociopolítica e ideológica. Existe um movimento diferenciado que dá vida a essas estruturas, a esse conjunto de transições e organicidade.

Essas estruturas são construídas por meio de ações que são práticas de resistência diluídas em microgrupos inseridos no vai e vem da massa. Tais práticas provocam um movimento, consciente ou inconsciente, razão pela qual se justifica o modo de vida que caracterizam as células de base. Essa organicidade deseja alcançar o equilíbrio por meio do vivido, das ações na vida cotidiana a afetividade, o estar junto, a

¹³ Quando Bhabha (1998, p.19) diz que “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” [...], o que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entrelugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação—singular ou coletiva, que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

¹⁴ Conforme Maffesoli (2006, p.140) trata-se, de algum modo, de um laço em que o intercruzamento das ações, das situações e dos afetos formam um todo. Daí a metáfora: dinâmica da tecelagem, e estática do tecido social. Assim, tal como a *forma artística* se cria a partir da multiplicidade dos fenômenos reais ou fantasmáticos, também a *forma societal* poderia ser uma criação específica, partindo dos minúsculos fatos que são os fatos da vida cotidiana. Esse processo faz, portanto, da vida comum uma forma pura, um valor em si.

linguagem, entre outros, que corroboram com as práticas culturais em busca de se consolidar (não de forma fixa), por um momento transitório, a identidade ou identificação. Esses elementos descritos revelam-se por meio da cotidianidade e vivência do grupo de mulheres atuantes no Clube de Mães Divino Mestre.

A etnografia é a forma que encontramos para descrevermos as peculiaridades da cultura enquanto produção histórica. Está inserido no movimento do contexto do Clube de Mães, assim como o bairro, o modo de vida das pessoas, a convivência e as vivências entre o grupo de mulheres, os signos que representam o significante e o significado, a linguagem em comum, as relações de gênero e a religiosidade. Tentamos nos aproximar ao máximo possível de uma descrição do todo, nele estão inscritos elementos constituintes da particularidade de um grupo e sua etnologia. Quando nos referimos à importância de entender a religiosidade, convém demarcar que não fazemos menção às igrejas ou às instituições que dizem administrar a fé, mas às formas como os sujeitos constroem as explicações sobre a religiosidade.

A escolha para a pesquisa desse clube de mães ocorreu, especificamente, por meio da afinidade com algumas mulheres do grupo, pois por algum tempo, moramos no mesmo bairro. Os anos de convivência foram tempo suficiente para percebermos e sentirmos os elementos como a vida, o trabalho, a amizade, a solidariedade e a tentativa de preservar valores que acreditavam dar base às práticas do convívio social e familiar.

Utilizamos como desenho metodológico os apontamentos de Gaskell (2002, p. 63), quando afirma que a pesquisa qualitativa tem por “objetivo a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos pessoais específicos” para, de alguma forma, “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”. Para acessar as informações utilizamos os seguintes instrumentos de coleta:

a) Entrevistas narrativas.

As entrevistas são formas privilegiadas para a compreensão das relações vividas entre os atores sociais. Assim, as entrevistas narrativas foram combinadas em atividades individuais, porém no transcurso da pesquisa houve pedido por parte das mulheres para realizarmos uma das entrevistas com uma dupla de senhoras, frequentadoras do Clube de Mães. Diante disto, duas mulheres foram entrevistadas conjuntamente e elas se sentiram mais seguras ao relatar os fatos e atividades que compartilharam no Clube de Mães desde os primeiros encontros. No transcorrer da atividade quando uma esquecia

algum detalhe, a outra complementava e, desta forma, foram se encaixando as peças de um jogo de quebra-cabeça, tal como assevera Gaskell (2002, p.73) “no decurso de tal entrevista, é fascinante ouvir a narrativa em construção: alguns dos elementos são muito bem lembrados, mas detalhes e interpretações falados podem até surpreender o próprio entrevistado”.

É importante refletir sobre as indicações de Jovchelovitche Bauer (2002, p.94) no que se refere às fases da entrevista narrativa: “a entrevista narrativa se processa através de quatro fases: ela começa com a iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva”. Assim procedemos: após gravar a fala das entrevistadas, com o aparelho desligado, continuávamos a conversar e, naquele momento, podíamos perceber a profundidade dos sentimentos, do respirar lento e espaçado, às vezes o estreitar dos olhos ao olhar para o horizonte, parecia uma tentativa de encurtar o caminho até a rememoração, de procurar o lugar onde estariam repertório de lembranças. Para as entrevistadas, nos pareceu que aqueles momentos de reminiscência se apresentavam como tentativas de reencontrar experiências vividas com profundidade, mas que, ao mesmo tempo, estavam ali na superfície: no olhar, nos gestuais, na fala, na demonstração dos sentimentos, na saudade.

Desse modo, o momento da narração se converteu em tempo de reencontrar consigo mesma e com aquelas que fazem parte do grupo de referência. A afetividade, a paciência ao ensinar e aprender, o estar junto e o prazer pelo convívio naquele coletivo foram constantes nas narrativas. Poderíamos afirmar que esses movimentos do vivido são pedaços do passado recriados e atualizados pelas mulheres no momento da narrativa. Assim, rememorar se assemelha à montagem de um jogo de quebra-cabeça, no qual a figura é sempre cambiante dependendo da possibilidade rememorativa do sujeito, do espaço em que acontece a narração e da escuta atenta do entrevistador. Não existe uma figura fixa, os fragmentos de memória compartilhados em um grupo são elementos que auxiliam a evocar memórias dos demais.

A memória “a mais banal das companhias nos momentos regulares da vida individual e coletiva, a memória contribui para construir a realidade presente” (BALANDIER, 1999, p. 46). A memória recria fragmentos do passado, contribui para dar sentido à vida presente. Seria impossível pensar o passado e o presente sem levar em consideração a temporalidade, pois não existe

[...]um tempo passado único, os grupos estão ligados diferentemente

ao “tempo coletivo”, não há para cada um deles, nem o mesmo conteúdo, nem a mesma extensão. E cada indivíduo, membro de inúmeros grupos, mergulha sucessivamente em inúmeros tempos coletivos (BALANDIER, 1999, p. 49).

O passado vivenciado em conjunto por pessoas de um mesmo grupo e de um tempo em comum trazem na memória elementos que convergem e que divergem, mas que permitem conhecer e escrever a história daquele grupo, daquele local, em determinado tempo. Assim,

Este é percebido como “aberto sem fim nem começo”, como uma sucessão de momentos desligados de todo passado e de todo o futuro irreversível; contam somente o instante e sua gênese de formas, de imagens. Com as obras de ficção científica, o tempo se torna de alguma forma paradoxal, ilustra os paradoxos da física teórica aumentando-os. Seu escoamento pode ser suspenso e manter a ilusão de um presente perpétuo, ser invertido e permitir o reencontro com o passado e a ida para o futuro. Às vezes se descobre sob a forma de um labirinto do qual é preciso apreender os contornos e desvencilhar-se das armadilhas. Essa figuração pelo Dédalo¹⁵ é a mais reveladora, exprime a relação problemática com as temporalidades atuais, as produzidas pela sobremodernidade (BALANDIER, 1999, p. 59-60).

Poderíamos tentar aproximar as histórias narradas pelas mulheres do Clube de Mães com a mitologia de Dédalo¹⁵ apresentada por Balandier (1999), ao mencionar que se faz necessário por questão de sobrevivência aprender os contornos complexos produzidos pelo o que ele chama de sobremodernidade. O que seria o mesmo que pós-modernidade ou contemporâneo, mencionado por Maffesoli (2006). Com a intenção de entender como seriam esses contornos complexos, é relevante levar em consideração a “conjunção que parece estar conforme às grandes características sociológicas do momento” (MAFFESOLI, 2006, p.246). Relativizemos com a forma, o corpo social, a proxemia e a convivialidade que dá vida a socialidade e por meio das narrativas iniciou a pesquisa.

Antes de começar as entrevistas explicamos com máximo de cuidado e

¹⁵Hoje, o mito do Labirinto, de Dédalo e do Minotauro é o que parece ilustrar melhor as interrogações: [...] o que pode fascinar é muito mais que lembrança de uma grande e longínqua civilização desaparecida, cuja modernidade foi celebrada por seus descobridores do século passado. É um mundo político que encerrava em si, prisioneiro do Labirinto, o poder não domesticável e sempre ameaçador. O mito ainda *fala*. Designa os poderes em expansão, sua ambivalência e seu avanço cego, suas armadilhas; e a potência nascida de uma civilização até então impotente para controlá-lo inteiramente. Joga luz sobre um mundo onde a desordem parece dissolver a ordem, onde a complexidade crescente desencoraja qualquer emprego de uma lógica coerente, onde os sinais estão confusos e onde o homem busca os signos que possam demarcar seu trajeto (BALANDIER, 1999, p. 10-11).

transparência, quais eram as intenções da pesquisa. Explicitamos que gostaríamos de conhecer como elas desenvolvem suas ações, entre outras informações que consideramos relevantes sobre o Clube de Mães¹⁶. Tão logo organizamos o *corpus* da investigação, iniciamos o processo de seleção das entrevistadas e a coleta dos depoimentos.

Jovchelovitche Bauer (2002, p.95) orientam que em uma entrevista narrativa “o ponto crucial da tarefa é traduzir questões exmanentes em questões imanentes, ancorando questões exmanentes na narração, e fazendo uso exclusivamente da própria linguagem do entrevistado”. Tomamos esse cuidado ao transcrever e reproduzimos a linguagem utilizada pelas entrevistadas. Outro fator importante para levar em consideração é o processo de seleção dos sujeitos. As mulheres foram selecionadas a partir de observações da participação delas nas atividades do grupo. Demarcamos alguns requisitos para selecionar as mulheres que coletaríamos os depoimentos: ser assídua, participar com desempenho relevante nas atividades e tempo de frequência no Clube de Mães. Muitas vezes, no processo de externalizar o pensamento, o sujeito sistematiza determinadas percepções sobre sua vida e participação no grupo. Para complementar as informações utilizamos, também, outros instrumentos de coleta de dados.

b) Diário de campo.

O Diário de Campo contém informações importantes. Nele estão inscritos, de forma minuciosa, as observações coletadas pelo pesquisador no transcurso da pesquisa. Contém as fontes (inspirações), metáforas, nanoperccepções e as ações das mulheres observadas durante a participação e a coleta de dados do grupo.

As anotações no Diário de Campo trouxeram informações que permitiram corporificar a pesquisa, ainda que, muitas vezes e sem que iniciávamos a coleta, a vitalidade do cotidiano impusesse arranjos e rearranjos que compõem os instrumentos de coleta.

c) Análise documental.

Entendendo que as atas, as fotografias e demais materiais produzidos pelas

¹⁶Todas as entrevistas estão autorizadas por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de Uso de Imagens. As entrevistadas autorizaram o uso do nome, de suas imagens, entrevistas e transcrições sem alterar a linguagem própria e as fotografias do acervo do Clube de Mães Divino Mestre, também os demais documentos que viessem a contribuir para a escrita da dissertação.

mulheres podem apresentar indícios da vida coletiva e das ações empreendidas por elas no grupo, decidimos coletar e analisar documentos que ajudassem a esclarecer o problema de investigação. As informações foram criteriosamente decodificadas a fim de gerar conhecimento que contribuísse para a pesquisa.

Em um documento de duas páginas consta a forma como se constituiu a primeira Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário, no ano de 2000. O bairro anteriormente era denominado Alto Boa Vista e pertencia ao Bairro Vila Nova.

Por meio de correção de divisas, foram desmembrados do Bairro Vila Nova o Bairro Miniguaçu e o Bairro Jardim Seminário¹⁷. No dia 09 de maio de 2002 foi realizada a primeira reunião para a fundação do Clube de Mães. Nesse dia, também, receberam um manual de instruções para estudar o Estatuto dos Clubes de Mães e, de acordo com este documento de base, organizaram as formalidades legais para criar o Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.

Figura 01 - Localização do Bairro Jardim Seminário

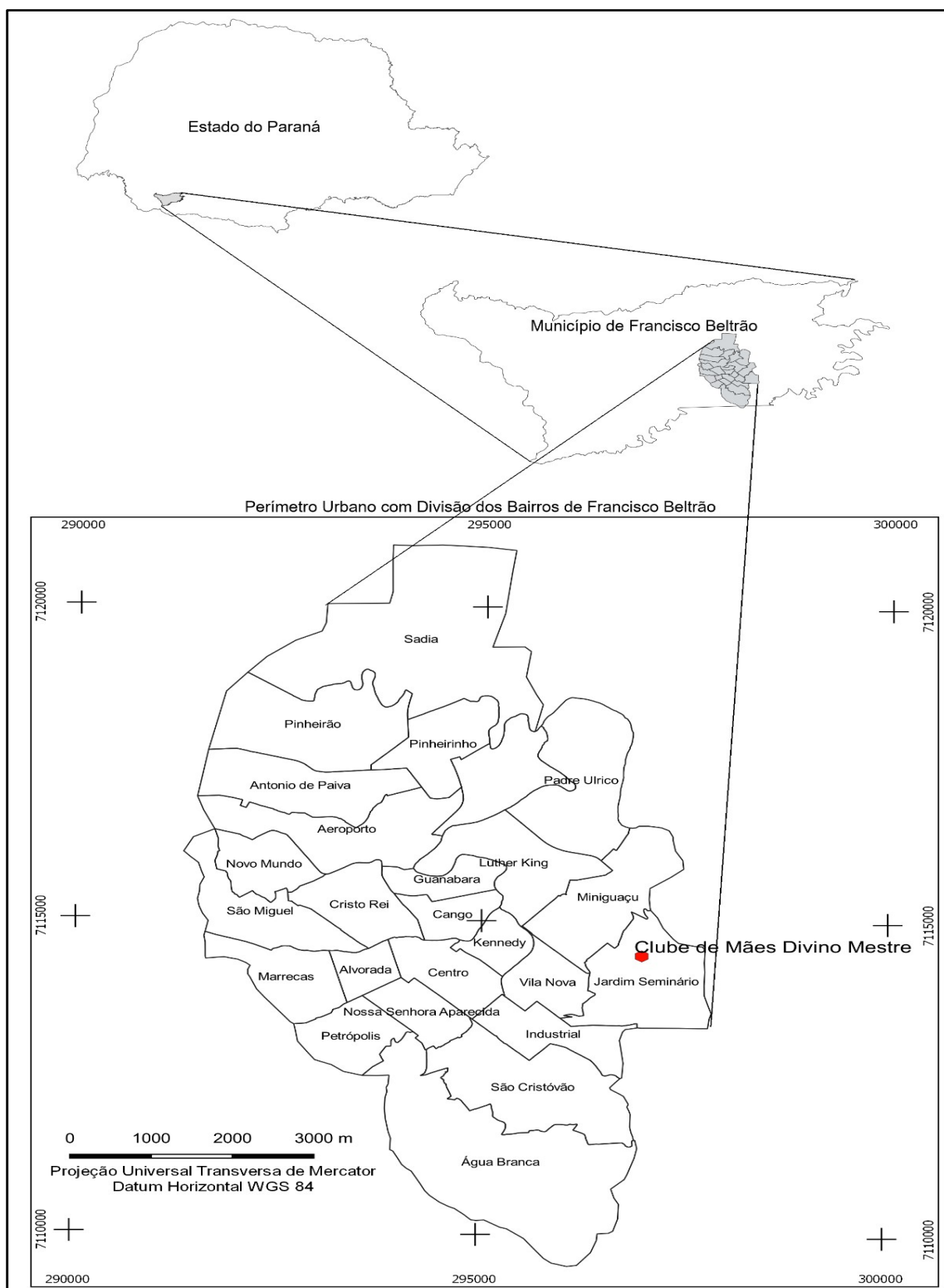


Fonte: <https://www.google.com/search?q=mapa+do+bairro+jardim+semin%C3%A1rio+em+francisco+beltr%C3%A3o+pr&oq=mapa+do+bairro+jardim+semin%C3%A1rio+em+francisco+beltr%C3%A3o+pr>. Acesso 19/11/2019.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

¹⁷Jardim Seminário é um dos 29 bairros pertencentes à cidade de Francisco Beltrão, Paraná. Quantidade de Empresas: 8. Quantidade de ruas: 69. Cidade: Francisco Beltrão. Estado: Paraná. Existem no Bairro Seminário aproximadamente 8 estabelecimentos comerciais distribuídos entre vários segmentos da cadeia do comércio, serviço, indústrias, dentre outros.

Mapa 01 - Localização do Clube de Mães Divino Mestre no Bairro Jardim Seminário



Fonte: Andres, 2019.

No manual de instruções encontramos a informação que uma segunda reunião aconteceu no dia 25 de maio de 2002. A finalidade desta reunião foi sugerir nomes das

peessoas para compor a chapa da primeira diretoria que, posteriormente definida, tomaria posse no dia 06 de julho do mesmo ano. Inicialmente foi denominado de Clube de Mães Jardim Seminário, depois de algum tempo (o documento não faz a marcação precisa do tempo decorrido), passou a se chamar Clube de Mães Divino Mestre.

Encontramos o registro da primeira Ata do Clube de Mães Divino Mestre, com a data de 21 de fevereiro de 2013 e assim sucessivamente nos anos subsequentes, até o ano de 2019. Realizamos uma entrevista com a Coordenadora dos Clubes de Mães do Município de Francisco Beltrão, a Senhora Eva Cadore Martins dos Santos, mais conhecida por Fátima. A depoente frequentou um dos clubes de mães no centro da cidade de Francisco Beltrão desde seus doze anos de idade (1975). Posteriormente, na vida adulta, atuou como coordenadora dos clubes de mães. Ela relatou que acompanhou a trajetória desse grupo de mulheres desde a década de noventa. Atualmente conhecido por Clube de Mães Divino Mestre.

Segundo a Coordenadora, existe uma história de luta, resistência e persistência que antecede o ano de 2002. A história do Clube de Mães iniciou em março de 1996. No período inicial, aproximadamente durante cinco anos, houve perda das atas devido às várias mudanças no local de realização das reuniões. A depoente ainda guarda algumas anotações dispersas sobre este período. Consideramos a coordenadora como uma narradora privilegiada. Por meio da sua narrativa, tivemos a possibilidade de acessar momentos que permitiram identificar as continuidades das ações desenvolvidas pelo grupo de mulheres. De 1996 a 2001, houve o extravio das atas, no entanto, as mulheres continuaram desenvolvendo as atividades inerentes a um Clube de Mães.

d) Observação e descrição.

A ação que depreendemos por meio do trabalho de campo nos afasta da racionalidade, exige sensibilidade e atenção do observador. Observar não somente com a intenção de captar cenas, mas aguçar a própria sensibilidade diante do vivido e apresentá-la o mais próximo da realidade. Foi com essa intenção e por meio da descrição que apresentamos o convívio, as ações e o vínculo societal em um grupo heterogêneo de mulheres participantes do Clube de Mães. A intenção da escrita por meio da observação e descrição evidenciam a socialidade e pluralidade do grupo.

A escolha da descrição na composição do trabalho científico, para o racionalismo, pode ser tomada com simplificação, como prática em suspeição porque elege e dá centralidade ao visível, ao sensível, ao aparente, ao mundano. O desejo instrumental de acompanhar o

movimento e escrever-lhe os contornos, desobrigando-se, a princípio, de pensar a vida social a partir de um devir, pode parecer pouco complexo (MARQUES, 2008, p. 25).

Por algum tempo observamos as vivências e convivências do grupo de mulheres no Clube de Mães. Coletamos materiais que pudessem ajudar a compor a investigação sem pretensão de concluir, mas de mostrar o visível, o movimento e as possibilidades do grupo de mulheres.

A eflorescência do vivido apela a um conhecimento plural, em que a análise disjuntiva, as técnicas da separação e o apriorismo conceitual devem dar a uma fenomenologia complexa que saiba integrar a participação, a descrição, as narrativas de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos (MAFFESOLI, 2006, p. 245).

A possibilidade de acesso às particularidades da vida, da vivência e das ações de um grupo de mulheres proporcionam a oportunidade de apresentarmos uma das particularidades da efervescência contemporânea, representada pelo vínculo societal e a socialidade em um Clube de Mães.

d) Registro fotográfico.

As visitas ao Clube de Mães Divino Mestre, o convívio e a aproximação com o grupo de mulheres proporcionaram acesso ao acervo fotográfico do grupo em questão.

Por meio das fotografias foi possível acompanhar a trajetória, a persistência mediante das dificuldades, os enfrentamentos, a superação das dificuldades e contar a própria história, não como linear, pois “trata-se de um retorno do vitalismo” (MAFFESOLI, 2006, p. 27) por meio do conjunto de ações solidárias desenvolvidas e praticadas pelo grupo de mulheres que favorece o corpo coletivo.

A cada atividade que realizávamos nos encontros das quintas-feiras, no período vespertino, uma espécie de história imagética (fotografias) acontecia: registrávamos os momentos de descontração, a roda (círculo) do chimarrão, a feitura dos bordados, o cerzir das roupas e materiais para uso doméstico, o crochê, o tricô, as dinâmicas de grupo e outras atividades realizadas pelas mulheres.

Sabemos que as fotografias, tal como sustentam Bauer e Gaskell, (2002, p.79) “podem ajudar a recordar detalhes daquele momento, eternizado naquela imagem, trazer a luz recordações valiosas”. Os autores afirmam que as fotografias enriquecem e inspiram a escrita, pois a “[...] imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece

um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais concretos materiais” (BAUER E GASKELL, 2002, p.135). Sem esse recurso sentiríamos dificuldades para registrar em detalhes a história do grupo de mulheres do Clube de Mães. Dessa forma, por meio das fotografias, das narrativas, das observações, das anotações no Diário de Campo constituímos o *corpus* da investigação.

1.3 Sujeitos da pesquisa

Um componente do processo de investigação é conhecer as mulheres, sujeitos da pesquisa. Entrevistamos mulheres que participam do Clube de Mães Divino Mestre. Na apresentação das entrevistadas ressaltamos a idade, naturalidade, profissão, escolaridade, estado civil, há quanto tempo frequentam o Clube de Mães Divino Mestre e o que ele proporciona em suas vidas.

Na sequência apresentamos as fotografias das entrevistadas. As fotografias são expostas por ordem de entrevistas. A princípio havíamos combinado com as mulheres entrevistadas que nas transcrições e no corpo do texto da dissertação utilizaríamos números e não seus nomes. Porém, no decorrer da pesquisa, percebemos que as mulheres- sujeitos da pesquisa, querem ser identificadas e, de certa forma, romper com a invisibilidade que estão submetidas. Assim, decidimos proceder a identificação do grupo de entrevistadas usando seus nomes e fotografias. Consideramos justo que seus nomes fossem citados no transcurso da dissertação. Desse modo, por consenso do grupo de mulheres, foi autorizado divulgação dos nomes, fotografias e que as entrevistas fossem transcritas sem alteração das características da linguagem por elas utilizadas. Foi nos concedida a autorização de uso de imagens¹⁸, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

¹⁸ Imagens: estão realçadas as cores, as formas, a multiplicidade de símbolos, tempo transcendência, memória e grupo[...]. Evocamos a lembrança dessa figura para explicar a forma como compomos a pesquisa (Marques, 2008, p. 22).

Mulheres participantes do Clube de Mães Divino Mestre – entrevistadas:

Você vive mais quando você participa da comunidade, você faz alguma coisa para alguém, não sei se é porque na minha vida toda eu trabalhei com pessoas, eu acho assim que é vida, é vida e vida longa! E você tem uma história para contar! Eu vivi isso, eu fiz aquilo, eu ganhei aquilo, não é legal? Não é gratificante? Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019.

Fotografia 3 - Marines Semler

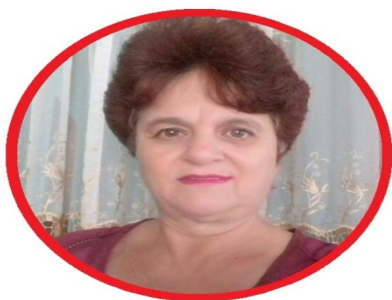


Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

50 anos. Nascida no Município de Verê, Estado do Paraná, no dia 24/01/1969. Participa do clube há 19 anos. Profissão: do lar. Sai muito cedo para ir ao sítio tirar leite, ao retornar à cidade, vai ao banco e dá continuidade a outros afazeres a serviço da pequena empresa de lenha e carvão da família. Mora em frente ao Clube de Mães, por esse motivo é com ela que ficam as chaves do clube. Fez parte da diretoria por três vezes. Com os filhos morando fora, aumentou o trabalho no sítio, por isso achou por bem não fazer parte na diretoria devido à falta de tempo. Frequenta como participante todas as quintas-feiras. Entende que para assumir a diretoria tem que estar à disposição dos afazeres do clube. Divide seu tempo entre o sítio, empresa, casa, e o clube. Ajuda conforme a disponibilidade e sempre que pode traz mais participantes. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: felicidade, por poder ajudar as pessoas, isso a realiza, acredita que está dando continuidade ao legado que sua família deixou sempre visitar as pessoas. Diz que ali ela se encontra, faz o que seu pai e mãe sempre fizeram: ajudar as pessoas carentes. Enfatizou a importância da imparcialidade para viver em grupo (Marines Semler, entrevista no dia 02/05/2019).

Fotografia 4- Hilda Leodoro

61 anos. Nascida em Treze Tílias, Estado Santa de Catarina, no dia 26/12/1957. Participa do clube há 20 anos. Profissão: do lar. Pessoa de alegria contagiante, extrovertida, gosta de contar piadas, animar o grupo. É muito participativa nas ações do Clube de Mães. Atualmente está participando da diretoria da Associação de Moradores. Sente satisfação em dizer que faz vinte anos que arrecada prendas para o bingo, que acontece a cada dois meses no Clube. Divide seu tempo entre a família, os afazeres domésticos e suas ações no grupo de



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Fotografia 5 - Sueli Braz



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

mulheres. Gosta da forma com que trabalham no clube, todas as medidas adotadas, distribuições de tarefas, decisões em conjunto com as demais colaboradoras. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: trabalhar, participar das atividades do clube é tudo. Faz bem para saúde mental. Se sente bem em fazer parte do clube (Hilda Leodoro, entrevista no dia 08/05/2019).

59 anos. Nascida em Francisco Beltrão, Estado do Paraná, no dia 11/03/1960. Participa do clube há 18 anos. Profissão: do lar, mas já trabalhou de cozinheira. Aceitou prontamente o convite para dar entrevista, expôs às demais colegas a importância de colaborar. Relatou que levava com ela os filhos pequenos, um casal de gêmeos, época que antecede o ano de 2002. Não havia quem pudesse ficar com as crianças. Ela divide seu tempo em cuidar da casa, da família, da irmã que necessita de cuidados especiais. Em dezoito anos interrompidos que participa das ações do Clube de Mães, poucas vezes precisou faltar. Ministrou o primeiro curso de cestas confeccionadas com jornais. De acordo com sua narrativa sempre auxiliou outras mulheres em diferentes cursos e outros tipos de artesanatos. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: a união, a saúde, a amizade, a satisfação em ensinar e aprender, o prazer em ajudar as pessoas. Diz que o clube a ajudou na educação dos filhos por meio de palestras ofertadas pelo Serviço Social do Comércio - SESC (Sueli Braz, entrevista no dia 08/05/2019).

Fotografia 6 - Odila Zanella



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019

84 anos. Nascida em Sananduva, Estado do Rio Grande do Sul, no dia 31/07/1935. Participa do Clube há 23 anos. Profissão: do lar, agricultora aposentada. Dona Odila, mulher de semblante sereno, simpática e atenciosa, fez questão de colaborar com a entrevista. Divide seu tempo entre a família e o Clube de Mães. Participa no grupo de mulheres desde o início. Reconhece o avanço significativo em relação à harmonia do Clube de Mães. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: oportunidade para conversar com as pessoas, o convívio com o grupo, o respeito, as amizades, segue as orientações nas palestras relacionadas à saúde, vê o grupo como uma família, gosta muito de participar das ações do Clube de Mães (Odila Zanella, entrevista no dia 16/05/2019).

Fotografia 7 - Isabel Rossi da Costa



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019

79 anos. Nascida em Constantina, Estado do Rio Grande do Sul, no dia 27/04/1940. Participa no clube há 20 anos. Profissão: professora aposentada. Frequentadora assídua do Clube de Mães, colabora com as ações realizadas pelo grupo de mulheres. De uns cinco anos para cá, percebeu um avanço significativo em relação à harmonia do Clube de Mães. Divide seu tempo com a família e com as participações no Clube de Mães. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: o cuidado com a saúde, gosta das palestras sobre saúde com enfermeiras e médicos, a solidariedade as pessoas que são necessitadas, a união do grupo, o convívio com as pessoas (Isabel Rossi da Costa, entrevista no dia 16/05/2019).

Fotografia 8 - Olinda Reolon



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019

70 anos. Nascida em Constantina, Estado do Rio Grande do Sul, no dia 18/10/1949. Participa do clube há 20 anos. Profissão: do lar. Mulher dedicada à família, doa-se à solidariedade. Divide seu tempo com a família e com os afazeres da Paróquia São José junto à comunidade, faz visitas aos doentes e leva comunhão às pessoas acamadas. Adora rezar, frequenta a Capela Santa Catarina, conhecida por Igreja de Pedra, no Bairro Industrial. Já foi presidente do Clube de Mães. Trabalhou voluntariamente na Pastoral da Saúde. No clube, atualmente, tem preferência pelas atividades mais simples: fazer chimarrão, acolher quem precisa, arrumar as mesas para o lanche e ser solidária com quem precisa. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: seu trabalho voluntário ajuda a manter sua saúde, é um local de solidariedade, amizade, é uma benção. (Olinda Reolon, entrevista no dia 16/05/2019).

Fotografia 9 - Maria Aparecida Marques



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019

54 anos. Nascida em Martinópolis, Estado de São Paulo, no dia 17/03/1966. Participa do clube há 06 anos. Profissão: do lar. Frequentadora assídua, atribui sua saúde ao convívio no clube, ajuda em todas as atividades internas, adora fazer crochê, sente prazer em produzir artesanato. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: a libertação, a cura, o incentivo, a participação, a força espiritual, a amizade, a confiança, o estar-junto, o convívio afetoso, oração e perseverança, faz muito bem para sua vida (Maria Aparecida Marques, entrevista no dia 16/05/2019).

Fotografia 10 - Eva Cadore Martins dos Santos (Fátima).



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

54 anos. Nascida em Francisco Beltrão, Estado do Paraná, no dia 08/09/1964. Curso: Gestão de Negócios/Gestão Pública. Funcionária Municipal do Departamento de Cultura. Atua como Coordenadora dos Clubes de Mães do Município de Francisco Beltrão, Paraná, há 15 anos. Tem atenção especial com os clubes de mães do município. Elogiou o grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, as admira pelo esforço e dedicação à comunidade, a solidariedade vai além do Clube de Mães, não medem esforços em se tratando de prestação serviços à comunidade. É uma História que marca. Relembrou a delicadeza com que servem o chá muito gostoso, o chimarrão, o lanchinho! São mulheres batalhadoras! Sempre acolhedoras, enfrentaram muitas dificuldades, mas nunca desistiram, pelo contrário, elas levaram as coisas para dentro das casas e continuaram se reunindo. Elas sempre entenderam o que é um clube de mães. Não é só para se reunir e tomar chimarrão, é para promover eventos, para ajudar as pessoas carentes, é para se preocupar com a qualidade de vida delas e da família. Então tem muito disso, né? Pessoa muito racional não é feliz, não consegue ser feliz, está sempre preocupada, a pessoa que tem afetividade e emoção vê a felicidade em pequenas coisas, em pequenos gestos, diria que temos que ser 80 a 90% emoção para poder exercer o trabalho social. Fátima, (Eva Cadore Martins dos Santos, entrevista no dia 17/05/2019).

Fotografia 11 -Rosalina Grison



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

62 anos. Nascida em Dois Vizinhos, Estado Paraná no dia 17/08/1956. Participa no Clube há 07 anos. Profissão: enfermeira aposentada. Trabalhou de secretária e na coordenação do Clube de Mães Divino Mestre. Trabalha há muitos anos com grupos de convivência. Trouxe algumas experiências de Curitiba/PR para compartilhar com o Clube de Mães Divino Mestre. Gosta de inovar, acredita na motivação para a perduração do clube. Contribui com ações para efetividade financeira do grupo de mulheres. Divide seu tempo entre a família, o artesanato, a costura, a pintura em tela e atividades diversas. Curso: Enfermagem (Ensino Superior). O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: motivação, longevidade, integração de grupos e comunidade, responsabilidade, emoção (Rosalina Grison, entrevista no dia 23/05/2019).

Fotografia 12 - Marinês Fontana Mezoni.

55 anos. Nascida em Piratuba, Estado Santa Catarina, no dia 29/09/1963. Profissão: do lar. Foi comerciante por 30 anos e funcionária do Banco Bamerindus do Brasil por 7 anos. Há um ano divide seu tempo em cursos de costura e outras formas de artesanatos. Outra parte de seu tempo dedica-se em



trabalho social, participa no grupo de mulheres e suas ações. Ficou surpresa e feliz, sentiu-se valorizada por ser escolhida para assumir a Diretoria do Clube de Mães em tão pouco tempo de convívio. Curso: Ciências Contábeis (Ensino Superior). O Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: faz muito bem para a mente, o aconchego afetivo, sente-se gratificada por fazer parte do grupo (Marinês Fontana Mezoni, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Fotografia 13 -Olímpia Zanella Thomé



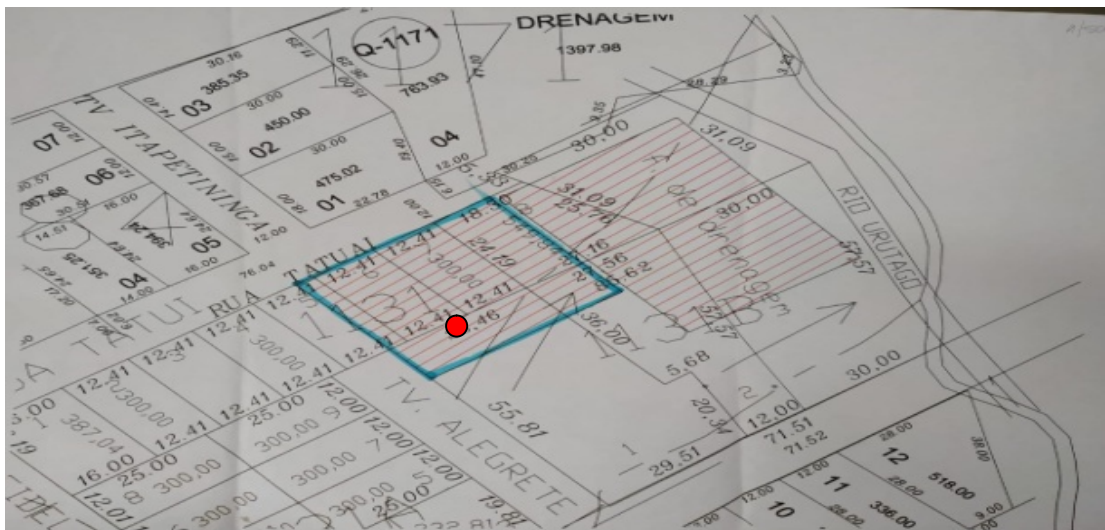
56 anos. Nascida em Sananduva, Estado Rio Grande do Sul, no dia 22/02/1962. Participa do clube há 20 anos. Profissão: do lar. Foi professora dos anos iniciais por 12 anos. Foi presidente (coordenadora) por três vezes, foi vice-presidente, também fez parte do Conselho Fiscal. Procura incentivar a troca da coordenação, pois outras mulheres do grupo têm a oportunidade de participar. É importante dar espaço para que as outras também assumam. Destaca-se pelo seu dinamismo, pela voz alta, tem facilidade em falar, se comunicar com o grupo, como ela mesma diz “sou gringa estabanada” (descendência italiana), fala alto, gesticula enquanto fala. Desde sua infância frequentava as rodas de chimarrão das avós. Ainda não existiam clubes de mães. Posteriormente surgiram os grupos de mulheres, futuros clubes de mães. O que o Clube de Mães Divino Mestre proporciona para a sua vida: é gratificante, ensina a ter paciência, ser afetuosa, troca de experiência, ensina e aprende, compartilha, gosta de estar junto, faz a gente crescer (Olímpia Zanella Thomé, entrevista no dia 13/06/2019).

Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

1.4 Lócus da pesquisa: Clube de Mães Divino Mestre

A figura 2 apresenta a primeira ilustração da planta baixa do Bairro Jardim Seminário, onde está localizado o Clube de Mães Divino Mestre. A localidade faz divisa com os bairros Vila Nova, Miniguaçu e Industrial. Encontra-se nas proximidades do trevo de saída para o Município de Itapejara do Oeste, da Avenida União da Vitória e do Contorno Norte.

Figura 02 - Planta baixa da localização do Clube de Mães Divino Mestre



Fonte: [https://www.google.com.br/maps/@-26.0754252,- 53.0349866,479m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR](https://www.google.com.br/maps/@-26.0754252,-53.0349866,479m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR). Acesso em julho de 2019.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

A figura 3 representa a segunda ilustração do mesmo local, porém é uma foto do Google Maps. Podemos ver um ponto na cor vermelha na figura 3, que define o local exato onde está situado o Clube de Mães Divino Mestre. À direita da ilustração, em meio à vegetação, margeia o Rio Urutaguê.

Figura 03 - Localização do Clube de Mães Divino Mestre



Fonte: [https://www.google.com.br/maps/@-26.0754252,- 53.0349866,479m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR](https://www.google.com.br/maps/@-26.0754252,-53.0349866,479m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR). Acesso em julho de 2019.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

O Clube de Mães Divino Mestre está localizado no Bairro Jardim Seminário, segundo relato dos moradores, a comunidade teve início por volta dos anos de 1946 a 1947.

De acordo com as narrativas, para poder instalar suas residências, os primeiros moradores tiveram que abrir caminho na mata com facões e foices para se fixarem no local. Os depoentes dizem que outra preocupação entre os moradores naquele momento foi a instrução dos filhos. Então foi hora de iniciar um novo empreendimento: construir uma escola próxima para facilitar o acesso das crianças à escolarização. Começaram a organizar uma escola, tinham que pensar: quem seria o professor? Como seus filhos se transformariam em alunos?

Segundo Larrosa (2013, p.51) “essa é uma bela imagem para um professor: alguém que conduz alguém até si mesmo”, o desejo tanto de ensinar, quanto de apreender tem valor incomensurável para ambos, professor/aluno comungam do desejo comum de aprender, conhecer suas limitações, refletir, se deixar transformar, seguir até a próxima aprendizagem e assim sucessivamente. Neste processo se constrói/desconstruindo, transforma e, deste movimento, eclode o novo.

De acordo com as narrativas, a primeira escola foi construída entre os anos de 1948 e 1949, onde atualmente está localizada uma ervateira. Esta foi a terceira escola construída na antiga Vila Marrecas, atual Município de Francisco Beltrão. A escola era frequentada pelos alunos das localidades mais próximas. Com o crescimento da população, aumentou a quantidade de crianças e foi necessário contratar a professora Sra. Italina Zancan Scotti, a primeira professora do Bairro Cango e a segunda do Bairro Jardim Seminário.

O nome Jardim Seminário foi sugerido pela própria comunidade, pois neste local encontrava-se o Seminário São José e o Internato Lassale que posteriormente tornou-se Seminário de Filosofia. O local era frequentado por grupos de famílias que se reuniam para encontros de novenas e confraternizações.

Neste contexto, cabe destacar a ação dos irmãos Lassalistas que contribuíram na formação de jovens e na união das famílias. Atualmente, este espaço é conhecido pelo nome de Casa de Formação Divino Mestre que pertence à Diocese de Palmas e de Francisco Beltrão. O espaço é ocupado exclusivamente para a recepção de pessoas e padres que participam de cursos e palestras. A casa de Formação Divino Mestre iniciou suas atividades em 1991 e, atualmente, coordena 50 paróquias.

As mulheres criaram o Clube de Mães Jardim Seminário. É por meio dessa relação social que acontecem momentos marcantes e decisivos para a construção e afirmação de identidade dessas mulheres, do bairro e dos sujeitos que compartilham este local.

Neste contexto, convém apresentar a percepção de identidade que perpassa a escrita deste texto. Utilizamos a metáfora maffesoliana para entendermos que não somos donos de uma única identidade: aquela que nos documenta, que diz quem somos. Nesta conjuntura, interessa referir um ser que se desacomoda do berço da modernidade. Que, independentemente de sua vontade, se insere na complexidade social pós-moderna, sem se dar conta que neste movimento sai da individualidade e procura um meio de identificação.

Retoma mecanismo de participação mágica: com os outros (tribalismo), com o mundo (magia), com a natureza (ecologia). Em todos esses casos, não se trata mais de enclausuramento na fortaleza do próprio espírito, em uma identidade (sexual, ideológica, profissional) intangível, mas, bem ao contrário, da perda de si, do dispêndio e outros processos de desgaste que ressaltam a abertura, o dinamismo, a alteridade, a sede do infinito. [...] o indivíduo é seu último avatar. Ele é o Deus moderno; a identidade, seu modo de expressão (MAFFESOLI 2006, p.16).

No fragmento, o autor demarca o significado da perda de si para os novos processos de identificação. Nestes termos entendemos que, por meio da compreensão da produção do vínculo societal das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, teremos acesso à socialidade que se produz naquele espaço. Assim, tal compreensão gera possibilidades de acessar as histórias, as transformações sociais e pessoais, o convívio e as adversidades que compõe a vida das pessoas do Bairro Jardim Seminário.

Além das narrativas, apresentamos análise de alguns documentos que contam a trajetória de um grupo de mulheres que realizam uma afirmação de identidade.

Ata nº 01 - da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.

No nove dia do mês de maio de dois mil e dois, na casa da Presidente da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário, senhora Zelinda Rossi, às dez horas e trinta minutos, reuniram-se os membros da mencionada Comissão. Foram convidados para esta reunião a Secretária de Ação Social de Fco. Beltrão, senhora Lourdes Ananda juntamente com a senhora Leonilda Coordenadora, que explicaram os objetivos dos Clubes de mães, apresentaram sugestões, e modelos do Estatuto Social e da integração da comunidade junto à ABMI do município. Trouxeram também alguns materiais e objetos para que as mães possam trabalhar. São atribuídas as atividades que o Clube de Mães pode desenvolver, fazendo com que a Comunidade se integre cada vez mais na expressão de cidadania de seus membros. Há a possibilidade de se organizar cursos e treinamentos para as diversas atividades que o Clube julga conveniente, sempre de acordo com as necessidades das famílias. A principal preocupação da Comissão é organizar-se como Associação - Clube - com estatutos e formalidades legais. Relembra a mãe da Coordenadora um manual de organização e fundação do Clube de Mães - Definição - e como Sede Provisória da Comissão e do Futuro Clube de Mães, a residência da senhora Zelinda Rossi, sita à Rua do Seminário, 1899, Francisco Beltrão-PR. Decidiu-se que provisoriamente, o clube de mães será chamado Clube de Mães Jardim Seminário. Fixou-se o dia último sábado do mês de maio, do corrente ano, às 16:30 Hs, na sede provisória para reunião de estudo do estatuto. Nada mais havendo a ser tratado, a senhora presidente agradeceu a presença de todos, especialmente, da Secretária de Ação Social, Lourdes Ananda e sua Coordenadora, Leonilda, e a todas as participantes. Foi secretária, Lavínia presente ata que após lida e aprovada, foi por mim e pelos presentes assinada. Francisco Beltrão, 09 de maio de 2.002.

Sinopses

Isabel Jallauer, Teresinha S. Vieira, Neuzi Barros
Elmir Joqueir, Lucimare Andrade Comann,
Helda Leodoro, Neiza Regina Nafatta Nepomni
Odila Zanella, Genivaldo Silva
Izabel J. Joqueir, Josefa G. B. Kellem
Maria Rosani dos Santos Comann S. D.
Olinda Reolon Doraci S. D. Adelar I. Silva
Lerene Deves Zelinda Maria Rossi

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

A Ata 01, do dia 9 de maio de 2002, lavrada às dezoito horas e trinta minutos, estabeleceu a fundação do Clube de Mães. Reuniram-se os membros da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário na residência da presidente do Clube de Mães, Sra. Zelinda Rossi. Para essa reunião, foram convidadas a Secretária da Ação Social de Francisco Beltrão, Sra. Lurdes Arruda, e a Coordenadora dos Clubes de Mães, Sra. Leonilda Rios.

O motivo da reunião foi expor aos demais membros os objetivos do Clube de Mães. No encontro, apresentaram o modelo do Estatuto Social, falaram sobre a integração e cidadania com a Associação de Proteção a Maternidade e a Infância – APMI, de Francisco Beltrão. Neste dia, trouxeram sugestões de trabalho, materiais e objetos para que as mulheres, posteriormente pudessem realizar algumas atividades.

No encontro foi exposto que são inúmeras atividades que um clube de mães possibilita desenvolver junto à comunidade: cursos, treinamentos e ações que fossem convenientes às necessidades das famílias.

A preocupação da Comissão foi se organizar como associação/clube, criar estatuto e as formalidades legais para o pleno funcionamento. Receberam em mãos da coordenadora um manual de organização e fundação do Clube de Mães. Naquele momento ficou definido que a residência da Sra. Zelinda Rossi, na Rua do Seminário-1899, em Francisco Beltrão PR, seria a sede provisória da Comissão e que o futuro Clube de Mães, a princípio, se chamaria Clube de Mães Jardim Seminário.

Nesse dia, marcaram uma nova reunião na sede provisória para o último sábado do mês de maio do corrente ano, às 16h30min, a reunião seria para o estudo do Estatuto. Assim, finalizaram esse encontro com agradecimentos à Sra. Lurdes Arruda e à coordenadora dos Clubes de Mães, Sra., Leonilda Rios. As participantes assinaram a Ata e finalizaram a reunião.

O próximo documento Ata nº 02, houve seguimento das ações para assegurar a existência do Clube de Mães. Conforme o combinado na Ata 01, a Comissão de Organização do Clube informou que foi entregue a um deputado as solicitações sobre as necessidades do projeto para instituir um centro social e de melhorar as condições de vida dos sujeitos que partilham aquele espaço.

Documento 2 - Ata 02 da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.

Cita nº 02 - Com início às 16:30 minutos do dia 25 de maio, reuniram-se as senhoras que fazem parte da comissão de Organização do Clube de Mães, nos informaram que foi entregue ao Deputado Nelson Meurer, o Projeto de montagem do Centro Social, e o mesmo prometeu uma solução o mais breve possível -

Foi decidido que vamos participar do dia do desafio, tendo como tarefa reunir um grande nº de pessoas. A diretoria juntamente com o clube de mães realizarão um jantar para uma pessoa que está necessitando, com problemas de saúde.

João Itacir, leu e explicou o estatuto do Clube de mães, como funciona, para que ele existe, leu seu regimento - que pelo que vimos não precisa ser mudado nem acrescentado nada.

Convocação da assembleia geral com antecedência de 30 dias, foi decidido que será no dia 10/11 de julho de 2002 às 14 horas no Seminário S. José.

Foi sugerido os nomes para diretoria

Presidente: Zelinda Reis / Secretária Cleonice Kellem

Vice: Beniragim / Vice = Irene Delavanti

Vice-Tesoureira: Teresinha Zanella, em tempo

Tenente Vice: (Zelinda Reis) Inês Greff

Carrei a presente ata, que após lida e aprovada será assinada pelos presentes

Francisco Beltrão, 25 de maio de 2002

Cleonice Kellem, Zelinda Reis

✓ Teresinha S. Vieira

Yozefina Baris Irene Delavanti

Isabel Laffauser, Mari Lene Nascimento

Zelinda Reis, Eva Duquesne, Inês Greff

Fonte: Acervo de documentos do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Na Ata 02, do dia 25 de maio de 2002, consta a entrega do projeto para construção do Centro Social no Bairro Jardim Seminário. Também nesse dia, foi registrado o compromisso de um deputado em realizar tal empreendimento e solucionar

a situação o mais rápido possível. As mulheres foram avisadas que participariam do dia do desafio. A tarefa consistia em reunir um número expressivo de pessoas para um jantar beneficente realizado pela diretoria do bairro e o Clube de Mães Divino Mestre, em prol de uma pessoa com problemas de saúde.

Na ocasião, o senhor Itacir leu e explicou o Estatuto do Clube: como funcionava um Clube de Mães, qual sua finalidade, leu o regimento e o documento foi aprovado sem alteração. Também avisou da antecipação da Assembléia Geral para o dia 06/07/2002, às 14h00min, no Seminário São José. Foram sugeridos nomes para compor a diretoria e encerrada a seção.

Documento 3 - Ata da Assembleia Geral Extraordinária da primeira eleição da diretoria do Clube de Mães Divino Mestre.

Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário.

Aos seis dias do mês de julho do ano de dois mil e dois, às quatorze horas e dez minutos, no salão do Seminário São José, Bairro Jardim Seminário, em Francisco Beltrão, Estado do Paraná, de acordo com Edital de Convocação de dia 05 de fevereiro de 2002, reuniram-se em Assembleia Geral Extraordinária, os moradores do Bairro Jardim Seminário, para discutir e decidir sobre a seguinte pauta de dia:

1ª - Fundação do Clube de Mães; 2ª - Aprovação do Regimento Interno do Clube de Mães; 3ª - Eleição da 1ª diretoria do Clube de Mães; 4ª - Assunto Geral. Havendo o número legal de membros presentes o senhor Presidente Luiz Carlos da Silva declarou aberta a presente Assembleia, colocando em discussão o primeiro item da pauta de dia: Fundação do Clube de Mães. Após exposição e de vário participantes terem feito uso da palavra colocou o assunto em votação foi aprovado por unanimidade. Em segundo lugar colocou-se em discussão a aprovação do Regimento Interno do Clube de Mães. Após leitura e explanação, declarou o senhor Presidente que o mesmo foi colocado em votação foi aprovado por unanimidade. Em terceiro lugar foi realizada a eleição da primeira diretoria do clube de mães, com mandato de dois anos a partir desta data. Deu-se um tempo para que se apresentasse chapas para o referido. A mesa se reuniu e discutiram de uma chapa unânime composta: Presidente Zelinda Romi; Vice-Presidente Glória Tognon; 1ª Tesouraria Iraci; 2ª Tesouraria Terezinha F. Zanelli; 3ª Secretária Cleonice Kellen; 3ª Secretária Iraci Dobrowolski. Adida a mesma pela mesa foi apresentada à Assembleia e após os debates foi colocado em votação a eleição dos membros da 1ª diretoria do Clube de Mães, por este modo, sendo aprovado por unanimidade, agora consideradas eleitas para executar um mandato de dois anos. A seguir o senhor Presidente declarou eleitos os membros da diretoria e empurrados em seus devidos cargos. Em quarto e último lugar apreciou-se o último item da ordem do dia. Vários usaram a palavra. O senhor presidente se formou sobre os trabalhos que está em andamento. Agradeceu aos que participaram da promoção beneficente (jantar) para família necessitada. Nada mais havendo a ser tratado e ninguém mais querendo fazer uso de palavra o senhor presidente agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a presente Assembleia Geral e em seguida leu a presente ata que após lida e aprovada foi assinada por mim e por quem mais desejou. Francisco Beltrão 06 de julho de 2002.

Ata Cop. Di. Zelinda Romi

Flora de L.R. dos Santos
Terezinha Salete Vieira
Cleonice Kellen
Eva Duquesne
Indiamara Vieira
Irene Paris
Terezinha Paris

Gláucia B. De sauter
Salete H. Campos
Zelinda Romi
Glória Tognon
Maria Fátima dos Santos
Iraci Tognon
Salete F. Zanelli

Fonte: Acervo de documentos do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Fotografia 14 - Fundação do Clube de Mães em 06 de julho de 2002. Composição da primeira diretoria do Clube de Mães.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

No documento 03 consta a Ata da Assembleia Extraordinária da Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário, realizada no dia 6 de julho de 2002. A pauta da reunião foi a fundação do Clube de Mães e a aprovação do Regime Interno do Clube. Neste dia, foi realizada a eleição da primeira Diretoria do Clube, composta pelos seguintes membros: da esquerda para a direita - Leonir Tognon (*in memoriam*), Olinda Reolon, Irene Dobrawaski, Inês Krefta, Terezinha Peres Zanella, Lenir Tognon (*in memoriam*), Zelinda Rossi. Os três últimos componentes da diretoria, o grupo de mulheres não soube identificar. A Diretoria do Clube foi aprovada por unanimidade de votos, para o mandato de dois anos.

Na Ata 05 do Clube de Mães Divino Mestre, realizada no dia 17 de fevereiro de 2009, consta o início das dificuldades enfrentadas pelo grupo de mulheres do Clube. O assunto desse documento foi o passeio que seria realizado nas Águas do Verê¹⁹ que foi cancelado e que, posteriormente, seria realizado no dia 08 de março de 2009. Nas informações constava que as participantes teriam o gasto com o exame médico para frequentar as piscinas e teriam que levar almoço. O transporte e a entrada no termas seriam pagos com recursos do próprio clube. A Associação de Proteção a Maternidade e a Infância - APMI, que nesse período ainda não estava instituído por Associação de Proteção a Maternidade a Infância e Família - APMIF, ofereceu ao grupo de mulheres o curso de doces, salgados e bordados em chinelos. Outro assunto abordado foi o descontentamento de alguns membros da diretoria do clube e, por esse motivo, colocaram seus cargos à disposição para que outros pudessem assumir. E assim, a seção foi encerrada.

¹⁹O Termas Águas do Verê está situado no município de Verê, Sudoeste do Paraná. Localizado entre as cidades de Dois Vizinhos, Pato Branco e Francisco Beltrão, o Termas Águas do Verê possui uma área de 25 hectares, com vista para o Rio Chopim, um dos maiores e mais importantes rios do estado. Com natureza exuberante e diversidade de fauna e flora, com espécies regionais, o Hotel também possui umas das melhores águas termais do Brasil, que brotam naturalmente de suas fontes, com temperatura de 36,5°C. Fonte: <https://pt-br.facebook.com/pg/termas.aguasdoverê/about>.

Documento 5 - Ata 06 do Clube de Mães Divino Mestre.

Com a dissolução da secretaria e da Secretaria e com a busca de seus substitutos em algumas
em seus lugares, e com a não concordância da
fórmula em realizar para eleição, não votou a lide-
radora entre outras coisas se não acumular sobre
os cargos (coordenadora, secretaria, tesoureira) Como é do
combustível de todo o Clube de Pôr não tem
um local para realizar seus encontros. Desde o dia
05-05-2008 nos reunimos nos no Centro Social do
Seminário São José, Por desde o dia 23 de fevereiro
de 2009, ficam inviável nossos encontros neste local.
Desde antes os reuniões acontecem na casa da
Coordenadora. Não é o lugar ideal, mas é o que
temos. Em fevereiro de 2009 podemos realizar de novo por
uma reunião. Com o desenvolvimento muitos tra-
balhos de organização. Reclamamos do PPMT que de qua-
lidade de serviços que foram prestados os serviços

para serem distribuídos as pessoas do bairro
Em março recebemos da PPM, grande quan-
tidade de petiscos com os quais estamos fa-
zendo churrasco, pães, almôçados, bolos etc. No
dia 12 de fevereiro de 2009 foram comemora-
das as aniversariantes Zile e Sueli. Também
do clube um jogo de bolos como presente
além da ingestão o clube a latimae
sua assistente. No dia 29 de março de 2009
fizemos um passeio ao Santuário de Nossa
Senhora de Lúndes. Passamos um dia muito
agradável. Fizemos uma quinana, onde 5 equipes
participaram. A premiação foi uma cesta de páscoa
para cada equipe. Na semana do dia 31-03-09
cada equipe recebeu uma família para
receber a cesta. No dia 07-04-2009. Num
comemorativo de Páscoa foi feita a
entrega das cestas as pessoas indicadas
No dia 28-04-2009 festa para as aniversariantes
Lúcia, Lúcia, Nely, Lúcia, Lúcia, Lúcia a tarde fazendo
bingo... Nos meses de maio e junho não houve
uma aniversariante, mas as reuniões
ocorreram normalmente com a elabo-
ração de vários trabalhos... Em junho
com as aniversariantes Vilma e Lúcia
foi feita um bingo surpresa... No dia 16-
08-2009. com a aniversariante Lúcia. Fizemos
torre de água - Terzina - Lúcia - Lúcia, uma
comemorativo muito gostoso com muitos bisco-
itos. No dia 25-08-2009 cada associado
troux um ramo de flores de sua preferência
para formar uma cesta de flores para
o clube. No dia 22 de setembro de 2009

Conmemoramos o aniversário de: Hilda - Mari-
Leocadia - Emelinda - Vanessa. Foi a últi-
ma festa do ano. tudo com muita alegria
e descontração. No dia 15-12-2009, o Clube
foi homenageado com um almoço, oferecido
pela coordenadora, para marcar o encerra-
mento dos trabalhos de 2009. Neste dia foi
premiada a sócia mais idosa - escolhida
a sócia padroeira (a que mais se dedicou ao
Clube) a que mais compareceu aos reuniões.
Cada uma recebeu um brinde. Foi feito
um lingo. Os trabalhos feitos no Clube
foram expostos para que todos pudessem
ver o resultado de tanto esforço feito
durante o ano de dois mil e nove.

1º Recebemos da APMI no dia 05 agosto de 2008
Materiais para transformação. — " — " — "
2º Recebemos da APMI no dia — de dezembro 2008
Materiais para transformação — " — " — "
3º Recebemos da APMI no dia 09 dezembro 2009
Materiais para transformação — " — " — "
4º Recebemos da APMI no dia 09 setembro 2008 por
sustentação, uma máquina de costura para
por usar na sede do clube. — " — " — "
5º Recebemos da APMI ~~no~~ em 2009 como doação
um armário de madeira com chave para
por usar na sede do clube — " — " — "
Este é o resumo de que fizemos no Clube de Moss
durante o ano de 2009. Não havendo mais nada
a relatar encerro esta que vai de
segunda assinada por mim e de mais

associadas: 12-12-2009. Nuno M. Sousa
+ André P. Pereira Perezinpatomazini Nica
Emilio Grego Jarama Bantim Sueli P. Braz
• Lidia Dias Donaldina H. Hilda

Fonte: Acervo de documentos do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

No documento acima (Ata 06) consta o resumo das atividades e alguns problemas enfrentados no decorrer do ano de dois mil e nove. Com a desistência da secretária e tesoureira da equipe coordenadora, não houve interesse das demais mulheres do grupo em substituir os cargos vagos. A coordenadora do clube assumiu as funções: de coordenadora, de secretária e de tesoureira.

Outro relato nesse documento, foi o problema enfrentado pelo grupo de mulheres por não ter um local adequado para realizar os encontros semanais. No início, os encontros eram realizados na residência da coordenadora. Posteriormente, segundo o que consta na Ata 06, desde o dia 05 de maio de 2008, as mulheres passaram a se reunir no Centro Social Seminário São José para realizar seus afazeres inerentes ao clube de mães. Porém, conforme consta na Ata 06 “desde o dia 23 de fevereiro de 2009 tornou-se inviável os encontros nesse local”.

O registro do conjunto de acontecimentos descritos na Ata 06 apresenta êxitos e as dificuldades encontradas para manter o funcionamento do Clube de Mães Divino Mestre. Devido à quantidade de atividades mencionadas no resumo, daremos atenção à situação de desconforto pela qual passaram. Utilizaremos essa situação, não com intenção de exposição de fatos ou pessoas, mas para ampliar o conhecimento sobre o vivido pelos sujeitos. Assim, se não reconhecermos os conflitos que compõem a experiência coletiva talvez nos distanciemos daquilo que é experimentado junto. Sobre isso, convém salientar que, para Maffesoli (2006), toda vivência e convivência envolve pessoas e, portanto, conflitos. Poderíamos salientar que o tribalismo²⁰ faz parte desse conjunto de acontecimentos. Experiência do mais íntimo da convivência por uma tribo (metáfora utilizada por Maffesoli, 2006) “é deixar cada tribo ser ela mesma, sendo, mais natural o ajustamento que daí resulta” (MAFFESOLI, 2006, p. 230). Um fato ocorrido na intimidade da convivência do grupo de mulheres pode ser representado aqui na narrativa de Dona Odila Zanella, que faz parte do grupo de mulheres que frequentam o Clube de Mães Divino Mestre.

O Clube ia muito mal, ninguém podia ir... que nem ela falou, que não dava certo. Então veio APMI e disse que iam fazer votação, mas daí não tinha pessoa que chega para votar, porque tinha só sete ou oito participantes. Então... Daí ela pegou mais gente pra pode ter que

²⁰ Tribalismo: sob seus aspectos mais ou menos reluzente, está impregnando cada vez mais os modos de vida. “Eu tenderia a dizer que ele está se tornando um fim em si. Isto é, através de bandos, clãs e gangs ele recorda a importância do afeto na vida social” (MAFFESOLI, 2006, p. 167).

chega... (ênfase na voz) pra votar né? Daí ela saiu, [...] entrou a Lenir Tognon, [...] (Dona Odila) E daí começou a Lenir e ela começou já três horas o terço, como até hoje está o terço e já aumentou o grupo. Aumento muito o grupo. Só que ela, logo, logo deu câncer (semblante de tristeza). Daí entrou outras... acho que foi a Olímpia que entrou. Entrou outras daí sim... (semblante de positividade) o Clube sempre foi bem, porque depois de lá não tivemos mais queixa (Odila Zanella, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Na narrativa de Dona Odila Zanella é perceptível um fato que, no íntimo de um grupo em seu concreto mais extremo, é muito próximo do tribalismo. É possível viver essa experiência de atração ou repulsa de quem convive em um grupo que presa pela organicidade e solidariedade, tem oportunidade e oferece oportunidade de viver o “caloroso estar-junto” (MAFFESOLI, p.167, 2006). Já a narrativa da Coordenadora dos Clubes de Mães do Município mostrou a flexibilidade utilizada pelo grupo de mulheres para lidar com situações de dificuldades.

Entendemos que fazer parte de um grupo oferece essas possibilidades. Algumas vezes se fez necessário renunciar voluntariamente a si (sair da individualidade) em prol de uma causa solidária que favoreça o grupo. Para isso é preciso sensibilidade para perceber nas entre linhas ou nos interstícios a situação difícil pela qual passaram em relação à falta de um local adequado para realizar seus encontros semanais.

Então a palestra que eu dou nos Clubes, que eu faço, eu uso muito isso. E eu sempre dei muito exemplo o Seminário, porque pode ter os defeitos que tiver, cada um tem, mas elas sempre souberam trabalhar muito bem com isso, e nunca deixavam de lado uma ou outra. Sempre foram acolhedoras. Isto que é gostoso, né? Então no Seminário, pela lista que nós temos, a fundação sim é 2002, mas a história delas começou em 96, início de 96, com a Dona Zelinda, com a Dona Olímpia, eu não me recordo mais. Mas tinha oito ou dez mulheres. Porque para fazer lá no Vila Nova, ficava muito difícil, elas moravam muito lá em cima, né? Então foi se montado um novo Clube. E elas nunca pararam de batalhar! Eu não sei como está dona Zelinda hoje, mas ela seria a história viva do Jardim Seminário (Fátima, Eva Cadore Martins dos Santos, entrevista realizada no dia 17/05/2019).

Os registros demonstram as dificuldades enfrentadas por elas sem local adequado para se reunir, o descontentamento de pessoas que faziam parte da equipe do grupo de mulheres, as situações de desgaste e as divergências entre os membros do próprio grupo. Essas foram algumas das situações difíceis que passaram o grupo de

mulheres do Bairro Jardim Seminário.

Afirmamos que, parafraseando Maffesoli (2006), as pessoas do grupo e as que estão fora dele, mas que residem no Bairro sente-se responsáveis, mesmo que inconsciente, em manter a socialidade, a união do grupo, seu enraizamento e a identidade local. É possível verificar essa afirmação em alguns exemplos explícitos nas falas de algumas entrevistadas: “tinham duas professoras aposentada que começaram a convidar as mulheres para participar... se reunir na casa delas pra começar o Clube de Mães né?” (Marines Semler, entrevista realizada no dia 02/05/2019). Nessa narrativa é possível perceber o desejo consciente ou inconsciente em manter a união e a identidade local. Na mesma narrativa percebemos uma das estratégias utilizadas pelas mulheres que garante a perduração do grupo.

Tem dia que tô muito atarefada, a gente também tem bastante compromisso, mais quando eu posso na medida do possível eu não quero parar, quero continuar indo, participando e puxando mais gente! Quando [...], vem uma moradora nova às vezes [...] ela não vai chegar, você tem que chegar nela né? Conversar e aí já convida (Marines Semler, entrevista realizada no dia 02/05/2019).

A história do grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre é de força, persistência, estratégia e provavelmente, dessa forma garantiram a perduração e o enraizamento local.

Escrever a história de bairro mediante as narrativas dos moradores implica operar com o desejo de ouvir, de permitir-se o encantamento de sentir uma história, uma memória narrada, e misturar-se aos sentimentos do narrador. Parece, às vezes que ouvir uma narrativa e depois descrevê-la é, de alguma forma, tentar compor uma figura complexa (MARQUES, 2008, p. 36).

As palavras de Marques (2008) nos incitam a refletir sobre a prática de nossas ações. Ao realizarmos a pesquisa de campo, de cunho etnográfico, alguns cuidados foram levados em consideração para adquirir confiança das pessoas criando, assim, um ambiente confiável para o relato das suas experiências de vida, tanto em sua subjetividade, quanto compartilhada em grupo.

A postura discreta que adotamos se fez necessária diante daqueles com os quais pretendíamos compor, por meio da memória, suas histórias de vida, das questões

culturais, da afirmação da identidade, dos momentos de divergências, dos anseios e sentimentos compartilhados.

Optamos por ouvir a narradora mergulhar em sua própria memória. Assim, nos valem da metáfora para expressar o pensamento. Como alegoria, selecionamos a prática do pescador que, com esforço, recolhe a rede após lançá-la ao rio ou ao mar à procura de peixes. Na nossa ação, conversamos com as mulheres na perspectiva de trazer à tona fragmentos do passado e empreendemos o movimento de ouvi-las, buscando nos “interstícios” (Maffesoli, 2006, p.5) ou “entre-lugares” (BHABHA, 1998, p.16) a história narrada do bairro, da vida, do Clube de Mães e do vínculo societal, com o intuito de nos aproximar ao máximo da história do grupo de mulheres inseridas em um ambiente cultural, heterogêneo e conflitual.

A trajetória histórica do Clube de Mães Divino Mestre está intrinsecamente ligada à história da Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário. Ambos têm como ligação o vínculo societal. O Clube de Mães está instalado anexo à Associação de Moradores.

Desde a constituição do Bairro Jardim Seminário, alguns casais participam das atividades propostas e movimentam as ações em benefício tanto do Clube de mães, quanto da Associação de Moradores. Moradora do bairro desde 1995, Olímpia Zanella Thomé relata como era o Bairro Jardim Seminário e como ela acompanhou seu crescimento, demonstrando, assim, o sentimento de pertencimento ao local. Tal percepção pode ser associado ao que Maffesoli (2006, p.11) nominou de tribalismo, pois “lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social”.

[...] No geral, olha no Bairro, o meu Bairro Jardim Seminário. Eu, eu tô aqui, desde 1995 que eu moro aqui nesse Bairro, nessa rua, desde 95, então desde lá, a gente leva assim, ao conhecimento dos vizinhos, a gente conhece vários vizinhos, né? Que na época o Bairro era bem pequeno, bem simples, mas não tínhamos nem calçamento, né? Nem esgoto, saneamento básico, esgoto não tinha. Que, a maioria tinha dificuldade, não tínhamos iluminação pública e nem as ruas eram sinalizadas que com o passar do tempo só foi melhorando, foi melhorando, no tempo que tá hoje. Tudo simples, mas tudo assim. O início e hoje nós temos o nosso Bairro já bem povoado, já com toda infraestrutura, vários loteamentos bons aqui por perto, várias mercearias, quadra, ginásio escola creche, Posto de Saúde, também há poucos anos. Acho que o quê? Faz uns 4 a 5 anos, que nós temos o nosso postinho de saúde, que não tínhamos, que dependíamos lá do

Vila Nova, do centro, foi uma conquista grande. Muito bom, muito bom, para os moradores, para todos aqui, inclusive a gente tem participação delas (médicas e enfermeiras) no Clube. Elas vêm né? O pessoal da Saúde vem orientar as mulheres no Clube sobre os cuidados, que devemos ter, o Posto de Saúde é bom, muito bom. As visitas às famílias, no nosso bairro, como nós temos os agentes de saúde, né? Os agentes das endemias, da dengue? Tem as visitas, sem contar que tem as visitas das mulheres do Clube de Mães que fazem parte também da, como é que se diz na igreja? Da Pastoral da Saúde, na Pastoral da saúde e também é do Bairro, também é do Clube de Mães, que vão visitar as pessoas doentes, as pessoas acamadas e o próprio Clube de Mães fazem as contribuições, das contribuições que a gente faz de doações de roupas, a campanha do agasalho, que hoje tem bastante lá, para doar agasalho, cesta básica, as coletas no final de ano, Natal, Páscoa a gente faz doações de alimentos, então, além das visitas do dia-a-dia, de chimarrão, de visitar um doente, de visitar uma amiga, tem as campanhas que a gente faz, tanto no bairro, como no Clube de Mães e sem contar as promoções, né? As promoções do Bairro, quando é lançado uma promoção na Associação de Moradores, o Clube de Mães é ativo, participa junto, sabe? Tanto na venda, tanto na produção dos alimentos para festa, nós fizemos várias vezes, já a três a quatro vezes, a confecção de pizza o Clube de Mães é prioridade (parceiro), elas são (estão a) frente, ajudam do começo ao fim. Então a gente só tem de agradecer, a Associação de Moradores cresce com a participação do Clube de Mães, [...]. (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Ouvir contar a história de um bairro nos possibilita delinear seus traços. Ao imaginarmos os detalhes narrados por seus moradores, aos poucos o contorno do local vai tomando forma. As transformações no espaço físico acontecem por meio das reivindicações de melhorias para atender as necessidades das pessoas que moram nesse local, são lutas diárias que Maffesoli (2006, p.53) chamou de “ética corriqueira, porque, como expressão da sensibilidade coletiva, ela nos introduz, a pleno vapor, na vida dessas tribos que, na massa, constituem a sociedade contemporânea”.

Dessa forma, os grupos se fortalecem. As pessoas vivem e convivem, compartilham suas experiências, a afetividade e os conflitos em um grupo onde converge: identidade, identificação, cultura e heterogeneidade. Todos esses elementos se encontram dispersos em fragmentos produzidos pela massa, ganham força e, com vitalidade, se enraízam na comunidade. Assim, convém recordar Maffesoli (2006) quando afirma que, por meio de movimento gregário, o sujeito se sente dependente daquela comunidade. Seus sentimentos e suas ações se inscrevem nas práticas cotidianas e nas possibilidades de narrar histórias daquele lugar.

Ademais, lembrar as histórias do passado exige recorrer à memória, tal como assevera Bosi (2003) quando identifica diferentes tipos de memória: familiar, política, do trabalho e das substâncias sociais. Por meio do uso da memória as pessoas entrevistadas recordaram momentos marcantes de conflitos, de solidariedade coletiva, de vínculo gregário e outras formas de socialidade.

Neste contexto, a forma como Bosi (2003) analisa a memória pode contribuir para a compreensão das entrevistas. Para a autora, as narrativas são lembranças que corroboram para reconstituir os fatos que marcaram uma história de vida. Sobre as “transformações do espaço urbano” ou outra situação “há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ser que anima a vida das ruas e das praças, dos mercados e das esquinas. A paisagem do bairro tem uma história conquistada numa longa adaptação” (BOSI, 2003, p.76).

A narrativa da Sra. Olímpia faz lembrar a citação de Bosi (2003), quando afirma que a história do bairro foi conquistada aos poucos e esse movimento até aqui sofreu longa adaptação. São ciclos finitos que compõem as mudanças ao longo da história.

Ao ouvir a narrativa da Senhora Olímpia, percebemos o brilho em seus olhos ao falar sobre as conquistas, as dificuldades, o carinho que dá e recebe das pessoas do bairro. Receptiva, sorriso largo, abraço afetuoso e o esforço comum em manter a união, são características que exigem sensibilidade para se perceber nos encontros. Tudo isso faz da Olímpia Zanella Thomé presença marcante naquele lugar.

Os documentos e as fotografias abaixo mostram parte do universo descrito pela entrevistada. Na pequena nota do jornal de Beltrão, entre outros registros, podemos perceber a persistência e a determinação da Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário.

Fotografia 15 - Reportagem do Jornal de Beltrão sobre destinação de recursos para o clube de mães



Fonte: Acervo do Jornal de Beltrão, publicado em 25/05/2007.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

A diretoria foi informada da disponibilidade de recursos de R\$100.000,00 (cem mil reais) para a construção, em parceria com a administração municipal, do Centro Social Comunitário. Tão logo o dinheiro foi depositado na conta, as obras foram iniciadas.

Segundo o suplente de vereador “esta é uma antiga reivindicação da comunidade, pois desta forma teremos um local de encontro para festas e integração maior de todos” (Jornal de Beltrão, 25/05/2007).

Naquela ocasião, um deputado federal afirmou que trabalhava para que cada comunidade, fosse da cidade, dos bairros ou do interior do município adquirisse seu próprio local para realizar confraternizações, festas e práticas de esporte pela juventude.

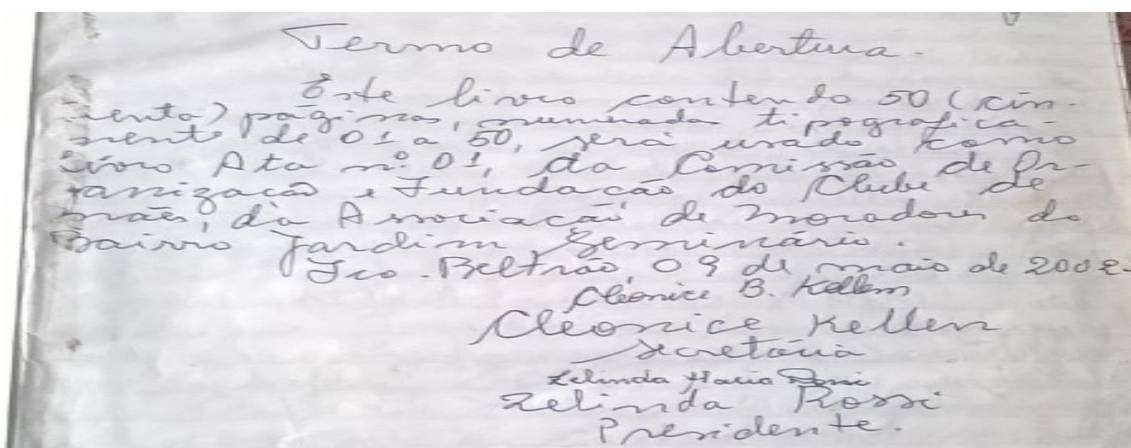
O presidente da Associação, Walcir Furlani reafirmou “todos irão colaborar para o êxito da obra”.

Fotografia 16 - Estrutura física do Clube de Mães Divino Mestre e da Associação de Moradores.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre. **Organização:** Elaborada pela autora, maio de 2019.

Fotografia 17 - Termo de abertura do 1º Livro Ata do Clube de Mães Divino Mestre.



Fonte: Acervo de documentos do Clube de Mães Divino Mestre.
Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

A análise dos três documentos anteriores (Fotografias 15, 16 e 17) demonstra que é, portanto, na “reduplicação, na pluralidade, que se situa a persistência e não no choque frontal, este que é bastante ingênuo” (MAFFESOLI, 2001, p.162). Ao analisarmos os documentos anteriores, temos a possibilidade de refletir sobre as ações que o grupo de mulheres do Clube de Mães e a Associação de Moradores enfrentaram, em conjunto, para atender suas demandas e necessidades comunitárias. Parafraseando Maffesoli (2001) o desejo toma corpo e sai do primário (interior, íntimo) da vontade de si para tornar-se resistências secundárias” e atender a propósitos comuns, de um grupo, de uma comunidade.

A conquista de verbas para ajudar na construção do Centro Social Comunitário teve êxito com a participação de pessoas da comunidade que sentiam que precisavam ter um espaço que reconhecessem como seu. O Termo de abertura do 1º livro Ata do Clube de Mães Divino Mestre mostra o resultado positivo do conjunto de ações da Comissão de Organização e Fundação do Clube de Mães junto à Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário, pois [...] “as práticas do silêncio pelo contrário são, antes de tudo, orgânicas. Quer dizer: O inimigo tem menos importância do que o laço social que elas tecem” (Maffesoli 2006, p. 160). Na narrativa de Olímpia Zanella Thomé, uma das mulheres integrantes do Clube de Mães, é explícita a tessitura do laço social.

Hoje a gente já tem muito, muito a agradecer, também né? Porque ganhamos muitas coisas das autoridades, da administração, mas sempre trabalhando em comunidade, o nosso Bairro aqui, sempre foi um Bairro assim, que a gente tentou unir os vizinhos. Na época quando fundou o Bairro, eu tava junto (trabalhando) com meu cunhado, nós íamos de casa, em casa, convidar para as pessoas se associar (Associação de Moradores) no Bairro, e cobramos assim, até assim, colocamos a critério de cada morador a R\$ 30,00 a cada sócio, para nós fazer nossa sede né? Então na época nós cadastramos 500 famílias no Bairro, 500 famílias e daí com esse dinheiro que a gente arrecadou, a gente comprou o material para fazer uma pequena sede, que o terreno nós já tínhamos ganhado do pai, meu pai Evaldir Zanella quando fez loteamento, deu aquele terreno para prefeitura. Então a gente começou a fazer ali aquela sede, uma pequena churrasqueira, uma pequena casinha, onde começamos fazer promoções e com o passar do tempo, hoje, eu não sei te dizer, mas hoje passa de duas mil famílias no nosso Bairro no Jardim Seminário, não tinha nem mercearia, nem escola, nem creche, era muito simples (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Voltemos à memória individual, que se constrói ao mesmo tempo parceira da construção histórica, coletiva ou em grupo. Na narrativa de Marines Semler fica

evidente o que Maffesoli (2006, p.45), salienta por “o termo grupismo, ainda que não seja especialmente eufônico (harmonioso), o mérito de sublinhar a força desse processo de identificação, que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos”. Nesse caso, a necessidade de criar um espaço em que as pessoas pudessem se encontrar para festejar, comemorar, celebrar a vida e tantos outros eventos demarcam que é possível viver em grupo.

Diante dessa necessidade, o Sr. Evaldir Zanella doou parte do seu terreno para atender à reivindicação da comunidade. O presidente da Associação, Walcir Furllani e o suplente de vereador da localidade, com o intuito de colaborar com o anseio comum da comunidade e da Associação de Moradores do Bairro Jardim Seminário, conseguiram êxito em suas ações, tornando, assim, possível iniciar a construção do local.

A narrativa de Marines Semler explicita o grupismo mencionado por Maffesoli (2006). Ressalta o devotamento, graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos.

[...] Até foi o falecido Dídio que começou pra montar a Associação de Moradores, aí a gente já o ajudou, desde começar o campo ali. As mulheres daí que tinha esse Clube de Mães, já começaram a se reunir. Reunir a família pra ajudar no campo: plantar grama, limpar a Associação, então daí uma vez por mês a gente se reunia ali, aí uns carpavam, uns cortavam grama, outros roçavam. Aí ele conseguiu as leivas²¹ de grama, daí a gente dividiu os maço e os homens iam plantando. Umas (mulheres) iam fazendo buraco, eu sei que foi feito. Aqui onde é o barracão, era um campo de grama. Daí a gente tinha feito tudo, assim com a ajuda da comunidade né? E foi bem assim, bem legal! Desde o começo. Daí nossa! Eram muito unidas as pessoas! Se uniam e vinham ali, era muito bom de trabalhar! Daí a gente foi gostando de trabalhar com a sociedade, que na verdade eu nunca tinha assim, participado, a primeira vez que eu comecei a participar foi aqui né? E foi assim (Marines Semler entrevista realizada no dia 02/05/2019).

Com a doação do terreno e o esforço das pessoas foi possível construir a sede para Associação de Moradores do bairro. Posteriormente, uma sala inacabada foi doada para funcionar o Clube de Mães, que até então não tinha endereço fixo.

²¹ Leivas: torrão de terra gramada, em forma de paralelepípedo, que se retira e transplanta para formar relvados em praça, jardins etc. Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/leiva/>. Acesso em julho de 2019.

Fotografia 18 - Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (1).



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Quadro 01 - Atividades desenvolvidas pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.

Gincanas
Gincana no centro de eventos, abril de 2014.
Gincana da APMIF. Arrecadação de lixo eletrônico, setembro de 2017.
Excursões
Visita ao Santuário Nossa Senhora da Salette, novembro de 2008.
Passeio na gruta de Nossa Senhora de Lurdes, março de 2009.
Passeio Clube Água Branca, fevereiro de 2013.
Chá na comunidade de Nova Seção, setembro de 2014.

Visitação ao Clube de Mães do Bairro Congo.Utilizaram ônibus da Ação Social, setembro de 2016.
Visita ao Santuário Nossa Senhora da Salette, novembro de 2008.
Passeio na gruta de Nossa Senhora de Lurdes, março de 2009.
Chá na comunidade de Nova Seção, setembro de 2014.
Eventos
Expo mulher-Comemoração do Dia Internacional da Mulher, março de 2013.
Ação Educativa promovida pelo SESC e UNIPAR sobre abuso sexual, contra crianças e adolescentes, maio de 2013.
Ação Educativa promovida pelo SESC. Oficina para confecção de produtos de limpeza, agosto de 2014.
Encontro de todos os clubes de mães do Município de Francisco Beltrão, maio de 2015.
Encontro Solidário, confraternização, bingo e bazar com Clubes de Mães da Congo e Jardim Floresta, dia 25 de junho de 2016.
Curso de panificação, oferecido por SENAC. Palestra sobre doença mental e comportamento humano, agosto de 2016.
O Clube de Mães Divino Mestre proporcionou para o Dia das Crianças festa com brincadeiras, lanches, refrigerantes, salgados, bolo, sorvete e palhaço para animação, outubro de 2016.
Confraternização com bingo, distribuição de chester para cada sócia, por meio do Mesa Brasil, dezembro de 2016.
Palestra no Clube de Mães Divino Mestre sobre cuidados com a dengue. Também repassaram o que aprenderam sobre planejamento de cardápio, novembro de 2017.
Palestra promovida pelo SESC sobre aproveitamento integral de alimentos, fevereiro de 2018.
SESC oferece curso de biomassa de banana verde, agosto de 2018.

Fonte: Anotações no Diário de Campo e informações relatadas pelas mulheres nas entrevistas.

Organização: Elaborado pela autora.

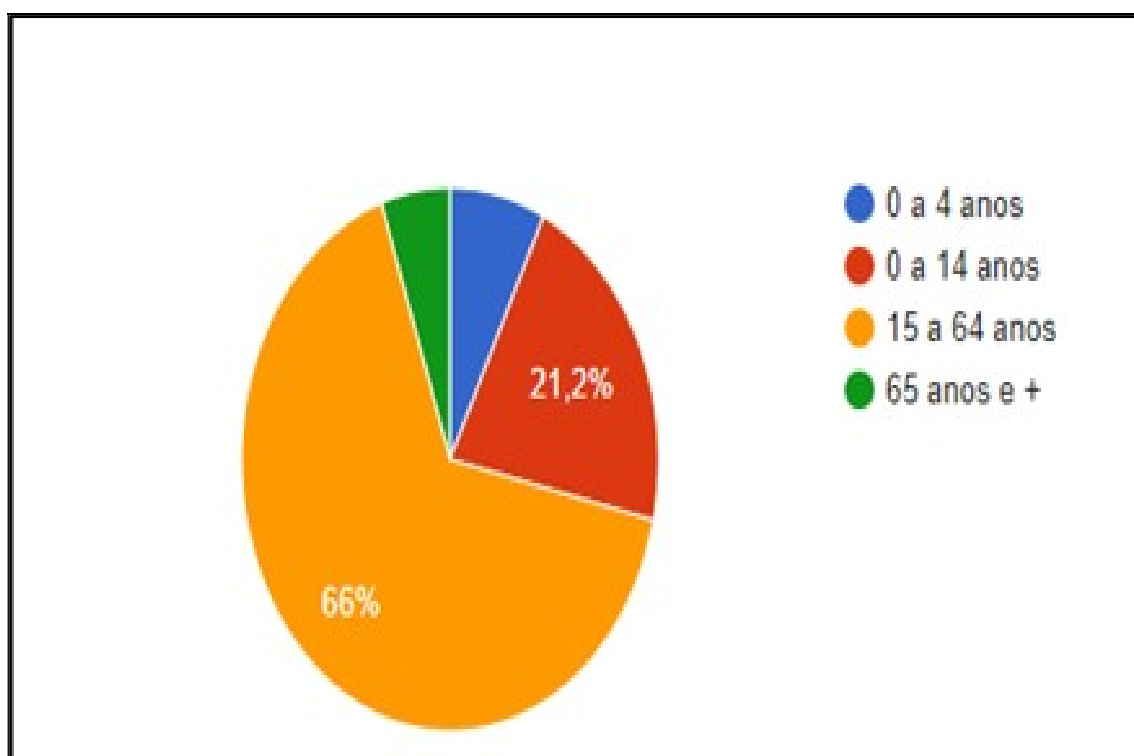
Os encontros do grupo de mulheres do bairro Jardim Seminário ocorrem uma vez por semana, às quintas-feiras, às quatorze horas. Aconteceram quarenta e oito reuniões anuais, ou seja, desde a sua fundação, em 2002 até 2019, já foram realizadas em torno de oitocentos e sessenta e quatro encontros.

Para conhecermos a localidade buscamos informações sobre o desenvolvimento demográfico do Bairro Jardim Seminário apresentado no último censo, em 2010.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) a população do Bairro Jardim Seminário em Francisco Beltrão conta com 1.419 habitantes, sendo 682 do sexo masculino e 737 do sexo feminino. A população do bairro é composta por 51.94% de mulheres e 48.06% de homens.

O gráfico 1 demonstra a faixa etária, agrupado em grupos de 0 a 4 anos, 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos e +. A forma de compor, apresentar e calcular a porcentagem do gráfico foi realizado por Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE.

Gráfico 1 - Faixa etária dos moradores do Bairro Jardim Seminário (2010)



Fonte: http://populacao.net.br/populacao-seminario_francisco-beltrao_pr.html. Acesso em junho de 2019.

Organização: Elaborado pela autora.

Quadro 02 - Faixa etária da população do Bairro Jardim Seminário (2010).

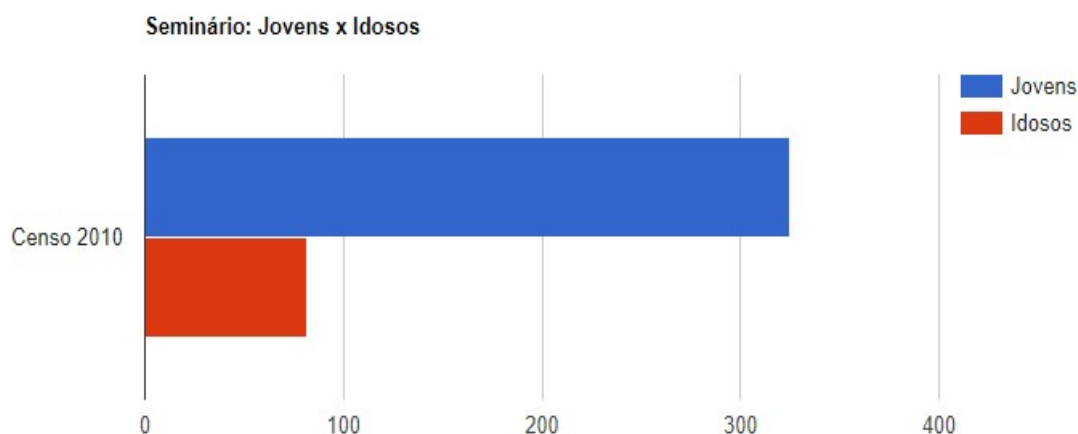
Faixa Etária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	114	8%
0 a 14 anos	325	22.9%
15 a 64 anos	1012	71.3%
65 anos e +	82	5.8%

Fonte: http://populacao.net.br/populacao-seminario_francisco-beltrao_pr.html. Acesso em junho de 2019.

Organização: Elaborado pela autora.

De acordo com o quadro 2, a maior faixa da população se encontra entre 15 e 64 anos. É significativo compreender a relação entre jovens e idosos. Entende-se por jovens a faixa etária de 0 a 14 anos, e por idosos pessoas com mais de 65 anos.

Gráfico 2 - Relação entre jovens e idosos moradores do Bairro Jardim Seminário (2010).



Fonte: http://populacao.net.br/populacao-seminario_francisco-beltrao_pr.html. Acesso em junho de 2019.

Organização: Elaborado pela autora.

É possível perceber pelos dados do gráfico 2 que o número de jovens (325) no Bairro Jardim Seminário é predominante em relação ao número de idosos (82), ou seja, 22,9% da população são jovens, enquanto 5,8% são idosos.

Quadro 03 - Dados sobre a população do Bairro Jardim Seminário (2010)

Domicílios Particulares Permanentes	524%
População Residente	1.419
	%
População – Homens	682%
População – Mulheres	737%
Razão de Dependência Jovens	32.1%
Razão de Dependência Idosos	8.1%
Razão de Dependência Total	40.2%
Índice de Envelhecimento	25.2%

Razão de Masculino x Feminino	92.5%
Razão Crianças-Mulheres	29%
Média de moradores por Domicílios	3.1%
Proporção de domicílios ocupados	88.5%
Proporção de domicílios não ocupados	11.5%

Fonte: http://populacao.net.br/populacao-seminario_francisco-beltrao_pr.html. Acesso em junho de 2019.

Organização: Elaborado pela autora.

Dos 524 domicílios permanentes do Bairro Jardim Seminário, 464 estão ocupados. Considerando que a população é de 1.419 pessoas, temos uma média de 3,1 moradores por domicílios. A população do bairro tem mais mulheres do que homens, na proporção de 92,5 homens para cada 100 mulheres. A razão de crianças/mulheres de 29% indica que temos em torno de 214 crianças no Bairro. Já o índice de envelhecimento mostra que a população do bairro ainda é jovem na proporção de 25,2 idosos para cada 100 jovens.

E trabalho manual que eu gosto muito de ensinar, qualquer tipo de trabalho manual, eu acho que trabalho manual é uma terapia qualquer um, crochê, pintura, qualquer um. Eu acho assim que a gente tem que sempre estar trabalhando a mente (Rosalina Grison, entrevistada no dia 23/05/2019).



II - RELIGAÇÃO E RELAÇÕES DE CONVIVIALIDADE NO CLUBE DE MÃES DIVINO MESTRE

Vivemos um momento dos mais interessantes, em que a florescência do vívido apela a um conhecimento plural, em que a análise disjuntiva, as técnicas da separação e o apriorismo conceitual devem dar lugar a uma fenomenologia complexa que saiba integrar a participação, a descrição, as narrativas de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos (MAFFESOLI, 2006, p. 245).

Nesta seção, por meio das narrativas, daremos ênfase à religiosidade e convivialidade. Sabemos que o momento presente pode ser produtor do alheamento. Por vezes, os sujeitos podem ter a impressão de que os caminhos já foram trilhados e que há certo descompasso entre as relações que gostaríamos de viver e o que acontece no cotidiano.

Neste contexto, parece que o espaço de reunião, que o encontro com dia marcado, que a possibilidade do encontro, não apenas físico, mas existencial, parece produzir fissura na forma como as interações se organizam em um cotidiano conturbado como o contemporâneo. Cabe aqui pensar sobre as palavras de Maffesoli (2018) na palestra intitulada “Do Social Moderno ao Societal Pós-moderno”. Em sua argumentação, o autor se pergunta: como as coisas acabam e como as coisas nascem? Para sustentar o arrazoado, o autor fez presságio ao fim de um mundo com seu modelo racional e social, mas da mesma forma adverte que isto não significa o fim do mundo. Reconhece uma volta ao social, com novas características. A esse movimento o autor denomina societal, enraizamento na Pós-modernidade. É a partir deste aporte quedaremos continuidade à escrita da dissertação.

Para tanto, nos utilizamos da metáfora de Maffesoli (2006) “Circo e Círculos”. Para ele, as acepções têm a mesma origem etimológica e se reforçam entre si por meio de um “intercruzamento flexível de uma multiplicidade de círculos cuja articulação forma a figura da socialidade” (MAFFESOLI, 2006, p.135). Articulações estas que poderiam ser representadas pelos constituintes do mais íntimo da relação humana, seu enraizamento.

Entremeada à multiplicidade de círculos, a religião (*religare*) popular também faz parte da (re) ligação, é o fio condutor da conexão com o intercruzamento flexível e com toda a rede de relações que se compõe em meio às múltiplas aldeias ou microgrupos. Se constituem em imensas megalópoles, mas nem por isso perdem a capacidade de se relacionar de forma afetual. Isto significa afirmar que há uma solidariedade de base que é substrato na construção da socialidade. Tais articulações estão intrinsecamente ligadas à flexibilidade que integra o Circo e Círculo, componentes da socialidade.

A socialidade, para Maffesoli (2006), atua nos interstícios que a produz, é composta pela proxemia e permite ao sujeito sentir-se pertencente a um grupo e identificar-se no espaço do “nós” daquele grupo. Isso significa dizer que cada integrante volta o seu olhar para além da transitória e extravagante vida individual. Neste fragmento da narrativa da Maria fica evidente a identificação por meio da ação afetual no Clube de Mães.

E a Mari que me deu uma força! E eu estou aqui até hoje né? Eu adoro vir aqui! Na quinta-feira de tarde eu não faço outra coisa a não ser vir aqui! Eu venho aqui e gosto. Sempre estou junto, sempre estou ajudando de um lado e do outro, sempre estamos em função, fazendo as coisinhas daqui (Maria Aparecida Marques, entrevista no dia 16/05/2019).

Sendo assim, o convívio, a vivência com o outro e o “fazer umas coisinhas” consiste em promover ações específicas naquele grupo ou tribo. Tais práticas dão lugar a uma rede de comunicação pois, “ainda que seja apenas uma metáfora, podemos resumir essas três noções falando de uma “multidão de aldeias” que se entrecruzam, se opõe, se entreajudam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas” (MAFFESOLI, 2006, p.224).

Essa ligação forte do “eu” com o “nós” une um grupo. Neste sentido, Maffesoli (2006) nos incita a dizer que talvez a relíquia seja responsável em manter o laço social em uma comunidade. A fé como fio condutor que dá profundidade a religiosidade e, quem sabe, por meio de ações inconscientes, é o meio ou forma que uma coletividade atinja a perduração.

Fotografia 19 - Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (2).



Organização: Elaborada pela autora (2019).

Na dissertação, optamos em discorrer sobre a religiosidade considerando-a como religação. Tal significado refere-se a uma de suas etimologias: *religare*, ou seja, religar no sentido de “descrever a ligação orgânica dentro da qual interagem a natureza, a sociedade, os grupos e a massa” (MAFFESOLI, 2006, p.135). Dessa forma, entendemos que, em meio à complexidade e as mudanças sociais, a religiosidade é a forma de manter um grupo ou pessoas ligadas em meio à sociabilidade.

A religião tradicional cristã é uma forma de religião e interioridade individual, de religião e salvação, mas não é desta que iremos tratar. A religião que pretendemos abordar insiste “na forma de estar-junto, [...] de “transcendência imanente”, outra maneira de designar a energia que cimenta os pequenos grupos e as comunidades” (MAFFESOLI, 2006, p.108).

O fato de estar-junto agrega valores comuns de fé e religiosidade, podendo fazer parte da convivialidade das pessoas de um mesmo bairro ou grupo. Sendo assim, é possível nos referirmos ao grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre como mantenedoras da perdurância das ações na complexidade das relações de atração e repulsão. Sem esquecer a importância da riqueza dos elementos de proximidade

constituente de um grupo ou comunidade. Sendo assim, é possível encontrar em sua pluralidade valores que corroboram para a aproximação ou manutenção do laço social daquele local.

Quadro 04 - Dados das mulheres que frequentam o Clube de Mães Divino Mestre.

CLUBE DE MÃES DIVINO MESTRE Endereço: Travessa Alegrete, s/n. Bairro Jardim Seminário; Francisco Beltrão-PR						
CADASTRO DAS PARTICIPANTES						
Nome	Idade	Nº de moradores na casa	Profissão	Recebem benefícios?	Problemas de Saúde?	Grau de escolaridade
Diva Rocha	56	3	Dona de Casa	Não	Não	Fundamental
Dirlaine de Lima	34	2	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Doreci F. Duns	75	2	Dona de Casa	Aposentada	Não	Fundamental
Eva Ramos	61	3	Dona de Casa	Não	Não	Fundamental
Lidiane Ramos Veltorello	41	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Gerda Hochi	77	2	Dona de Casa	Aposentada	Não	Fundamental
Irene Dellani	77	2	Dona de Casa	Aposentada	Não	Fundamental
Ivone Terezinha Gonzatto	65	2	Dona de Casa	Aposentada	Não	Fundamental
Lucia de Fátima N. Cavalheiro	53	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Laimila Nesi	74	2	Dona de Casa	Aposentada	Não	Fundamental

Liliane Sutilli	33	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Maria Marilene da Silva	52	3	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Marlene Dallani	58	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Maria Lurdes Schmoller	67	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Maria Fankauser Zanella	64	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Maria Lazarotto	58	3	Dona de Casa	Não	Não	Fundamen tal
Odete Delani	68	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Salete P. Nascimento	67	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Terezinha Barbosa	54	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Terezinha Vieira	70	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Amabile B. Felipe	51	5	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Superior
Lurdes M. Belo	45	3	Copeira	Não	Não	Superior
Maria C. Pallentir	70	3	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Maria Pauletto	68	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Alzira Mazoco	76	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Maria L.	67	2	Dona de	Aposentado	Tratamento	Fundamen

Smolher			Casa	ria		tal
Lorencina de Carli	79	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Geni Luvison	68	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Marli Salete Padova	48	2	Dona de Casa	Baixa Renda	Não	Ensino Médio
Luciane L. Padova Girardi	41	3	Professora	Não	Tratamento	Superior
Odila Zanella	84	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Erminia Tereza Lombardi	67	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Olinda Reolon	70	4	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
IloniPoltronieri	54	4	Serviços Gerais	Não	Não	Ensino Médio
Hilda Leodoro	62	2	Dona de Casa	Não	Não	Fundamen tal
AvaniKovalek	58	3	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Claudina Picinini Marcelo	71	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Claire Maria da Rosa	62	3	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Ensino Médio
Delires StrachKoop	76	3	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Franciele Maliski	41	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Sueli Braz	59	4	Dona de	Aposentado	Não	Fundamen

			Casa	ria		tal
JoceniMaliski	71	1	Costureir a	Pensionista	Não	Fundamen tal
Doraci Franzoni	75	3	Vendedo ra	Pensionista	Não	Fundamen tal
Maria Marques	53	4	Dona de Casa	Não	Não	Fundamen tal
Jucelia Brandão	40	3	Cozinhei ra	Bolsa Família	Não	Ensino Médio
Marines Smoler	50	3	Vendedo ra	Não	Não	Fundamen tal
Ceci Nesi Maciel	55	3	Dona de Casa	Não	Problema Renal	Fundamen tal
Marli Nesi	54	2	Dona de Casa	Pensionista	Não	Fundamen tal
HelmaRaiert	77	3	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Sem informaçã o
Izabel da Costa	79	2	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Iracema Oppruqn	79	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Sem informaçã o
Gleci Fogaça	68	7	Professor a	Aposentado ria	Não	Superior
Mariza Campos	50	4	Agriculto ra	Não	Não	Fundamen tal
Neli Cardoso Farias	62	3	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Ensino Médio
Marines Fontana Mezoni	56	3	Dona de Casa	Não	Não	Superior
Rosalina	63	2	Dona de	Aposentado	Não	Superior

Grizon			Casa	ria		
Alzira Vedana	73	1	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
LariDelani	54	5	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio
Iderci P. Braz Grzegozeski	66	5	Dona de Casa	Aposentado ria	Não	Fundamen tal
Olímpia Zanella Thome	57	4	Dona de Casa	Não	Não	Ensino Médio

Fonte: Dados fornecidos pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

Par esclarecer essa realidade e dar respaldo ao nosso propósito: dar a conhecer o vínculo societal no grupo de mulheres, apresentamos o “dito” -os nomes e alguns dados sobre as mulheres que frequentam o Clube de Mães Divino Mestre e, a partir daí, temos a intenção de apresentar a vitalidade e a socialidade afetual vivida, que se produz também no “não dito”.

Do ponto de vista epistemológico, nos apoiamos demais no “dito” das relações sociais, esquecemos que estas se apoiam também no “não dito”, tal vacuidade é um conservatório a explorar. O fato é que essa perspectiva, bem expressa pela antiga sabedoria [...] pode nos introduzir no fundamento mesmo de socialidade concreta que não deve ser considerada como o simples reflexo de nossas ideias, mas que tem sua própria consistência (MAFFESOLI, 2006, p.255).

Com a intenção de apresentar o grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre e sua própria consistência, bem como refletir sobre os interstícios do “dito” e o “não dito”, relacionamos no quadro 4 alguns dados importantes sobre as mulheres. Foi a forma que encontramos de apresentá-las. Posteriormente, daremos continuidade às histórias, às experiências de vida, à convivialidade, ao enraizamento, às ações e tudo mais que vier a contribuir para o intento.

O quadro 4 mostra alguns dados das mulheres que frequentam o Clube de mães Divino Mestre, no Bairro Jardim Seminário. Nele estão explícitos: nome, número de pessoas moram em sua casa, profissão, se recebem ou não benefícios sociais, se têm problemas de saúde e escolaridade.

Os dados apresentados nos permitem conhecer um pouco do perfil do grupo de mulheres que frequentam o Clube de Mães.

Quadro 05 - Faixa etária das participantes do Clube de Mães Divino Mestre.

Faixa Etária	Participantes	Porcentagem
Até 50 anos	10	16,6%
51 a 59 anos	16	26,6%
60 a 70 anos	19	31,6%
71 anos e +	15	25,0%

Fonte: Dados fornecido pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

No quadro 5 é possível perceber que a maioria das participantes (56,6%) possui mais de 60 anos. Tal como afirma uma das participantes “porque essas mulheres, mais velhas que a gente, elas têm um carinho especial! Um amor para doar que às vezes em casa elas não têm, e aqui elas fazem isso! (Marines Fontana Mezoni, entrevista no dia 23/05/2019).

O quadro corresponde à faixa etária das participantes do Clube de Mães, demarca a porcentagem maior das mulheres acima de sessenta anos. Parte das integrantes participa desde o início do grupo de mulheres.

A gente teve o ano passado, estávamos com setenta e duas sócias, mas diminuiu agora um pouquinho, duas foram morar para Santa Catarina, outras pra Cascavel, as avós assim, outras tiveram que mudar, mas por motivo de mudança, não que não querem mais participar, interessante isso! Se a gente for avaliar elas não vêm uma vez e não vem mais, elas estão convidadas por uma sócia vem e gosta, falta uma, outra vez,, mas elas participam ativamente. (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Como a própria Dona Rosalina confirma em sua narrativa, os motivos que levam as mulheres a deixar de participar no clube são: mudança para outra cidade, doença ou caso de falecimento. Uma vez que iniciam a participação no clube tornam-se assíduas.

No Regulamento e Regimento Interno Clubes de Mães (2018) do Município de Francisco Beltrão – PR. consta o que se entende por Grupos de Convivência – Clubes de Mães. Nesse documento há o entendimento de que cada clube de mães deve seguir o regulamento/regimento entregue pela coordenação, porém o documento não descarta a

autonomia de cada grupo. Podem criar e realizar projetos próprios conforme a particularidade de cada comunidade ou grupo.

[...] Os clubes têm diferente viés, há os que mais se preocupam com a qualidade de vida, relacionamentos e vivência familiares, os que lutam por questões infra estrutural comunitária, ambas ligadas aos movimentos sociais buscando afirmação na comunidade. Integram diferentes aspectos desde acolhimento a um determinado grupo social e ou cultural, onde podem participar efetivamente na conquista de seus direitos, nunca esquecendo a família e seu próximo. Os clubes também permitem as participantes, explorar no cotidiano, aspectos cognitivos e afetivos. Sendo envolvidas em debates as participantes têm a possibilidade de ampliar seus conhecimentos [...](Regulamento e Regimento Interno Clubes de Mães (2018).

Percebemos que o fragmento acima tomou as devidas cautelas em contemplar o que consta no Estatuto do Idoso (2003). No caso do Clube de Mães Divino Mestre, a maioria das participantes (56,6%) possui mais de 60 anos.

Não teríamos tempo hábil para uma profunda análise sobre o Estatuto do Idoso, mas poderíamos considerar alguns direitos assegurados às pessoas idosas colaboradoras da pesquisa.

Por meio da Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, ponderamos os artigos 1º, 2º e 3º das Disposições Preliminares da referida Lei. Estes são importantíssimos artigos dos direitos assegurados às pessoas idosas que estão contemplados nas vivências no Clube de Mães Divino Mestre.

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003).

O relato da Senhora Rosalina evidencia a preocupação em proporcionar o cuidar da saúde das pessoas idosas, e que tal movimento significa reconhecimento de dignidade e direito social.

Quando tinha os encontros, no dia do idoso que é setembro, eles faziam lá na Associação dos Motoristas, para todos os idosos do município, aí eu convidava mais amigas que trabalhavam na saúde de ir lá, medir a pressão, cuidar da saúde dos idosos! Ficava lá naquele dia. Naquele tempo não tinha Samu, quem trabalhava na saúde montava uma equipe, ficava lá (Rosalina Grison²², entrevista realizada dia 23/05/2019).

Fotografia 20 - Artesanato realizado pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre(3).



Organização: Elaborada pela autora 2019.

Quadro 06 - Número de moradores nas casas das participantes do Clube de Mães Divino Mestre.

Número de moradores	Participantes	Porcentagem
1	9	15,0%
2	18	30,0%
3	17	28,3%
4	12	20,0%
5	3	5,0%
7	1	1,6%

Fonte: Dados fornecido pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

²²Atualmente Sra. Rosalina Grison está aposentada e presta serviços voluntários junto ao Clube de Mães Divino Mestre.

Conforme os dados apresentados no quadro 6, a maioria das participantes (85,0%) moram com 2 ou mais pessoas.

Dessa forma, entendemos que o sentimento afetual compartilhado com as pessoas em casa está intrinsecamente ligado com o convívio no Clube de Mães. O fato de estar próximo de pessoas em um mesmo local está essencialmente ligado por meio de gestos afetuais.

É relevante considerar, 15% as mulheres participantes do Clube de Mães moram sozinhas. Assim, o convívio entre elas, a acolhida, as mais diversas trocas de experiências estabelecidas pode ser formas para transpor a barreira da solidão.

Quadro 07 - Profissões das participantes do Clube de Mães Divino Mestre.

Profissões	Participantes	Porcentagem
Dona de casa	51	85,0%
Professora	2	3,6%
Vendedora	2	3,6%
Outras profissões	5	8,3%

Fonte: Dados fornecidos pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

Uma parcela considerável das participantes (85,0%) declarou ser dona de casa. Independente da profissão, o fato é que no Clube de Mães parece que todas se identificam de alguma forma com afazeres e sentimentos comuns.

Quadro 08 - Número de participantes do Clube de Mães Divino Mestre que recebem benefícios sociais

Benefícios Sociais	Participantes	Porcentagem
Não recebem Benefício	23	38,3%
Aposentadoria	32	53,3%
Pensão	3	5,0%
Bolsa Família	1	1,6%
Baixa Renda	1	1,6%

Fonte: Dados fornecidos pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

Das participantes do Clube de Mães Divino Mestre, trinta e duas (53,3%) recebem aposentadoria; três (5,0%) são pensionistas; uma (1,6%) recebe Bolsa Família; 1 (1,6%) é considerada de Baixa Renda e 23 (38,3%) não recebem nenhum benefício.

O convênio com o SESC, da Mesa Brasil, é muito interessante para nós, não só pelo alimento que vem, é pelo que o SESC oferece para nós na ação educativa, as palestras, todo mês tem uma ação educativa, eles mandam para ir duas, três ou quatro por causa das palestras (Rosalina Grison, entrevista no dia 23/05/2019).

No fragmento da narrativa de Dona Rosalina está implícito o “sentimento partilhado” (MAFFESOLI, 2006, p.138) como superação do individualismo e a capacidade de agregar conhecimento e solidariedade ao grupo de mulheres.

Todos os alimentos que recebem do Programa Mesa Brasil são divididos igualmente entre todas as mulheres que frequentam e estão cadastradas no Clube de Mães, independentemente da situação financeira.

Quadro 09 - Grau de escolaridade das participantes do Clube de Mães Divino Mestre

Grau de estudo	Participantes	Porcentagem
Superior	6	10,0%
Ensino Médio	16	26,6%
Fundamental	36	60,0%
Sem informação	2	3,0%

Fonte: Dados fornecidos pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no dia 16 de maio de 2019.

Organização: Elaborado pela autora

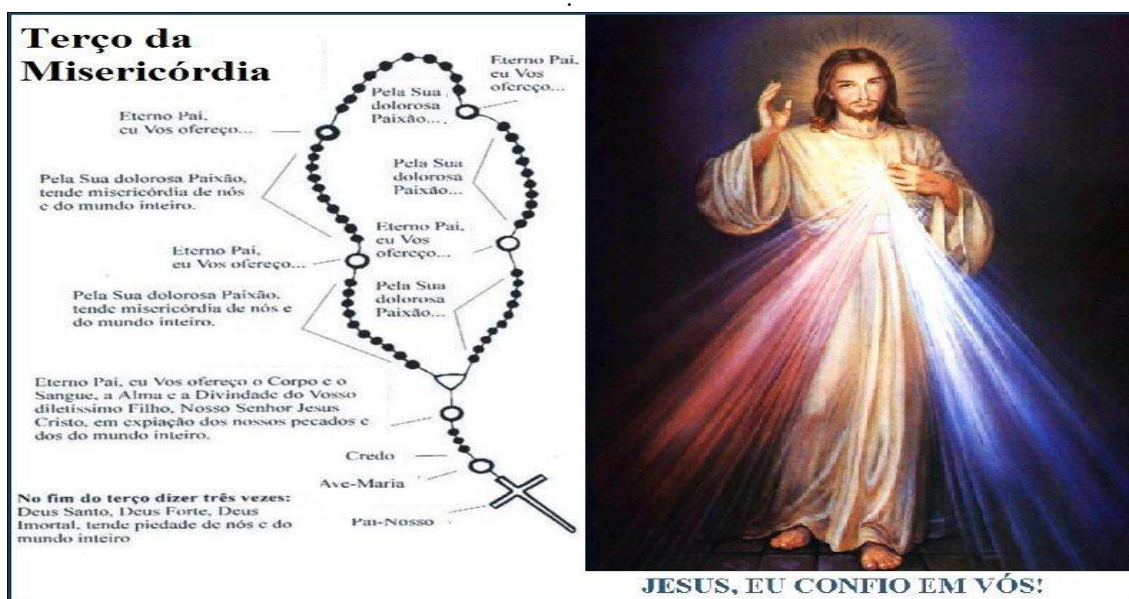
A maioria das participantes tem formação escolar, sendo que 60% possuem o ensino fundamental, 16% o ensino médio e 10% o ensino superior.

Na variável problemas de saúde, a maioria das participantes (95%) declaram não ter problemas de saúde. Nesse sentido, os quadros acima têm a intenção de apresentar o perfil do grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.

A convivialidade com o grupo de mulheres permite perceber as ramificações que fazem a ligação da religiosidade com as ações empreendidas por elas. Os trabalhos voluntários que desenvolvem junto com a igreja convergem com o que Maffesoli (2006) denomina de potência do tribalismo. Temos a possibilidade de utilizar esse adjetivo porque as mulheres do Clube de Mães desenvolvem o trabalho em grupo, vivem convivem em meio à complexidade do estar-junto, existindo, assim, um sentimento compartilhado. Há ligação da socialidade e o laço religioso explícito na narrativa de Marínes Semler.

Então, que nem esse terço da misericórdia ali, foi essa que faleceu de câncer, que era ela... ela que começou na verdade a rezar o Terço da Misericórdia, às três horas da tarde né? Então todo mundo nunca mais quis parar, quis continuar porque ela, nossa! Em honra a ela, é que ela tinha muita fé. Tipo assim, quando morre alguém do bairro também que a família participa do Clube, a gente vai rezar o Terço da Misericórdia na capela onde está sendo velado, compramos umas flores, dá apoio pra família assim, no que precisar. Se precisar ajudar, tipo, fazer alguma coisa pra ajudar no dia, a gente reúne as mulheres e vai, ajuda né? Então é bem assim (Marines Semler, entrevista realizada no dia 02/05/2019).

Figura 04 - Terço da Misericórdia.



Fonte: Googleimagens. Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=imagem+do+ter%C3%A7o+da+misericordia&tbm=isch/> Acesso em maio de 2019.

Observamos na narrativa de Marines Semler que, a partir da convivialidade há a decisão das mulheres de manter determinadas práticas. Neste contexto, a manutenção do ato religioso se apresenta como uma homenagem a uma participante, como disse a entrevistada, uma forma de sagrar a presença daquela mulher naquele lugar. Neste sentido, as mulheres são impulsionadas por um desejo de perduração de algo que aquela prática traz para aquele grupo. Na sequência do fragmento a mulher afirma que estenderam tal ação para outros espaços e em outros momentos da vida coletiva. Assim, o momento ajuda a liar aquelas mulheres à vida coletiva. O que foi descrito pela depoente está relacionado ao que Maffesoli (2006) chama de potência popular, o epicentro dos pequenos grupos, interligados por redes existenciais ou nominados tribalismo contemporâneos. Laços de solidariedade que contém em si a religião (*religare*), a vitalidade e a proxemia natural que podem ser considerados causas e

efeitos da permanência das mulheres no grupo de referência. Por meio de práticas que comportam ora a intensidade, ora a inação, mas que em qualquer uma das modulações fortalece os vínculos e o compartilhamento.

Tais associações poderiam ser pensadas como “transcendência imanente o grupo, a comunidade que transcende os indivíduos” (MAFFESOLI, 2006, p. 82), dinâmica em que a religiosidade ou a fé se completam e sustentam o laço social. Nestes termos, a religião “é a matriz de toda vida social”(MAFFESOLI, 2006, p. 86). Para Maffesoli (2006), a religiosidade se manifesta de várias formas, em diferentes lugares, grupos e pode até alcançar um limite. Porém não se esgota porque será preservada em seu significado mais íntimo. Ela é um dos elementos essenciais para reativar tantas vezes quanto for necessária a potência, que leva a “transcendência imanente” e possibilita justificar a das sociedades por meio das histórias humanas. Nesse sentido, o Clube de Mães Divino Mestre corrobora com tal asserção.

A partir deste liame, iniciamos o processo de descrição do espaço interno do Clube de Mãe Divino Mestre. Logo que entramos no clube nos deparamos com um pequeno altar. Nele está inscrito muito do viver, do pensar e do agir deste grupo de mulheres.

Diante desse altar o grupo se posiciona em um grande círculo para fazer suas orações, especialmente o Terço da Misericórdia. Nesse momento, solicitam a proteção aos seus familiares e às pessoas doentes e acamadas do bairro. Para estas pessoas dedicam atenção: fazem visitas constantes com intuito de verificar as dificuldades e ajudar os vizinhos a amenizar ou sanar o problema.

Prestam auxílio às famílias carentes do bairro, no entanto, como elas mesmas dizem, não são tantas. O Bairro Jardim Seminário, se comparado com outros, possui um poder aquisitivo relativamente bom²³. Dentre as ações, destacam-se:comprade remédios, fraldas e até mesmo auxílio para pagar contas de água e luz às famílias que atravessam momentos de dificuldade.

Em certa ocasião houve uma tempestade em Francisco Beltrão, algumas pessoas do Bairro Jardim Seminário tiveram os telhados de suas casas perfurados com a chuva de granizo. O grupo se mobilizou e conseguiu os materiais necessários para ajudar na reconstrução dos telhados.

²³ Para as mulheres do grupo, a afirmação deque o poder aquisitivo da comunidade é bom se refere: ao padrão de vida, às moradias de boa qualidade, quemaior parcela das pessoas do bairro trabalha, estudam e que são poucos que solicitam ajuda (DIÁRIO DE CAMPO, 09/03/2019).

Fotografia 21 - Imagens sacras do Clube de Mães Divino Mestre.



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

No altar, além das imagens sacras, estão dispostos objetos que revelam o perfil das pessoas que frequentam esse ambiente. A carteira de mão, na cor amarela sobre a cômoda, se destaca de outros objetos, não sabemos se é pela cor, ou pelo lugar que ela ocupa, está tão próxima da borda que passa a impressão que fora colocado ali apressadamente para dar atenção a alguém ou atender algum ocorrido. Em dia de encontro as atividades não são poucas! E o tempo parece ser curto para os afazeres que se desdobram.

Outro objeto que chama a atenção é uma bolsa escura colocada entre a capelinha e a parede, que passa a impressão de que a qualquer momento ela vai deslizar e cair. Dentro da capelinha de madeira envernizada encontra-se a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus em seus braços, representação para elas de mulher, de mãe e de amor incondicional. Em frente à capelinha está um pequeno recipiente de vidro com uma vela que somente será acesa na hora da oração. A bolsa escura posicionada na borda do altar, por detrás da capelinha, também causa impressão de pressa. A disposição desses objetos transmite a mensagem de vida compartilhada, de lugar de confiança, de

espaço de familiaridade, de extensão da casa, ambiente no qual os objetos de uso pessoal podem ser alocados no lugar que parece ser mais fácil.

Os vasos com as flores e as toalhinhas foram confeccionados pelas mulheres do Clube de Mães. Ao centro, em cima de um recipiente de vidro quadrado, está a imagem do Sagrado Coração de Jesus com um terço pendurado no braço esquerdo, logo acima está a imagem de Nossa Senhora Aparecida e ao lado Jesus em um crucifixo de madeira. A descrição tem a função de inferir a efervescência, o movimento que reside nesse local.

Por que fazer referência a esses momentos de efervescência apenas para indicar que existe um vaivém constante entre explosões, e que esse processo é causa e efeito do laço religioso, isto é, da partilha da paixão? Na verdade, a religião compreendida dessa forma é a matriz de toda a vida social (MAFFESOLI, 2006, p. 86).

A descrição dos diferentes objetos alocados na superfície da mesa demarca como os diferentes símbolos religiosos são apropriados pelas mulheres e, da mesma forma, como os objetos não sagrados partilhando mesmo espaço. A relação de convivialidade e religiosidade estão explícitas dentro e fora do Clube de Mães Divino Mestre (DIÁRIO DE CAMPO, 01/08/2019).

Foi divertido ouvir Dona Alzira Mazzoco contar sobre o passeio que as mulheres do Clube de Mães Divino Mestre fizeram ao Santuário Nossa Senhora da Salette, localizado na Comunidade Rio Elias, no Município de Renascença, Paraná, em 10 de novembro de 2008.

O grupo de mulheres locou um ônibus da empresa de turismo para realizar o deslocamento até o Santuário Nossa Senhora da Salette²⁴. Contou que houve vários tipos de brincadeiras dentro do ônibus. Uma delas consistia em pegar uma garrafa pet de 500 ml e fazê-la de microfone, entrevistando umas às outras. As perguntas eram: vida

²⁴O significado e a simbologia de Nossa Senhora de La Salette ou "da Salette" encontra-se representada nesta breve história. Diz respeito ao título que a Virgem Maria recebeu por suas aparições na montanha de La Salette nos Alpes Franceses, em 1846. A aparição ocorreu a dois pastores de ovelhas: a adolescente Melanie Calvat de 15 anos, e o menino Maximim Giraud, de 11 anos. Em sua mensagem teria pedido que os dois pastores transmitissem às pessoas três pedidos: a) a conversão dos pecadores, b) que se construísse uma igreja naquele local e c) que se fundasse uma congregação religiosa para perpetuar sua mensagem. Os dois pastorzinhos eram camponeses de origem humilde e pouca instrução devido às condições de trabalho. Na aparição, Nossa Senhora também usava trajes de camponesa. Estava chorando e deixou mensagem de conversão e de busca de uma vida de oração e santidade. Os símbolos contidos na imagem de Nossa Senhora de La Salette também contam a história e reforçam a mensagem de Maria de maneira extraordinária.

pessoal, quanto tempo estavam casadas se ainda lembravam de como foi à noite de núpcias. Tais questionamentos não tinham a função de obter a resposta de quem era inquirida, mas provocar risos, descontração e exercitar a memória. Narrou que em outro momento, dentro do ônibus, dançaram em pares, sorveram chimarrão, cantaram e fizeram orações.

As brincadeiras entre as mulheres do Clube de Mães durante a viagem e, posteriormente, no local do passeio fluíram de forma espontânea. As ações descritas são retalhos da vida comum. Para Maffesoli (2006) esse processo de forma pura conserva um valor em si. Para realizar as brincadeiras agiram em meio ao impulso próprio da socialidade. No transcurso da viagem e durante o período de permanência do passeio se valeram de atividades variadas para expressar a intensidade e o vitalismo da força coletiva, momento gasto conforme a oportunidade da vida banal.

Ao chegar no destino, realizaram a peregrinação e participaram da missa. Dona Alzira Mazzoco conta que, após a missa, elas foram fazer o almoço para o grupo de mulheres. Levaram uma pequena chapa de ferro para assar carne (Gengis Khan²⁵), no entanto, não conseguiam acender o carvão que haviam levado. Abanavam com lenços, blusas, assopravam e nada de acender as brasas! E todas com fome (risos), relatou a depoente. Finalmente conseguiram acender o fogo, mas a fumaça persistia! “Aí a fome era tanta, que pusemos a carne na chapa ainda com fumaça (risos), comeram carne assada com pão, mas com gostinho de fumaça (risos)! Disseram que o mais importante é a união, o estar-junto. Estava tudo muito bom!” (DIÁRIO DE CAMPO, 01/08/2019).

Esse movimento que produzem, que passa despercebido pelas mulheres, faz parte de uma dinâmica que tece e tende a dar equilíbrio ao que Maffesoli (2006) denomina “tecido social”, “o laço de reciprocidade que tece entre os indivíduos. Trata-se, de algum modo, de um laço, em que o entrecruzamento das ações, das situações e dos

²⁵ Gengis Khan, o prato foi inspirado num costume milenar dos soldados do famoso guerreiro mongol Genghis Khan. Para cavalgarem mais rápido, eles não carregavam utensílios para preparar os alimentos. Cozinhavam em cima dos próprios capacetes, grelhando pedaços de carne seca, vegetais encontrados na região e alimentos saqueados do inimigo. Na versão japonesa do prato, agregou-se o conceito de “nabemono” – refeições comunitárias, preparadas com a participação das pessoas à mesa. A ideia de compartilhar a mesma panela proporciona momentos que superam uma simples refeição. Além dos prazeres da comida, constroem-se momentos memoráveis com familiares e amigos. Fonte: <https://www.coqueluchecasa.com.br/blog/churrasco-genghis-khan-para-saborear-entre-amigos/> Acesso em setembro de 2019.

afetos, forma um todo” (MAFESSOLI, 2006, p.140). É no todo que se exprimem os minúsculos fatos que compõem a vida quotidiana e esse conjunto de fatos produz o vínculo societal.

O propósito da viagem foi conhecer o local, proporcionar ao grupo de mulheres um dia diferente, de descontração, e realizar a peregrinação em um momento de fé e orações. A seguir o registro fotográfico de alguns momentos do passeio.

Por meio das imagens fotográficas foi possível visualizaras brincadeiras, a alegria do estar junto, o companheirismo e a solidariedade entre o grupo de mulheres. Dessa forma, a “imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito, mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais” (LOIZOS, 2003, p. 137). As fotografias registraram este momento.

Fotografia 22- Passeio das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salete.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.

Organização: Elaborada pela autora.

Logo após participar da missa, o grupo de mulheres se organiza em fila para a visitação às imagens de Nossa Senhora da Salet e à gruta, que ficam no mesmo santuário.

As fotografias nos permitem captarmos os interstícios da potência, do vitalismo, da vida comum do grupo de mulheres, da convivialidade, da fé e da religiosidade que une o grupo de mulheres, em que o “divino social toma corpo por intermédio de uma

emoção coletiva” (MAFFESOLI, 2006, p.38).As imagens fotográficas nos permitem a possibilidade de registrar com profundidade o que vemos na superfície.

Tais cenas lembram Maffesoli (2006, p.37) “a ideia da persona, da máscara que pode ser mutável e que se integra, sobretudo numa variedade de cenas, de situações que só valem porque são representadas em conjunto”. As diferentes ambiências comunitárias proporcionam a possibilidade da mutação das pessoas (persona pessoa, troca a máscara a cada transformações) passam a representar, a compor determinado conjunto, há uma variedade de indivíduos e de ações. Essa multiplicidade do eu aparece como persuasão agregadora para com o outro e assim formam-se sujeitos coletivos ou, como diz Maffesoli (2006, p.38), “neotribalismo”.As metáforas de Maffesoli (2006) nos permite afirmar que o grupo de mulheres do clube de mães seria a tribo, as ações e tudo o que as envolve seria o tribalismo e o sujeito que adere determinado grupo seria o neotribalismo.

Fotografia 23 - Mulheres saciam a sede com água da gruta que faz parte do Santuário de Nossa Senhora da Salette.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.

Organização: Elaborada pela autora.

O passeio ao Santuário de Nossa Senhora da Salette foi apenas um dos exemplos que utilizamos para ilustrar o “Divino Social” Maffesoli (2006. p. 38). Afirmamos, assim, que esse sentimento é provocador da sensibilidade, causador da emoção coletiva e é partilhado no grupo de mulheres.

A imagem da santa sentada chorando praticamente desaparece em meio ao grupo de mulheres, que saciam a sede na gruta do Santuário. Enquanto algumas mulheres bebem água, outras param para contemplar a imagem.

Fotografia 24 - Momento em que o grupo de mulheres se direciona para retornar ao Clube de Mães Divino Mestre.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.

Organização: Elaborada pela autora.

Após o grupo se afastar, é possível contemplar a imagem de Nossa Senhora da Salete, sentada chorando com as mãos no rosto.

E no clube de mães “a religião” também é muito importante, a gente tem um “momento de fé”, nosso “momento de oração” às três (quinze) horas, é sagrado o “Terço da Misericórdia” que é o momento que a gente se aproxima, não só entre nós mulheres, mas “nós se aproximamos de Deus”, né? Momento de oração, momento de agradecer, agradecer o dia, agradecer a semana, pedir oração para pessoas, a pessoa que está acamada, a pessoa que está doente, às vezes naquele dia mesmo alguém perdeu um amigo, perdeu um familiar, né? Agradecer, pedir o descanso é interessante às 3 horas (quinze horas), o nosso Terço da Misericórdia. Para depois as guloseimas, o lanche, o café da tarde (risos), às quatro horas (dezesesseis), né? Mas é bem interessante, eu acho que qualquer momento em qualquer reunião, qualquer coisa, primeiro Deus, né? Agradecimento, claro que “a gente pede também”, pedir também é bom, mas agradecer é prioridade! (Olímpia Zanella, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

As vivências e experiências religiosas podem ser o fio condutor que aproxima e agrega as pessoas neste grupo. Possibilita proporcionar o que Maffesoli (2006) chama de sinergia, ou seja, a aproximação das pessoas que criam laços profundos que os sustentam. Esse alicerce faz com que consigam manter-se em meio às gigantescas

estruturas, e que a tentativa de se opor a elas individualmente levaria ao desaparecimento do sujeito.

Desse modo, a proximidade (existencial e espacial) as fortalece, “[...] esse sólido cimento que são a partilha, a ajuda mútua ou a solidariedade desinteressada. É isso que permite a perdurância da socialidade a longo prazo” (MAFFESOLI, 2006, p.146). Cabe aqui analisar que existe organização no Clube de Mães que permite a essas mulheres realizarem mudanças no seu dia a dia e na visão que têm de si.

Porque elas tinham uma mentalidade mais assim, que era ligado a APMI e que clube de mães participava as mulheres menos ativas na comunidade. Tipo assim, sem grau de escolaridade, para não falar, as coitadinhas vão para o Clube de Mães. E eu trabalhei muito! Eu com a Olímpia, pra gente desmitificar isso! Não... vocês podem! Olha hoje, vocês podem tudo! Como que em casa vocês são a dona do lar? Vocês fazem tudo! E no clube de mães vocês podem tudo! (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

A fala da depoente chama atenção para uma ideia externa que circula sobre o Clube de Mães: mulheres de baixa escolaridade, com dificuldades econômicas que se reúnem para passar o tempo. O depoimento apresenta outra ideia de ser mulher: mulheres administradoras do lar, protagonistas e ou subservientes, não importa. Naquele lugar há possibilidade de existirem. Evidente que não há aqui tentativa de pensar idealizações de mulheres, de realizar descrições paradisíacas, de extirpar artificialmente o conflito que também é substrato da experiência diária.

Fotografia 25 - Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salete (1).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.

Organização: Elaborada pela autora.

Fotografia 26 - Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salete (2).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.
Organização: Elaborada pela autora.

Fotografia 27 - Brincadeiras das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no Santuário Nossa Senhora da Salete (3).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre, 10/11/2008.
Organização: Elaborada pela autora.

As imagens mostram as mulheres se divertindo, pois, como afirmado por elas, “para brincar não tem idade!”. Tal atividade aproxima e estimula a partilha do sentimento enquanto cimenta o viver societal. São elementos que constituem a nebulosa afetual e engendra redes de solidariedade.

Na brincadeira não importa vencer. É no percurso e na descontração que ela provoca no sujeito que a atividade cumpre sua finalidade. Essa atitude faz parte das redes de solidariedade. Tais gestualidades podem ser vistas com o oposto da racionalidade moderna, uma vez que se caracterizam pela humanização e o encantamento ou (re)encantamento do mundo.

A brincadeira pode proporcionar lições de vida e reflexões sobre os minúsculos fatos da vida cotidiana, pois “vale considerar a sincronia ou a sinergia das forças que agem na vida social [...] o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a comunidade” (MAFFESOLI, 2006, p.140). As fotografias mostram momentos de descontração das mulheres frequentadoras do Clube de Mães Divino Mestre.

Tanto nas imagens acima quanto na narrativa fica evidente que podemos nos comunicar por meio de imagens e verbalizações, ambas possibilitam aguçar os sentimentos e a sensibilidade. Talvez contrariando a racionalidade ou, ao menos, tornando-a secundária por um determinado tempo.

Fotografia 28 - Artesanatos produzidos por mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (1).



Organização: Elaborada pela autora (2019).

2.1 A construção da socialidade: o sagrado e o profano

É preciso levar em consideração mais o pensamento da praça pública do que a do palácio (MAFFESOLI, 2006, p.105).

Nesta seção voltamos o olhar para a força que emerge da profundidade de perceber a superfície, o enraizamento da proxemia. Talvez devêssemos deixar de valorar somente a racionalidade²⁶ e reconhecer que a vitalidade, a proxemia e a potência se revelam no estar junto e têm relação direta com a sensibilidade do sujeito observador.

Viver o contemporâneo em sua complexidade estrutural envolve elementos que compõem a socialidade, a exemplo “é a partir do local, do território, da proxemia, que se determina a vida de nossas sociedades. E todas essas coisas se referem, também, a um saber local, e não mais a uma verdade projetiva e universal” (MAFFESOLI, 2006, p.105).

Viver a contemporaneidade possibilita observarmos as mudanças. A individualidade moderna já não cabe mais. O indivíduo com sua identidade definida, cansado, sem força e sem graça em viver seu contexto individual descobre artifícios para tornar a vida dinâmica e reencontrar o prazer de estar junto. Para o autor, formam-se pequenos grupos ou muitos já formados, que na modernidade não ousaram emergir. Tais coletivos existiam nos interstícios da vida, sem a possibilidade ou oportunidade de expressar sua forma de viver e compartilhar do conhecimento comum.

Com esse pensamento de enraizamento dinâmico é possível associar ao que Maffesoli (2006) chamou de tribos contemporâneas, capaz de acolher a quem está em busca de uma nova identidade e ou de identificação. É em meio ao tribalismo que temos a oportunidade de observar a vivência e convivência da tribo contemporânea. Em seus interstícios que se mostram na superfície, percebemos as singularidades de determinado fenômeno cultural.

E aí como que a gente sempre pensou na área social, fazer trabalho social com a comunidade, porque enriquece muito a gente, e fazendo cesta básica, recolhendo roupa, agasalho. A gente fez, né? A Campanha do Agasalho, á dois anos atrás acho, nessas épocas assim.

²⁶ Racionalidade do século XIX se referia a história, ao que chamei de atitude extensiva (extensão); a racionalidade que se anuncia agora é principalmente proxêmica, intensiva (in-tensão), se organiza em torno de um eixo (guru, ação prazer, espaço) que ao mesmo tempo liga as pessoas e as deixa livres. Ela é centrípeta e centrífuga (MAFFESOLI, 2006, p. 233).

E sem precisar pedir auxílio assim, de órgãos da Prefeitura, Estado, né? Essas coisas, a gente sempre se virou! E valorizou! E outra coisa que eu sempre falo para elas, é pra elas sempre lembrar do começo! Como que foi o começo? Como foi difícil para elas, porque não tinham as condições que hoje a gente tem. Hoje se a gente quer a gente faz, a gente fez, né? (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Cabe aqui analisar a narrativa da Dona Rosalina Grison. Ao fazer a ligação entre duas forças internas que fundamentariam a sociedade, Maffesoli (2006) lança mão de duas mitologias gregas - Apolo e Dionísio, para entender que a sociedade vive eternos ciclos, entre razão e emoção, amor ou afeto. Assim, o princípio do logos, representado por Apolo: razão e Dionísio: emoção. É a tribo que possibilita contemplar a metamorfose do vínculo societal.

Entendemos a narrativa acima como exemplo das metáforas maffesolianas, as descrições das ações realizadas pelo grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, o “se importar com o outro”, o “afeto”, a pouca dependência financeira do “meio político” municipal e estadual e as conquistas por meio de suas próprias ações, são elementos que podem ser representadas pela “força” que as move. Buscam se adequar conforme os momentos históricos que estão passando, suas atitudes saem de certa linearidade racional que se encaminham para a horizontalidade fraternal.

Fotografia 29- Artesanatos produzidos por mulheres do Clube de Mães Divino Mestre (2).



Organização: Elaborada pela autora (2019).

Na narrativa de Marines Fontana Mezoni verifica-se que as ações das mulheres do Clube de Mães Divino Mestre demonstram a capacidade que elas têm em produzir recursos para realizar as atividades que consideram significativas para as práticas que mobilizam.

Essas práticas mantêm as instituições políticas consistentes e dá sentido a elas. Nesse caso representada pelas integrantes dos clubes de mães do município, “se a socialidade pode, pontualmente estruturar-se em instituições ou em determinados movimentos políticos, ela os transcende a todos” (MAFFESOLI, 2006, p.110).

Nesse sentido, a política receosa de perder alguns alicerces que a estruturam, como por exemplo o afastamento de grupos das comunidades de base. Para mantê-los em consonância com apolítica, procuram trabalhar de forma que possa oferecer apoio aos grupos e comunidades. Na manhã do dia 23 de maio de 2019, A Sr.^aMarines Fontana Mezoni esteve em reunião no Espaço da Arte Eunice Sartori com o Prefeito, Cleber Fontana, a Coordenadora dos Clubes de Mães, Eva Cadore Martins dos Santos, conhecida por nome de Fátima, e demais colegas de outros clubes de mães e autoridades presentes. Logo a seguir, apresentamos o trecho da entrevista com mais detalhes.

Eu fui de manhã, na APMI, que a partir de agora, não tem a data certa ainda, mas “toda associada vai ter uma carteirinha do Clube de Mães”. O objetivo da carteirinha é assim, para se “identificar” né? Não foi marcado o dia certo, mas logo vai ter o “Encontrão” né? Então só vai poder entrar lá quem tem “identificação da carteirinha”. E outra coisa que eles comentaram a Fátima da APMI, essa carteirinha vai ser pra gente assim, fazer convênios com o comércio, em mercado, farmácia, que aí eles dão um pouco de desconto na tua compra né? Eu acho que a carteirinha vai ser muito útil para as associadas, interessante! Eu acredito que vai funcionar assim com as carteirinhas, pego um exemplo do Grizon (supermercado), daí você vai no mercado e fala, se todas as associadas vierem comprar aqui, quanto você dá de desconto, para as associadas? “Há! três por cento”, daí tu vai lá faz a compra e apresenta a carteirinha. Pelo menos foi o que eu entendi que o prefeito falou. Estava bastante cheio hoje, apesar da chuva (Marines Fontana Mezoni, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Visto de fora, o fragmento acima pode expressar um projeto político, uma história racional. Por outro lado, visto de dentro de uma memória coletiva, representa uma forma de laço societal e sensibilidade coletiva complexa, que aos poucos se organiza e forma uma espécie de solidariedade orgânica. Para Maffesoli (2006, p. 43) “podemos enfatizar que ela participa da aura estética (aisthesis), que se apoia na união,

ainda que pontilhada, do macrocosmo e dos microcosmos, e dos microcosmos entre si”.
Aí poderíamos denotar a proxemia, representada por um objetivo comum: as carteirinhas para o grupo de mulheres receberem descontos nas compras realizadas em alguns estabelecimentos comerciais. A estética do sentimento compartilhado e a experiência ética é o laço coletivo que caracteriza a vida quotidiana.

Fotografia 30 - Carteirinha para identificação das associadas ao Clube de Mães Divino Mestre.



Organização: Elaborada pela autora, março de 2019.

Ao retornar da reunião, a coordenadora do grupo, a Sra. Marínes Fontana Mezoni, compartilhou com as mulheres as informações que recebeu. Informou que o poder público entrará em contato com alguns estabelecimentos comerciais para realizar o convênio a fim de possibilitar descontos para as participantes do clube.

Outro assunto abordado foi que os clubes de mães que têm interesse em receber a distribuição dos alimentos pelo Programa Mesa Brasil, realizado pelo SESC, devem cadastrar-se no início do ano.

Assim, confrontados que estamos, todos, ao fim das grandes certezas ideológicas; conscientes, também, do cansaço que invade os grandes valores culturais que moldaram a modernidade; por fim, constatando que esta última já não tem grande confiança em si mesma, é indispensável recuar um pouco para circunscrever, com a maior lucidez possível, a socialidade que emerge sob nossos olhos. Esta, por mais estranha que seja, não pode deixar ninguém indiferente (MAFFESOLI 1998, p.8).

Olhar para a massa e vê-la como uma única cultura, um todo, seria uma atitude vazia, visto que estamos inseridos em redes de acontecimentos, alguns que percebemos,

outros que escapam a nossa lente. O grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre criaram um espaço para viver a socialidade, suas características estão explícitas no modo de vida, nas relações entre as mulheres, dentro e fora do clube.

Inseridas no contexto da pós-modernidade, talvez alheias a essa metamorfose estrutural, espontaneamente tentam promover o aconchego, o abraço afetual a quem chega ao clube: “então, tem várias situações que a gente às vezes, só um abraço, um beijo, o calor amigo, né? Um aconchego às vezes na pessoa marca bastante (pausa)” (Olímpia Zanella, entrevista no dia 13/06/2019). Essas palavras da Sra. Olímpia deixam transparecer o acolhimento, a intensidade afetual, a atenção em ouvir o outro. Para Maffesoli (2006), da história nascem às histórias que elas vivem em seu dia a dia, compartilham umas com as outras naquele tempo, naquele local. Para complementar nosso raciocínio, utilizaremos a definição de Maffesoli (2006) para a força protetora, que tem a ver com calor, “um historiador da medicina faz a esse respeito um paralelo notável entre o “calor congênito hipocrático” e o fogo do altar doméstico indo-europeu” (MAFFESOLI, 2006, p.209).

Para Maffesoli (2006), são duas formas distintas de sentir e representar o calor. Um está relacionado à família, havia um altar antigo centralizado em meio à residência de forma que não podia ser visto da parte externa da casa. Outro calor produzido era congênito, vinha da região do coração, no mais íntimo e profundo do corpo humano, de forma distinta. Os dois representam a força protetora, hipótese da centralidade subterrânea que caracteriza a socialidade, um valor estético que advém do fenômeno religioso.

A narrativa de Dona Olinda possibilita fazer correlação das suas práticas socioculturais com a religiosidade e extensão com a comunidade: “Eu fui lá, cozinhei, vi que precisavam de ajuda e oração, chamei o padre, o padre veio, deu a bênção para os dois, eu levava comunhão, visitei até eles falecerem” (Olinda Reolon, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Podemos entender o Clube de Mães como o local onde se exprime a religiosidade de forma contemporânea, modificada, em que a fé e a religiosidade aparecem explícitas nas ações do grupo de mulheres. Para Maffesoli (2006), a religiosidade vivida em comum e compartilhada pelas pessoas não determina local sagrado e não se afasta, mas se estabelece nas coisas profanas do viver. Seria uma forma de religar um ao outro.

2.2 Festejando o estar junto: éticas e estéticas da vida diária

Pouco lhes importa o objetivo a ser atingido, o projeto, econômico, político, social, a ser realizado. Elas preferem “entrar no” prazer de estar junto, entrar na intensidade do momento, “entrar no” gozo deste mundo tal como ele é, (Maffesoli, 2006, p.7).

É necessário aguçar o olhar para as ações sociais e culturais desenvolvidas no Clube de Mães, abstrair fatores que convergem à abordagem pretendida. Para isso, é necessário conhecer o porquê de sentir prazer de estar-junto.

Apresentamos um fragmento da narrativa da Sra. Olímpia Zanella Thomé, que expressa um dos tantos sentimentos representados nos grupos contemporâneos que tendem a aumentar ou simplesmente aparecer, já que estão aqui na superfície, como é o caso do grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, o qual ela faz parte: “Olha eu frequento o grupo assim, de uma maneira bem assim, bem feliz! bem alegre! eu gosto de estar junto com elas! Eu me sinto bem com as minhas amigas, tanto com a pessoa de mais idade, com as de minha idade, uma pessoa de menos idade” (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Comparamos o fragmento da narrativa com o que Maffesoli (2006) nos revela em relação ao ambiente comunitário. Para o autor, este é o local de múltiplas identidades, de vários eus, microcosmos que constituem os macrocosmos. Em seu interior ocorrem múltiplas facetas representadas pela persona²⁷, passíveis de incorporar as mudanças que valem e são representadas pelo conjunto: a ambiência comunitária.

Poderíamos dizer com base em Maffesoli (2006) que, até aqui, o que foi descrito se relaciona com quatro fatores importantes para representar o viver em comunidade ou grupo: vivência, sentir em comum, multiplicidade do eu e a ambiência comunitária. Nasce o paradigma estético para consolidar o que une e não o que separa. A ambiência

²⁷ Persona, característica da socialidade a pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (Maffesoli, 2006, p.133). Reconhecemos aqui a ideia de persona, da máscara que pode ser mutável e que se integram, sobretudo numa variedade de cenas, situações que só valem porque são representadas em conjunto e também enquanto a lógica individualista se apoia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro (Maffesoli, 2006, p.37).

comunitária é encontrada em diferentes lugares, com diferentes nomes. Em todas as religiões as emoções são compartilhadas e constituem o laço social.

A narrativa da Coordenadora dos Clubes de Mães do município possibilitou realizar a correlação que conota a estética para Maffesoli (2006). Todos ligados pelo laço estreito da aura estética²⁸ e da experiência ética²⁹ se originam em meio a um grupo, no caso nos referimos ao grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.

Então, vai chegar um ponto, né? Agora está acontecendo já isso, que a gente tem o nome de clube de mães, mas como apelido, é um nome carinhoso. Porque a nomenclatura Clube de Mães não existe mais, a nomenclatura hoje é Grupo de Convivência, Grupo de Convivência bairro Jardim Seminário, Grupo de Convivência bairro Vila Nova Parque, Grupo de Convivência Bairro Quilômetro Oito, mas clube de mães nunca vai sair da nossa boca, nunca vai sair do nosso coração. É uma coisa que a gente tem por amor (Fátima, entrevista realizada no dia 17/05/2019).

Ainda aqui cabe uma assertiva, é possível nesse fragmento visualizar o clube de mães como uma tendência comunitária ou de pequenos grupos que se desenvolvem intrinsecamente com o desempenho tecnológico ou econômico. Ao que tudo parece, esses grupos se adéquam às imposições políticas (municipais ou estaduais) que sofrem, sem perder a solidariedade e sentimentos comuns que os unem e fortalecem em meio à comunidade, apenas para dar continuidade a suas ações.

A vista disto “nessa perspectiva “formista”, a comunidade vai se caracterizar menos por um projeto (*pro-jectum*) voltado para o futuro do que pela situação *in actu* da pulsão de estar-junto. Observando expressões da vida quotidiana, tais como dar calor [...]” (MAFFESOLI, 2006, p.46). Talvez seja entre tantas expressões simples que se fundamenta a ética comunitária, ainda assim, a política não partidária interna do grupo faz com que não sofram mudanças na forma de trabalhar, por se tratar da extinção da nomenclatura clube de mães e passar a se chamar grupos de convivência.

Elementos afetuais, encontrados no interior dos grupos ou tribos promovem uma força coesa, partilham os sentimentos e os transformam em sentimentos comuns. Essa sensibilidade coletiva ativa o valor humano e o transforma em ética comunitária.

²⁸Aquilo que caracteriza a estética no sentido de vivenciar ou viver em comum (Maffesoli, 2006, p. 44).

²⁹Ética, a sensibilidade coletiva originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética (MAFFESOLI, 2006, p. 50).

2.3 O divino social: solidariedade de base e práticas culturais

Uma ordem interior que pontualmente aflora em momentos de fratura, de perturbações ou de efervescência; entendido que estes podem ser perfeitamente silenciosos, ou ao menos bem discretos, a ponto de escaparem à sutileza de análise dos que fazem disso profissão. Lembremo-nos do ditado “saber escutar a erva crescer” (MAFFESOLI, 2006, p. 252).

Observar, entrevistar, ouvir as narrativas, compartilhar com elas a vivência e as emoções. Sentir nos interstícios da fala e ações o esforço para manter o ponto de equilíbrio entre o afetual e o conflitual, natural em um grupo que vive a socialidade. Tais apreensões demonstram a necessidade em desenvolver e cultivar no grupo de mulheres a sabedoria e a perspicácia em suas práticas e ações nodia a dia.

Parece-nos um pouco estranho pensar no dia a dia sendo que os encontros acontecem somente nas quintas-feiras, mas é perceptível que o vínculo societal parece não acabar ali, naquele espaço, naquele local. Ele se estende para além do Clube de Mães, por meio de atividades que as mulheres levam para casa, com o comprometimento nas tarefas (trazer lanche e terminar o que foi combinado no início daquela tarde e que algumas levam para terminar em casa). Se o grupo tem questões pendentes, elas retornam na mesma semana ao clube, quantas vezes for necessário até que tudo esteja em conformidade com que precisam, ou simplesmente pela vontade de oferecer o que consideram mais apropriado para o grupo.

Poderíamos pensar o espaço do clube de mães como um lugar de independência para algumas mulheres. Muitas vezes é o momento em que “ela pode” falar, contar uma piada, tecer algo que lhe apetece ou simplesmente não fazer nada, como algumas relatam: “hoje não vou fazer nada, quero só tomar chimarrão, conversar e dar risada. É o seu momento de prazer e sem querer ser trágica, para algumas mulheres, quem sabe é o único momento em que prevalece a própria vontade, do próprio corpo, por vezes perdido no anonimato da clausura representada nas diferentes esferas, sociais, políticas e econômicas.

Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem

uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente (PERROT, 2007, p. 39).

Na história das mulheres descrita por Perrot (2007) estima-se que grande número de mulheres utilizava as seitas para representar a inquietação religiosa do final da Idade Média, a partir do século XII. Entre as seitas existiam os hussitas. As mulheres que faziam parte desta seita, junto com seus membros, questionavam o poder dos clérigos, defendiam seguir somente as leis da bíblia em que o ritual da comunhão pão e vinho poderia ser oferecido por leigos e questionavam a hierarquia dos sexos. Outra reivindicação era para que houvesse igualdade entre as seitas para apresentação dos cultos.

Essas mulheres foram maciçamente perseguidas, presas e queimadas, principalmente em cinco países: Alemanha, Suíça, leste da França, Itália e Espanha. Quem ousou desafiar o poder dos clérigos perdeu a vida brutalmente incinerada, “estima-se em cem mil o número das vítimas, sendo 90% de mulheres. A onda de repressão, iniciada ao final do século XV, e da qual Joana d’Arc, de certo modo, foi vítima, exacerbou-se nos séculos XVI e XVII” (PERROT, 2007, p. 89).

Para Perrot (2007), a partir dos séculos XVIII e XIX a história torna-se mais científica e profissional.

Daria um espaço maior para as mulheres e para as relações entre os sexos? Apenas um pouco maior. Michelet fala das mulheres na história da França: a terrível regência de Catarina de Médici mostra os inconvenientes das mulheres no poder. A Noite de São Bartolomeu seria, a seus olhos, uma consequência da transgressão dos gêneros. Isso, em contraste com o movimento das mulheres do Mercado (*La Halle*), a 5 e 6 de outubro de 1789, que ilustra seu papel positivo quando se assumem como mães e donas-de-casa (PERROT, 2007, p. 17).

Na citação acima, principalmente na frase “se assumem como mães e donas de casa”, nos leva a crer que esse pensamento ou falanão é difícil de encontrarmos atualmente.

Para algumas mulheres a conquista no mercado de trabalho nem sempre dá condições de livrarem-se dos afazeres domésticos. Sem igualdade de direitos, muitas vezes a pseudoliberdade da mulher em uma sociedade machista torna difícil se desvencilhar da dupla jornada de trabalho. No século XIX algumas mulheres escritoras

de origem aristocrática tentaram ganhar a vida por meio da escrita de biografias de mulheres. Para Perrot (2007),

[...] Maria Antonieta "flagelo e sanguessuga dos franceses" para umas, rainha infeliz para outras, que tentam reabilitá-la, e a quem Olympe de Gouges havia dedicado a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, são as que despertam a sua atenção. Mas notam-se também algumas tentativas de captar a evolução da condição das mulheres com uma abrangência maior. Em que questiona o papel do cristianismo nessa evolução (PERROT 2007, p.18).

O interesse pelo assunto se ampliou, as escritas sobre a história das mulheres ao longo do tempo tomaram corpo e percebemos que há perdurações que parecem difíceis de ultrapassar. Quem sabe poderíamos dizer que a história não é continua, não é linear. As mulheres continuam suas conquistas por meio de leis, ações e procuram as palavras que possibilitam escrever suas próprias histórias.

No Segundo Império, clerical e conservador, um desafio ao clericalismo de Monsenhor Dupanloup e à antipatia de Pierre-Joseph Proudhon. Entre as duas guerras, as mulheres têm acesso à universidade. E várias delas manifestam interesse pela história das mulheres, principalmente pela do feminismo (PERROT, 2007, p.18).

Nas décadas de 1970 e 1980 surge a vontade de ouvir outra narrativa da história referente às mulheres, poderíamos dizer que a história sobre as mulheres passou a ser escrita de um jeito diferente.

Os integralismos políticos e religiosos fazem da ordem dos sexos e da dependência das mulheres um de seus pilares. Efeitos perversos, inesperados, se produzem: solidão, confronto, violência, conjugal ou de outro tipo, talvez mais visível ou realmente agravada pela angústia identitária, marcam as relações entre os sexos, quase sempre tensas, (PERROT, 2007, p.163).

Para Perrot (2007), a partir do século XX, com o avanço da industrialização e as transformações sociais, o Brasil passou a adotar um modelo de organização social para as famílias brasileiras da classe trabalhadora. Modelo similar aos países europeus economicamente avançados. Junto com o pacote de mudanças, a presença masculina se sobrepõe à feminina. Os papéis de marido e esposa estava hierarquicamente definido: o pai, chefe da família e autoridade moral, e a mulher, mãe e dona de casa responsável em

manter a unidade do grupo. Para manter a união se submetiam ou ainda, no século XXI, se submetem ao confronto hierárquico masculino.

A narrativa de Dona Hilda Leodoro aponta indícios de avanços da mulher em relação à sujeição. Ao que parece, a mulher ganhou espaço fora de casa, a princípio para trabalhar e ajudar no orçamento doméstico ou, em alguns casos, assumir todas as responsabilidades para si. De forma explícita, a narrativa demonstra que a mulher não perdeu o espaço dentro de casa, mas somou junto com ele uma jornada exaustiva de trabalho, sem hora para acabar. Como Dona Hilda diz: cuidar dos filhos, fazer comida, lavar roupa e assim segue a lista de afazeres.

Pra mim, ser mulher? Deixa ver como vou explicar? Ai! Mulher! Acho que é mais que tudo, uma mulher, né? Porque hoje em dia eu penso assim, a mulher hoje em dia! Não é que eu vou desprezar os homens, mas nós somos mais que um homem! Porque as mulheres fazem, como eu digo sempre, elas trabalham, acho que umas vinte e cinco vezes mais que um homem, que o marido da gente faz. Cuida dos filhos, faz comida, lava roupa, trabalha fora e ainda ajuda o marido! Quando não precisa, a gente tá lá, pra ajudar o marido! É assim mulher! É assim, né? Mulher é um exemplo de vida (risadas) (Hilda Leodoro, entrevista realizada no dia 08/05/2019).

Poderíamos pensar que nos interstícios do não dito, estaria uma situação de conflito. Há uma aparente liberdade para o trabalho, desde que não comprometa ou extinga as responsabilidades e o cumprimento dos afazeres domésticos. A narrativa da Dona Rosalina faz antever a história como ciclos que vêm e se acabam para dar lugar a outros, e assim sucessivamente em um *continuon*.

Ser mulher!...Meu Deus! (suspirando), para mim é muito!... Eu acho assim, resumi assim, é bonito! Eu falo de mim, eu sou de uma geração. Mas tudo depende também do ambiente que você vive, da onde você mora, da sociedade. As minhas primas, da minha geração, era assim, 20 anos, 29 anos tinha que casar, e eu fui o avesso disso, porque eu queria ser diferente disso, porque eu queria ser feliz do meu jeito! Não do jeito que alguém ia me impor. Porque o pai e a mãe eles sofreram muita repressão, que na época deles era assim, praticamente escolhiam a mulher com que o marido ia casar [...] (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Nesse sentido, a heterogeneidade, com a força da diferença que contém, nos permite apreciar sua ebulição interna. O grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre compartilha as diferenças, converge na liberdade de expressão e até mesmo no respeito ao silêncio, “um silêncio que fala, e que convém não forçá-lo, mas interpretá-

lo, para poder fazer sobressair toda a sua riqueza” (MAFFESOLI, 2006, p. 252). Riqueza esta, contida no conjunto das narrativas, cada uma expressa suas particularidades, conta a sua história fazendo sobressair o vitalismo, a força, a potência não como forma moralizadora, excludente, mas como uma das características necessárias para entendermos com profundidade a importância que cada um carrega para a composição do mundo.

Assim como Maffesoli (2006) utilizou o exemplo da boneca gigogne para o grande objeto-massa que contém em si pequenos objetos-grupos, utilizamos esse exemplo para justificar o grande objeto-mundo que contém em si médios objetos-massa e estes, por sua vez, contém em si pequenos objetos-grupos e pequenos objetos-espacos que se “difracam ao infinito”. Nos pequenos objetos-espacos existe vida no diaadia, há ligação entre o tempo e o espaco que se relacionam com a metáfora “da ponte e da porta, do que liga e do que separa, a acentuação do espacial, do território, faz o homem relacional, um misto de abertura e reserva” (MAFFESOLI, 2006, p.203).

As mulheres no Clube de Mães cuidam da nutrição, do entretenimento por meio de atividades artesanais, dos bordados, dos crochês, dos tricôs, das costuras, entre outras atividades. A cada encontro realizam dinâmicas com propósito comum a todas, que pode ser uma reflexão, um alerta sobre a saúde ou sobre a receptividade com o outro. O sentimento afetual por meio do abraço e do sorriso se transforma em refúgio da dor e do cansaço, esse ambiente permite não fazer nada, convidar pessoas novas a participar, amigos, conhecidos, vizinhos. Tal como foi afirmado pela entrevistada “porque muitas reagem assim: “ah! eu tô tão cansada, fiz tanto serviço em casa que hoje eu não quero fazer nada. Quero só tomar chimarrão, fazer um lanche junto e conversar”. E é interessante isso, né? Por que tem que respeitar a opinião de todos?” (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Outro fator importante é a presença de crianças. A Associação de Proteção a Maternidade a Infância e Família - APMIF incentiva a presença de familiares, principalmente de crianças, filhos, vizinhos, sobrinhos ou netos das mulheres que frequentam o Clube de Mães. A participação das crianças no clube tem o intuito de educar por meio do diálogo e das brincadeiras e ficar próximo do olhar da mãe, da tia, da avó, ou seja, de um adulto responsável pelo cuidado.

Tem mulheres aqui, tem as avós que cuidam dos netos, é interessante elas ir e participar tem bastante. As mães trabalham e elas ficam com

os netos, a criança estuda de manhã, aí vem com a avó, à gente valoriza bastante elas, porque não é fácil! Ser mãe e avó é uma batalha grande! No participa a gente vê, nesse sentido a gente trabalha com elas também, mas assim, de dar força né? Amizade, colaborar é muito bom! (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Na narrativa da Dona Rosalina percebemos a preocupação com a dificuldade das avós na dupla jornada. A supervisão da avó requer dar conta de acompanhar a criança com toda energia natural: travessuras, brincadeiras de correr, esconde-esconde, roda e tantas outras. Essa é a parte mais contagiante e alegre, tanto para a criança quanto para o adulto. No entanto, também tem os afazeres escolares para acompanhar, os cuidados com a saúde, a imposição de limites e tantos outros afazeres que o cuidado de uma criança exige. Desse modo, o cuidado, tanto com a educação da criança quanto com a saúde física e mental da avó, requer atenção redobrada. Como a Dona Rosalina mesma diz: “não é fácil ser mãe e avó!”.

Eu entrei no clube de mães por intermédio de minha mãe, que a minha mãe mesmo, quando ela participava lá no interior, lá na comunidade na Linha São Paulo, sempre participou da igreja e a igreja sempre teve o convívio com a escola. Naquela época nem dizia Clube de Mães, mas tinha as rodas de chimarrão, das mães, das vós, né? As brincadeiras, e levavam as crianças na igreja e já ficavam junto de tarde para as crianças se encontrar (Olímpia Zanenella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

A narrativa da Dona Olímpia tem relação com a sua própria infância e história. Ela era uma das crianças que frequentava o Clube de Mães, acompanhada por mulheres de sua família. Atualmente, ela percebe que ocorreno Clube de Mães Divino Mestre um ciclo parecido com o qual ela experienciou enquanto criança. É a avó que vai para a reunião acompanhada pelo neto (a). Percebe-se que há nesta narrativa a expressão de um ciclo, de uma permanência. Neste espaço ela aprendeu um jeito de ser mulher, uma forma de resistir que se dá nos fluxos da vida. A mulher não estabelece uma racionalização ou um julgamento moral das ações praticadas ali em diferentes temporalidades, ela reconhece aquele local como um território formativo e educativo.

Esse é o sentido, fundir a religiosidade, a proxemia, a forma de perdurar a educação familiar e a socialidade, visto que “as famílias se reúnem para celebrar os ritmos do tempo, confrontar a experiência das gerações, acolher os nascimentos, solenizar as alianças, superar as provas, toda aquela paciência que conduz da vida a morte no decorrer dos anos”. (CERTEAU e GIARD, 1996, p.206). De acordo com as

narrativas das entrevistas, podemos pensar a semelhança no sentido das palavras “em casa” e “no Clube de Mães”. Há possibilidade de fazer ligação entre “a casa” da família e “o Clube” das famílias, tal como asseveram Certeau e Giard (1996), podemos dizer que tanto a casa quanto o Clube de Mães, estão situados em algum lugar na cidade. É na cidade que as pessoas buscam seu meio de vida, de trabalho, vivem seus medos reais ou imaginários. Mas ao retornar ao espaço próprio, território pessoal e privado, sentem-se seguras, “diríamos que é preciso densificar este lugar pessoal, material e afetivamente para tornar-se o território onde se enraíza o microcosmos familiar, [...] lugar para o qual é tão bom voltar” (CERTEAU e GIARD, 1996, p. 206).

Dona Sueli, outra narradora, explícita as ações do grupo de mulheres do Clube de Mães em parceria com o SESC. Por meio de palestras realizadas por profissionais na área da saúde e direito, Dona Sueli sente-se gratificada pelo fato de sua participação no Clube de Mães ter ampliado conhecimentos que foram fundamentais para educar seus filhos. Nesse sentido, o clube representa para ela o microcosmos familiar- lugar de encontros, marcados pela densidade dos sentimentos, lugar para aprender e ensinar, para sentir, para partilhar.

E eu aprendi muita coisa! A gente aprende e ensina, isso é muito legal! Por exemplo, até a criação dos filhos, sabe? A educação, como falar com as crianças, como conversar com eles, né? Ao invés de ficar criticando e falando do filho dos outros. Foi uma troca de ideia, né? De conversas e até de: “aí porque que eu vou ficar chorando por causa do meu filho...?” Então, isso não queremos, daí a gente conversava e via que a gente era errada. E sobre isso a educação dos meus filhos é do clube de mães! Eu agradeço muito hoje pela criação dos meus filhos. E como eu não tive participação de faculdade e estudo, e meu pai falou que não precisava de faculdade para criar um filho né? Mas a troca de ideias e sobre as palestras, que nós tivemos no clube de mães ajudou muito a gente a desenvolver os filhos né? Veio muitas pessoas ali pra dar palestra, veio advogada, veio palestrante das faculdades, nossa! Veio de todas, até médico e dentista... ginecologistas. Então a gente soube educar os filhos, porque eles também ensinavam a gente. Daí as palestras que a gente vai no SESC, tem aquela lá sobre os filhos, aquilo lá é muito bom, não tinha a ver com a Mesa Brasil, mas a gente já ia (Sueli Braz, entrevista realizada no dia 09/05/2019).

Poderíamos pensar o Clube de Mães como um espaço familiar, propício a um ambiente educativo, “aqui a criança cresce e acumula na memória mil fragmentos de saber e de discurso que, mais tarde, determinarão sua maneira de agir, de sofrer e de desejar” (CERTEAU e GIARD, 1996, p. 206).

As três narrativas estão relacionadas à educação da criança no ambiente familiar, fora da escolarização. Assim como Certeau e Giard (1996) descrevem, podemos

relacionar o espaço Clube de Mães como um local de oportunidades em relação à educação das crianças que frequentam o clube com as mães, avós, ou com alguém que tenha algum grau de parentesco. Também é um espaço onde o grupo de mulheres inventam e compartilham “modos de fazer”. Além disso, nesse local compartilham suas receitas, seus artesanatos, seus chás, cafés e lanches renovam a herança dos antepassados que faz parte do ensinar e aprender. Na narrativa da entrevistada, o Clube de Mães foi lugar propício para que ela descobrisse um jeito de ser mãe, formas diferentes de educar, configurações do aprender, informações de temáticas que foram afastadas do seu espaço de vida, visto que, como afirmara, “o pai para criar filho não precisa faculdade”.

Neste contexto, o Clube de Mães aparece como espaço multiforme, formativo fundante da forma como esta mulher aprendeu a compreender a vida individual e coletiva.

Um exemplo disso no Clube de Mães é o “chá de bruxa”, que é servido, entre outras bebidas, às dezesseis horas no dia do encontro para acompanhar o lanche. A acepção “chá de bruxa” “traz à memória a onda de repressão, iniciada ao final do século XV, “da qual Joana D'arc de certo modo, foi vítima e o horror exacerbou-se nos séculos XVI e XVII”. Tais práticas pareciam confrontar com movimentos nascentes que problematizavam tais ideias: o renascimento, o humanismo, a reforma. Naquele momento, “os protestantes concordavam com os católicos que as feiticeiras eram nocivas. As feiticeiras aparecem como bodes expiatórios da modernidade. De que são acusadas, afinal?” “em primeiro lugar, elas ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente conversas, mas com elixires elaborados por elas e com fórmulas esotéricas (PERROT, 2007, p. 86). Não é o caso do Clube de mães, mas o nome do chá e a forma como ele é elaborado nos remeteu a esse episódio histórico ocorrido na Idade Média.

Eu adoro ir lá, nossa! Adoro fazer o chá, que a gente faz! Aquele chá de bruxa, lá? Pra tomar chá de bruxa? Vai maçã, abacaxi, põe a erva cidreira e frutas assim, daí a gente põe cravo, canela, a gente diz “chá de bruxa”, mas é muito gostoso! Ah! Queima o açúcar pra fazer esse chá, é muito bom! (Hilda Leodoro, entrevistada no dia 08/05/2019).

Logo abaixo, a fotografia 31 mostra o recipiente do chá de bruxa. Na tarde do encontro no Clube de mães, as mulheres utilizaram uma panela de alumínio grande para

a elaboração do chá, derreteram o açúcar até atingir a cor caramelo, colocaram junto paus de canela e cravos. O aroma adocicado invadiu o ambiente, bem naquele horário convidativo para um lanche! Após a mistura, despejaram a quantia de água que consideraram ser o suficiente para o número de mulheres presente naquele encontro. Depois acrescentaram pedaços de frutas: maçãs e abacaxis. O aroma que exalava da panela despertava os sentidos!

Algumas mulheres disseram ouvir das mães e avós que se chama chá de bruxa pelo fato de se usar vários tipos de ervas, elas também afirmaram que variavam o sabor conforme a vontade e o desejo do dia. Relataram que o segredo é variar as ervas e frutas, portanto é necessário que a pessoa que fará o chá tenha certa sensibilidade, pois o intuito é quase sempre acalmar, relaxar e rememorar. Neste momento, aproveitam para recordar as lembranças da infância, por isso é degustado lentamente com bolachinhas, pães e cucas confeccionadas por elas, ou ainda há quem prefira degustar somente o chá (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2019).

A degustação do chá é o momento oportuno para deixar aflorar os sentimentos, trocar ideias, receitas, contar umas às outras algo que incomoda ou as faz feliz. Cada encontro é único, e todos colaboram para manter a convivialidade, a solidariedade, a perdurância e as práticas sociais no grupo de mulheres do Clube de Mães.

Fotografia 31 - Chá de bruxa servido no clube de mães com especiarias e frutas.



Organização: Elaborada pela autora, março de 2019.

Entre as lembranças ao longo da vida, talvez a reunião em grupo seja a que traz à memória momentos únicos. As refeições compartilhadas com amigos e familiares são momentos únicos de descontração. A troca de receitas permite descobrir outros paladares, traz consigo o gesto e o olhar de satisfação da cozinheira, conquistada pela refeição. O grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, com suas próprias receitas, realizam a confraternização a cada encontro. Ao término dele são escolhidas seis mulheres para trazer o lanche no próximo encontro. Eis aí um gesto produtor de proximidade.

Desde lanche, por que que a gente faz que cada uma traz um lanche? Já é para isso! São seis por quinta-feira, que aí elas chegam e já pensam: “há eu tenho que fazer meu lanche para levar” já é um incentivo de alguma coisa que elas fazem em casa” (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

As mulheres responsáveis pelo lanche do dia do encontro organizam tudo e servem às demais colegas que frequentam o Clube de Mães naquela tarde.

Fotografia 32 - Mulheres encarregadas de trazer o lanche do dia.



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

As mulheres que convivem no Clube de Mães também trazem vários tipos de plantas medicinais que são usadas em infusão e no chimarrão. Além disso, fazem porções de chás para doar a quem precisa.

Fotografia 33 - Ervas medicinais trazidas pelas mulheres do Clube de Mães Divino Mestre.



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Entre vários tipos de chás consumidos, alguns estão visíveis na fotografia acima: Sálvia³⁰, a infusão desse chá faz bem a quem sofre com enxaqueca, mal estar digestivo e inflamações; Espinheira Santa³¹ possui propriedades de ação diurética, alivia os gases e melhora o trânsito intestinal; também tem as flores da planta conhecida popularmente como Marcela³², a infusão com as flores de cor amarela serve para inibir dores

³⁰“Sálvia: As folhas e inflorescências eram utilizadas para tratar inflamações na boca, feridas e micoses, além de descongestionar as vias respiratórias, aliviar picadas de insetos e auxiliar na digestão e na insônia”, Fonte: <https://saude.abril.com.br/blog/boa-pergunta/beneficios-salvia/> salvia. Acesso em 10/08/2020.

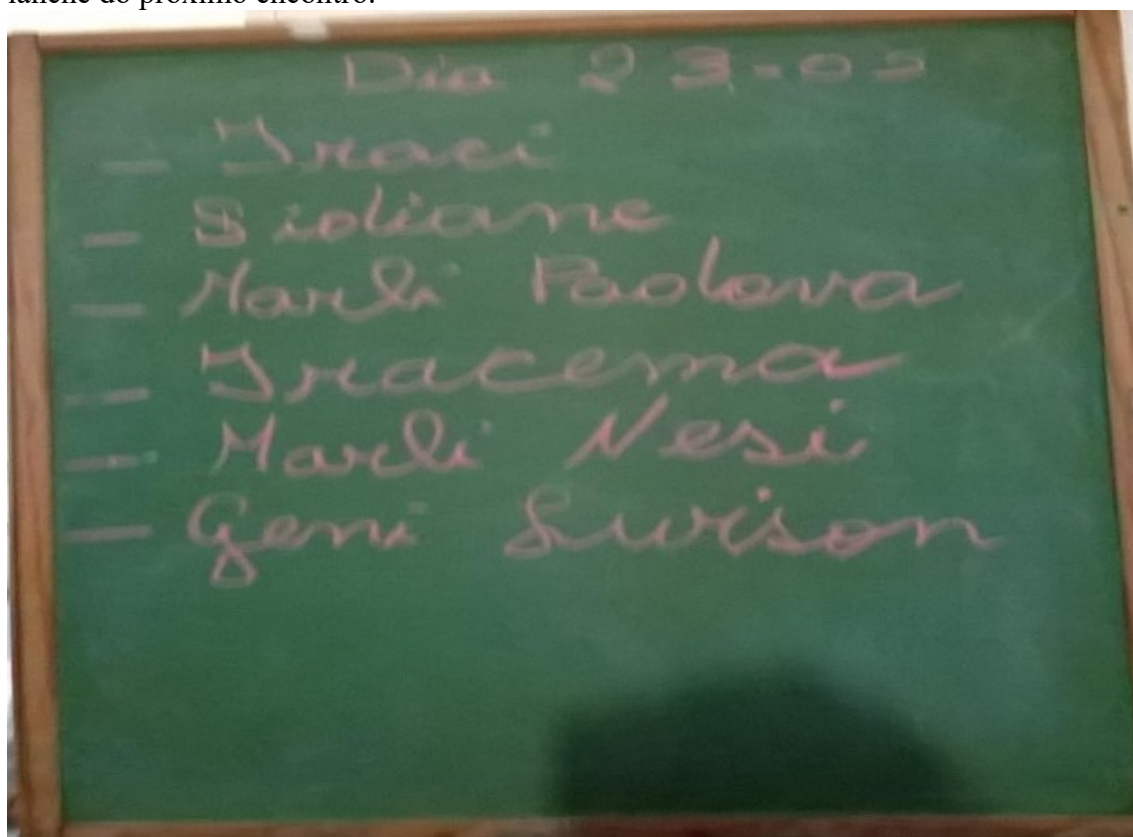
³¹Espinheira Santa: (*Maytenus ilicifolia*) pertence à família Celastraceae. É uma planta medicinal nativa da região sul do Brasil. A espinheira santa tem sido eficaz no combate às dores de estômago, gastrite, úlcera, azia e queimação, devido às propriedades medicinais que possui. Fonte: <https://www.minhavidia.com.br/alimentacao/tudo-sobre/18324-espinheira-santa>, Revista Saúde e Desenvolvimento / vol. ? nº 1 / Jan ? Jun 2012. espinheira santa. Acesso em 10/08/2020.

³²Marcela: O chá de marcela é o produto de uma planta brasileira muito consumida no Sul do país. Conhecida popularmente como macela-do-campo, alecrim-de-parede, macelinha, carrapichinho-de-

estomacais, é também é diurético e combate outros males digestivos. Assim acreditam as mulheres.

A fotografia 34 mostra a pequena lousa com a marcação do dia 23/05/2019. Nesse dia, as mulheres participantes do Clube de Mães, Dona Iraci, Dona Sidiane, Dona Marli, Dona Iracema, Dona Marli Nesi e Dona Geni são as responsáveis para trazer, servir e organizar o lanche.

Fotografia 34 - Quadro (lousa) com os nomes das mulheres encarregadas de trazer o lanche do próximo encontro.



Organização: Elaborada pela autora, março de 2019.

A narrativa da Dona Rosalina nos leva a pensar que “comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo” (CERTEAU e GIARD, 1996, p. 250).

agulha e camomila nacional, a macela (*Achyrocline satureioides*) chama atenção devido ao seu potencial analgésico, antiinflamatório e calmante. Fonte: https://www.conquistesuavida.com.br/noticia/cha-de-marcela-serve-para-tratar-dores-conheca-os-beneficios-da-bebida_a12641/1. Acesso em 10/08/2020.

No fragmento da narrativa da Dona Rosalina Grison, a seguir, é possível perceber o sentimento de espontaneidade vital, de satisfação que sua mãe de 83 anos deixava transparecer ao contribuir com o lanche da tarde reservada ao encontro do grupo de mulheres do Clube de Mães. Em meio aos sentimentos, percebe-se nos interstícios da convivialidade³³ a saudade, a valorização, o reconhecimento ao legado partilhado do vitalismo da vida comum, a solidariedade, o estar junto.

A mãe... ela fazia tudo em casa, né? O dia do lanche ela ficava numa alegria de fazer aquela cuca linda! Maravilhosa para ela trazer no clube, com 83 anos, veja! Isso não é gratificante? É vida! E a gente sabe que todos os Clubes de Mães não são iguais. A gente tem que saber que cada uma tem um jeitinho, e é daquele jeitinho, tem que valorizar isso! (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Na narrativa anterior também foi possível analisar que, para a depoente, cada mulher e cada clube têm um “jeitinho de fazer”. Essa afirmação corresponde às particularidades de cada componente e de cada coletivo. O ato de consumir o alimento traz à tona as lembranças do prazer de comer, de cozinhar ou assar. O que parece ter valor é a lembrança de quem preparou o alimento que, posteriormente, é usufruído por aquele conjunto. Esta mulher também exercitou a mente e o corpo, pensou em agradar as comensais, em decidir receitas, em calcular quantidades, em se nutrir de certo sentimento por aqueles que receberão o alimento pois, “todos os prazeres da boca são duplamente sujeitos às leis da oralidade: como absorção do alimento, prazer do paladar, e como suporte de uma atividade profusa da linguagem, prazer da fala, que descreve, nomeia, distingue, matiza, compara, irisa e desdobra” (CERTEAU e GIARD, 2007, p. 252).

Os próximos fragmentos das narrativas de Dona Rosalina Grison e de Dona Olímpia Zanella descrevem como surgiu a ideia de confeccionar o livro de receitas do Clube de Mães Divino Mestre e como se deu a colaboração do grupo de mulheres. A determinação do grupo foi primordial para realizar a ação.

O Livro de Receitas, surgiu assim: a Olímpia foi para o Mato Grosso e lá ela viu, não era Clube de Mães, eram grupo acho que era da igreja não sei... e ela disse “por que nós não vamos fazer? Cada uma vai

³³Período anterior à pandemia da Covid-19.

trazer uma receita, todo mundo faz bolo em casa, todo mundo faz torta salgada, então cada uma traz uma receita doce e salgada”. E a gente colocou no livro, você viu? Do jeito que elas trouxeram, para valorizar o trabalho delas! No dia que a gente entregou o livro a gente sentia a emoção delas, “eu to no livro!” (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

A ação de elaborar um livro de receitas, como elas o chamam, deu movimento ao grupo. Houve a necessidade do esforço da memória em voltar ao passado, à lembrança das receitas das avós, das mães ou simplesmente uma receita recente, selecionar, dialogar entre elas sobre quais receitas publicar para não correr o risco de repetir várias vezes a mesma receita e o livro se tornar desinteressante. Para Giard (2007),

Os hábitos alimentares constituem um domínio em que a tradição e a inovação têm a mesma importância, em que o presente e o passado se entrelaçam para satisfazer a necessidade do momento, trazer a alegria de um instante e convir às circunstâncias (GIARD, 2007, p. 212).

Até a gente lançou o “caderno de receitas”, cada uma trouxe a sua receita, que é provada no lanche, cada dia uma traz o lanche, “olha eu fiz esse bolo, eu sei fazer”!... Então traz a receita para passar para outra, né? Isso é interessante então, né? E daí a gente além de aprender, tu compartilha com a outra que não sabe, que tem interesse em aprender. Então esse é um dos objetivos que a gente quer passar, uma para outra. (Olímpia Zanella, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

O livro de receitas gerou um momento de troca de sabores, de aroma, das peculiaridades dos pratos, da forma de servir, dos tipos de ornamentos. É certo que o ato de confeccionar um livro ou caderno de receitas oferece a oportunidade de compartilhar e aproximar diferentes culturas. A seguir a fotografia do livro de receitas.

Fotografia 35 - Livro de receitas elaboradas pelo Clube de Mães Divino Mestre.



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Outro fator importante na elaboração do livro de receitas foi a colaboração de pessoas que não são frequentadoras do Clube de Mães, mas nem por isso deixaram de colaborar no empreendimento da ação.

E a gente ganhou, pagou só para encadernar, coisa assim, o meu irmão no escritório doou o sulfite, o namorado da minha filha copiou tudo, colocou no computador, passou no pendrive e o advogado é amigo do meu irmão foram para o escritório, uns três finais de semana, e fizeram a Xerox. Aí a gente montou e só encadernou e ficou lindo! E é uma lembrança. (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Os saberes culinários, o perfume que exala das ervas e condimentos utilizados no preparo e cozimento dos alimentos, o movimento na cozinha, os risos, as piadas, um bom chimarrão enquanto cozinha, para quem aprecia, ou quem sabe regar essa tarefa com um bom vinho colonial ou de alguma marca preferida, são ações que perfumam a alma e aquecem o coração, passam a impressão de que a cozinha é o coração da casa. Esse espaço, ao contrário do que alguns pensam, não causa tortura nem sofrimento, mas proporciona e aguça o cérebro a liberdade de criar, recriar, inventar e de se (auto) recriar, conquistar o prazer da arte de cozinhar.

A fotografia 36 mostra o painel com a sequência de doze fotografias, o que demonstra parte desta sacralização do estar junto. Desta forma, os limites que por vezes erigimos para separar o público e o privado são rasurados, pois

Os sonhos individuais e coletivos são feitos de alegrias e dores. Esses sonhos transbordam cada vez mais da vida privada e ocupam, em massa, a praça pública. Um pensamento que sabe acompanhar-lhes os meandros é, certamente, o mais capacitado a deixar entrever a emoção, o sofrimento, o cômico, que é o próprio de uma vida que não se reconhece no esquema, preestabelecido, de um racionalismo de encomenda. É na dor e no sangue que se nasce para a existência. Mas é no maravilhar-se que é possível, bem ou mal, ir vivendo. É integrando tudo isso que se saberá ser o menos infiel possível à efervescência existencial característica da socialidade contemporânea (MAFFESOLI, 1998, p. 29).

As narrativas da Dona Hilda e da Dona Maria possibilitaram perceber que o grupo de mulheres do Clube de Mães perdura no que Maffesoli (2006) chama de “presente vivido coletivamente”, se ajustam, não afrontam, não se submetem, vivem o momento tal como ele se apresenta.

Nós fizemos a primeira sala do Clube, fomos nós que fizemos! O Clube que foi aberto ali embaixo, que não tinha. Fizemos aquela sala lá, pra guardar todas as nossas coisas lá dentro, nós guardávamos nossos bordados, aí a gente tinha onde guardar! Antes era aberto, daí nós chaveava lá (Hilda Leodoro, entrevista realizada no dia 08/05/2019).

Eu vim no primeiro dia né, aí tinha uma salinha ali [...] (aponta o local com um gesto), e aqui (se refere a esse local) era tudo aberto. Ali era coberto né? E aí chovia e entrava água em tudo, nós tinha que ficar tudo no cantinho, e aí nós se ajuntava e ficava encolhidas no cantinho. Teve um dia que teve um temporal feio, e aí a gente ficou até com medo! Mas graças a Deus não aconteceu nada! E aí depois, era tudo aberto e molhava nossa sala, parou a chuva e nós tiramos tudo e continuamos no nosso Clube (Maria Aparecida Marques, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Conforme afirma Maffesoli (2006), é por meio de uma força recíproca entre o espaço e o cotidiano que o grupo estabelece relações com o mundo, recria formas de demarcar sua presença e encontra espaço de refúgio no qual conseguem existir para si e para os outros.

O chimarrão é para o grupo de mulheres o elo que liga, que aproxima uma mulher de outra. Entre um chimarrão e outro não existe silêncio, a prática da linguagem, das narrativas cotidianas entre elas criam momentos propícios para debater, discutir importantes tomadas de decisões, como afirma Olímpia Zanella Thomé (entrevista realizada no dia 13/06/2019) “a roda de chimarrão é em primeiro lugar.

Fotografia 36 – Painel fotográfico com imagens das associadas relacionadas à preparação e usufruto do chimarrão.

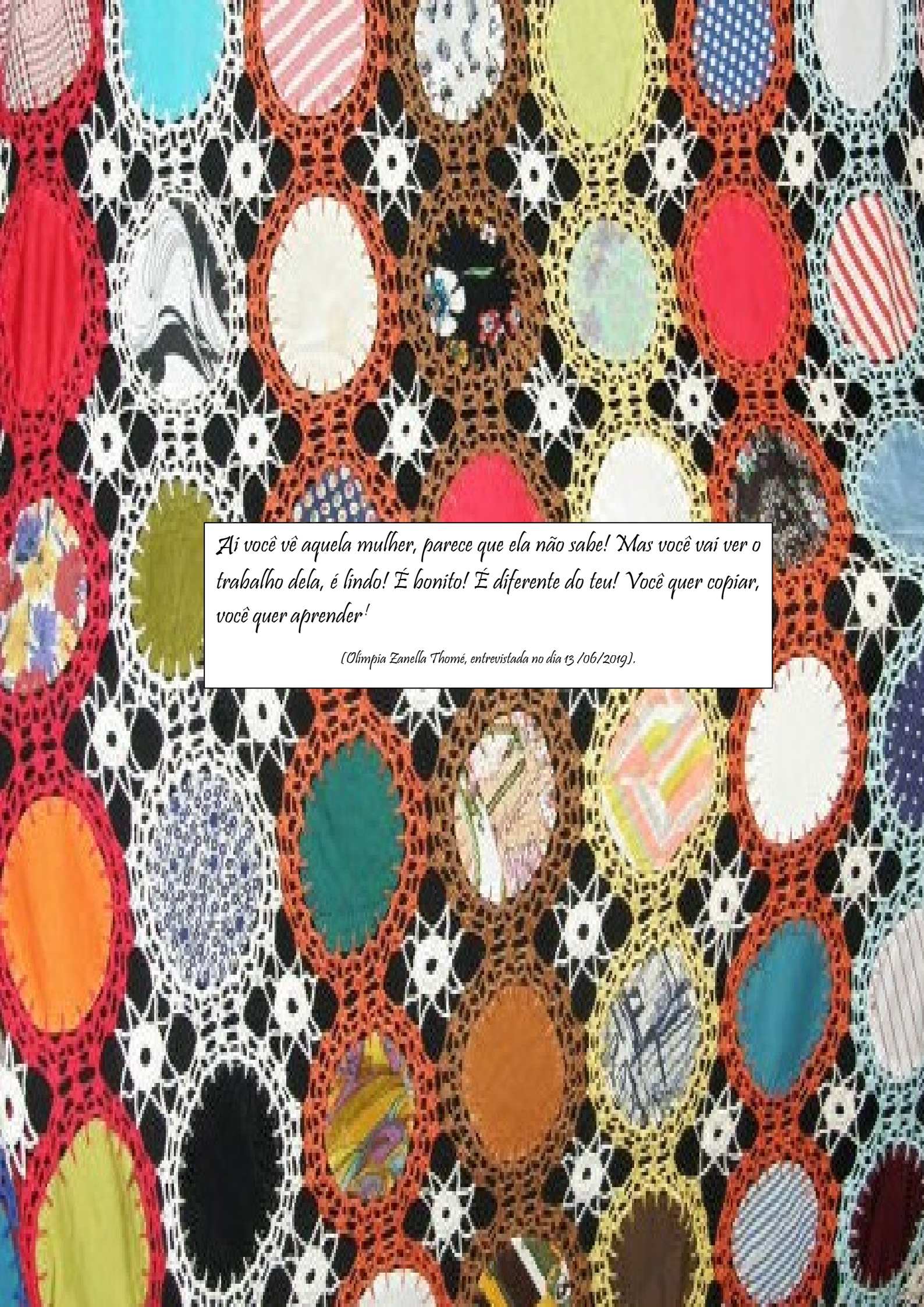


Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

O movimento da cuia de chimarrão que passeia de mão em mão se assemelha a uma agulha a tecer uma grande trama, fortificada com laços afetuais de solidariedade, de convivialidade, de proximidade. É possível que muitas vezes a partir daí nasçam um conjunto, práticas que passam a compor o cotidiano dos encontros.

As seis que trazem o lanche ficam na cozinha esse dia, para fazer o chimarrão e ela sabe que cada quinta-feira tem uma diferente, que elas se organizam ali, até limpar, e aí vai mudando, e vai se organizando assim. Mas a gente fala pra elas se virarem, porque tem que ter iniciativa, é isso que a Tatiana, do Sesc fala também, que a gente não espera alguém dizer “você tem que fazer”, até as campanhas, a gente ajuda toda a comunidade também (Rosalina Grison, entrevistada no dia 23/05/2019).

As mulheres encarregadas de trazer, organizar e servir o lanche da tarde, também preparam o chimarrão e servem as demais participantes daquela tarde.



Ai você vê aquela mulher, parece que ela não sabe! Mas você vai ver o trabalho dela, é lindo! É bonito! É diferente do teu! Você quer copiar, você quer aprender!

(Olimpia Zanella Thomé, entrevistada no dia 13/06/2019).



III. A POTÊNCIA SUBTERRÂNEA: TECITURAS COTIDIANAS

É nessa perspectiva esquemática que convém apreciar a apreensão do vitalismo: o fato de que nele a vida se faz muito mais presente que o nada (MAFFESOLI, 2006, p. 68).

Poderíamos pensar o Clube de Mães como um local de potência, por meio de ações colocadas em execução por um grupo de mulheres, pessoas que fazem parte de uma comunidade que se liga à outras comunidades de forma coordenada em uma “harmonia conflitual” (MAFFESOLI 2006, p. 68) e assim sucessivamente. Utilizamos o conceito maffesoliano (2006, p. 74) “fervilhamento do querer viver societal” para apreender a complexidade das vivências, das trocas de experiências. Isso leva a crer que a potência advém da força oculta do querer viver e da socialidade proxêmica do grupo com a comunidade. Podemos perceber essa socialidade proxêmica na fala da coordenadora dos clubes de mães.

[...] Mas assim falando do Seminário (refere-se ao Jardim Seminário), é um Clube de Mães batalhador. Que por mais dificuldades que tiveram né? Nunca deixaram. Nunca chegaram assim para a APMI ou para nós da Prefeitura se queixando de alguma coisa. Pediram melhorias, o que é justo, mas nunca nós tivemos um problema que o Seminário viesse dizer: olha lá no Clube de Mães nós vamos ter que fechar porque não temos onde nos encontrar. Pelo contrário! Lá não tinha vaga, não dava mais prá usar a sala? Elas levaram as coisas para dentro das casas, sabe? Continuaram se reunindo. Não deixavam. Chegavam, podia ser na casa de quem fosse a reunião, tinha lá seu lanchinho, se preocupavam de que todas fizessem um lanchinho. Tinha chimarrãozinho, chazinho. Então eu dei muito como exemplo o Seminário (Fátima Cadore, entrevista realizada no dia 17/05/2019).

Na obra de Maffesoli intitulada “O conhecimento Comum” (1998, p.68), o autor menciona que “os pequenos nada, essas minúsculas brechas, estas criações em tom menor que constituem a vida de todos os dias. Tal como fios que se entrelaçam para a confecção do tecido”. Tal compreensão ajuda a pensar o laço da reciprocidade. O fato de o grupo de mulheres sentir a necessidade de um espaço em que pudessem praticar seus afazeres e se solidarizar poderia ser visto como manifestação deste desejo de reciprocidade, tal como encontramos na fala da depoente “quando tinha eventos no

Seminário elas se propunham, elas ajudavam na cozinha, servir, sabe?” (Fátima Cadore, entrevista realizada no dia 17/05/2019).

Em contrapartida, de alguma forma, as mulheres colaboravam com a comunidade para garantir um espaço acolhedor para elas e auxiliá-las a desenvolver os trabalhos manuais. É salutar entender que a produção do espaço para o outro poderia significar, também, rede de proteção para si. Em última instância, a garantia da existência deste espaço significa criar território no qual elas também podem existir, pois “essa vida cotidiana em sua frivolidade e superficialidade, é certamente o que torna possível qualquer forma de agregação, seja ela qual for” (MAFFESOLI, 2006, p. 154).

Nestes termos, “talvez seja preciso deixar que o eu e, naturalmente, o eu crítico, se dissolva, para melhor ouvir a sutil música nascente, para melhor dar conta da profunda mudança que se opera sob nossos olhos” (MAFFESOLI, 1998, p.170). Assim, se opera o processo de solubilidade do eu, que se mescla a outros eus liquefeitos em um nós (laço sensível, frágil e temporalmente demarcado). Este parece encontrar ressonância no que é vivido pelas mulheres naquele espaço, pois tal como assevera Maffesoli,

Parece-me que o reconhecimento daquilo que é pode permitir-nos ver tal dialética em ação. Está aí a vida cotidiana, além ou além das racionalizações ou legitimações, mostrando que aquilo que é puro e simplesmente vivido repousa, essencialmente, sobre tal sinergia. (MAFFESOLI 1998, p.187).

Dessa forma, os acontecimentos cotidianos se enraízam profundamente na vida banal e se manifestam em pequenos fenômenos cotidianos que vão, progressivamente, constituir aquilo que, sem prestar muita atenção, chamamos de trama social(MAFFESOLI, 1998, p. 189). Assim, procurar identificar as “ocorrências” parece ser o movimento para emprendermos nesta seção.

Foi perceptível o sentimento de pertença e de enraizamento no depoimento de Dona Hilda ao dizer “chegou na quinta-feira, eu faço meu serviço de manhã. Se eu fiz, fiz, se eu não fiz, eu de tarde não faço mais, eu vou lá no clube! E assim a gente vai. Ah! Eu adoro muito, gosto muito, e faz anos, né? Vinte anos!” (Hilda Leodoro, entrevista realizada no dia 08/05/2019). Existe uma rede que faz a conexão, nela estão contidos os interstícios (os minúsculos acontecimentos) do cotidiano e o sentimento de pertença “em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação.

[...] poderíamos pensar uma multidão de aldeias que se entrecruzam, se opõem, se entreajudam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas” (MAFFESOLI, 2006, p.224).

Na entrevista de Dona Sueli também foi possível perceber o sentimento de pertença e enraizamento: “mas então assim, o que me marca mais é que desde que me matriculei no clube, eu tô lá até hoje! Sem desistir, há dezoito anos”, (Sueli Braz, entrevista realizada no dia 08/05/2019).

De forma explícita, as depoentes nos levam a pensar no enraizamento que constitui um “corpo social” (MAFFESOLI, 2006). Não um enraizamento estático (espacial), mas um enraizamento dinâmico (devir) que se manifesta nas múltiplas ações praticadas pelo grupo de mulheres como: as confecções de costuras, de bordados, de crochês, de tricôs, as promoções de pizzas, festas juninas, festas para comemorar a Páscoa, o Dia das Crianças, o Dia das Mães, entre outras ações benéficas que movimentam a vida desse grupo.

Esse pequeno grupo pode ser comparado à grande massa que busca, talvez inconscientemente, atingir determinado equilíbrio que pode ser chamado de “harmonia conflitual” (MAFFESOLI, 2006), pois em sua organicidade acolhe pessoas, interagem com a heterogeneidade e constituem culturas.

Parafraseando Maffesoli (2006, p.76) refletimos sobre o movimento da base. O Clube de Mães Divino Mestre pode fazer parte daquilo que Maffesoli chamou de “buracos negros da socialidade”. A estrutura sólida da base interior existe com seu histórico antropológico que o fortalece e permite sustentar a “arquitetura celeste” (política) que constitui as cidades. Tão grande a importância do “espaço interior”, representado aqui pelo Clube de Mães e pelo grupo de mulheres, sustentam a “arquitetura” que dá sentido à cidade, ao jogo político e suas performances teatrais. Porém, foi nessa centralidade subterrânea Clube de Mães e o grupo de mulheres, que compreendemos a importância da vida vicária e seus segredos. Isso nos permite apreciar a vitalidade (potência da vida comum) de um conjunto social, a potência subterrânea³⁴ contribui para viver a perdurância societal³⁵ (convivialidade e interação do

³⁴Potência subterrânea: “o costume, nesse sentido, é o não dito, o resíduo que fundamenta o estar-junto. Propus chamar isto de “centralidade subterrânea” “potência” social, em oposição ao poder” (MAFFESOLI, 2006, p.54).

³⁵Perdurância societal: “termo um tanto rude que indica a capacidade de resistência das massas. Essa capacidade, de certo, não é consciente. Existe incorporada. De forma algo mineral, ela sobrevive às peripécias políticas”. (MAFFESOLI, 2006, p.72).

grupo de mulheres na forma mais ampla). Poderíamos pensar o clube de mães sem afrontar ordens políticas, mas naturalmente transformá-las em reversibilidade, um vitalismo irreprimível.

3.1 Das instituições: as socialidades eletivas

Os processos de atração e de repulsão se farão por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar socialidade eletiva (MAFFESOLI 2006, p. 148).

Para se constituir como socialidade eletiva e compor “elementos de base de todo conjunto social” (MAFFESOLI, 2006, p. 151), destaca-se a importância dos elementos como substância da socialidade que, de alguma forma, implica em perceber a própria religação como uma potência.

Na narrativa de Dona Olinda Reolon foi possível perceber a ligação do grupo de mulheres por meio de ações que fazem conexão com a cultura e desconstrói o individualismo, como a depoente declara: se for preciso o grupo de mulheres não hesitam em ajudar pessoas de outros bairros, de outras comunidades.

É bom, que nem eu falei, aqui vê mãs pessoas mais novas as pessoas mais de idade! A gente já ajudou muita gente! A gente já fez uns quantos chás de fralda, bastante pessoas que precisaram de ajuda. A gente tem a Caixinha Solidária também. Na Páscoa, no Natal, daí a gente abre a caixinha e o que tem de dinheiro a gente vê, se tem gente aqui ao redor, se não precisa? A gente pega o dinheiro compra coisas, leva lá para aqueles que precisam, aqueles afastados no loteamento no Horto, lá para aquelas bandas. A gente sempre ajuda! A gente está sempre ajudando, a gente em conjunto com a igreja, o padre ele que sabe aonde que precisa de ajuda, então a gente está fazendo isso (Olinda Reolon, entrevistada no dia 16/05/2019).

O fragmento da narrativa de Dona Marinês Semler traz outra ação realizada pelo grupo de mulheres que é a prática de recolher em uma caixinha pequena quantias em cédulas ou em moedas, que são doações espontâneas realizadas por elas. Em dias especiais que antecedem alguma data comemorativa, por exemplo: Dia das Crianças, Natal, Páscoa ou algum evento inusitado, utilizam a quantia arrecadada para ajudar alguém.

A gente também tem um caixinha, que a gente... Tipo assim, tu paga a mensalidade ou tu compra artesanato, sobra umas moedinhas, você vai colocando ali, aí quando tem uma pessoa do bairro passando por dificuldade, ou precisando de um medicamento, precisa fralda, as vezes algum idoso ou até as pessoas carentes, que aqui não tem assim muito, mas é cada pouco tem alguém que precisa de ajuda né? Então você abre a caixinha conta, às vezes pra pagar talão de luz. (Marinês Semler, entrevistada no dia 02/05/2019).

No dia combinado e em comum acordo, o grupo de mulheres abre a caixinha com o dinheiro arrecadado e ajudam alguém que passa por dificuldades, como Dona Olinda falou: “pode ser alguém do bairro Jardim Seminário ou não, gratificante é ajudar”. Esse “ajudar” pode ser entendido como a possibilidade de um “intercruzamento das ações, das situações e dos afetos” que formam um todo”, daquele conjunto social (MAFFESOLI, 2006, p.140).

Fotografia 37: Caixinha do Clube de Mães Divino Mestre utilizada para arrecadar recursos financeiros para ajudar quem necessita.



Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Para se conhecer, então ali você já começava a conviver, já conhecia mais gente e daí fui fazendo uma amizade muito grande, nossa! Hoje eu tenho muitas amigas que começou através dali, aí também tinham muitas que estavam grávidas. Daí a gente já fazia chá de bebê...cada uma levava...uma lembrancinha, levava um prato no dia né...e era bem legal! (Marinês Semler, entrevistada em 02/05/2019).

É nítida a preocupação em se solidarizar com o outro, para tanto, observam os fatos e as condições daqueles que conhecem e que moram no bairro ou que desconhecem e moram em outros locais, mas que a necessidade produziu sensibilidade em alguma componente do grupo que trouxe a situação para pautar no coletivo. Essa atitude nutre as ações e fortalece o grupo numa espécie de “laço de reciprocidade” (MAFFESOLI, 2006, p. 140).

O fato de ajudarem outras pessoas que não fazem parte do local nos leva a pensar nas relações. Não se restringem somente ao bairro, mas se ampliam para outros por meio do fio condutor da lógica da rede e que significa “algo que dá precedência ao calor afetivo, ou que, pelo menos demonstra que este tem um lugar privilegiado na estruturação ou no objetivo social” (MAFFESOLI, 2006, p. 249). A religiosidade é, também, um dos principais elementos que move as ações do grupo de mulheres dentro e fora desta ou daquela localidade.

Outro fator importante é a forma com que as mulheres do Clube de Mães se referem ao grupo. Para elas a união tem sentido familiar e foi possível perceber esta afirmação em alguns relatos.

Então por que não participar de um clube né? Aqui bem pertinho da minha casa. Se fosse longe não podia participar, mas é pertinho. Daí, tudo junto é que nem estar junto com uma família, (pequena pausa) todos, todos gostam da gente, a gente ama todo mundo! Então a gente sente muito bem no Clube, por isto eu participo (Odila Zanella, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

A paz é bem melhor que a guerra, né? É porque já sofremos com isso né? (Refere-se a desentendimento). Que daí ninguém mais podia ir (participar de nova eleição para coordenação), tudo queria e não dava e aquilo lá prejudicou muito né? Prejudicou muito, muitas pessoas. Mas depois deu certo. [...] Era pra passar por isso, como em muitas famílias acontece. De dá umas trupicada (tropeço) né? (Dona Isabel) É verdade. (Dona Isabel Rossi da Costa e D. Odila Zanella, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Nesse sentido, o estar junto poderia ser compreendido como parte importante e orgânica do reagrupamento de base de um grupo. Outra observação importante na narrativa de Dona Odila e Dona Isabel foi o fato de que, para manter o equilíbrio societal, em alguns momentos foi necessário utilizar a prática do silêncio como meio orgânico de manter o grupo unido.

A narrativa da Dona Odila e da Dona Isabel corrobora com a afirmação de Maffesoli (2006, p. 149): “observar que a socialidade, no momento de sua fundação, é particularmente intimista. A mesma coisa ocorre quando ela quer estreitar os laços, ou lembrar o que é comum a todos”.

Para fundamentar tais argumentações, apresentamos a seguir algumas atividades desenvolvidas pelo grupo de mulheres do clube de Mães Divino Mestre em uma gincana.

Segundo a Coordenadora dos Clubes de Mães do Município de Francisco Beltrão, Fátima Cadore, foi realizado um mega evento, com a participação de 2.300 mulheres. O evento acontece a cada dois anos e agrega todos os clubes de mães do município. No dia 05 de outubro de 2019, às 09h00min, ocorreu no Centro de Eventos Marabá o “Encontrão”, organizado pelo Departamento de Cultura e pela coordenação dos clubes do município.

As atividades consistiram em uma Gincana com várias tarefas (ou provas). A ação teve início em maio de 2019 e as provas finalizaram em março de 2020. A 2ª gincana promoveu sete provas com a participação dos clubes de mães da cidade e do interior do município, num total de 83 clubes de mães.

A programação contou com “atrações culturais, sorteio de brindes, almoço, desfile para escolha da rainha e princesas dos clubes e matinê”, (PEDRON, 2020, p. 01), Jardim Seminário Vence a Gincana dos Clubes de Mães (JORNAL DE BELTRÃO, Francisco Beltrão, 07 de maio 2020), Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/296468/jardim-seminario-vence-a-gincana-dos-clubes-de-maes> Acesso: junho de 2020).

Para a coordenadora foi um momento relevante para confraternização, trocas de experiências e fortalecimento de todos os clubes de mães que realizam um importante trabalho no município. Tal fato pode ser coligado ao que (MAFFESOLI 2006, p. 250) nomina como “pequenas entidades locais, se unindo misticamente na comunhão dos Santos”. Neste fragmento, o autor se refere a determinado enraizamento que permite a um “corpo” social existir como tal.

Nos interstícios do evento é possível a percepção do que Maffesoli (2006) chamou de “potência *versus* poder”. O poder carrega em si a obrigatoriedade do compromisso e a finalidade, já a potência seria toda a força que emerge desses pequenos grupos, em suas particularidades e localismo. A sensação coletiva de uma “lógica da

rede, os processos de atração e repulsão se farão por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar de socialidade eletiva” (MAFFESOLI, 2006, p. 148). O sentimento afetual no agrupamento, colocado em primeiro lugar, pode ser a forma para conceder equilíbrio no objetivo social. A solidariedade, a convivialidade e a ajuda mútua podem ser pensadas como a lógica da rede responsável por disseminar a religação ou o tecido social complexo entre os grupos contemporâneos.

A sétima etapa da gincana ocorreu 14/01/2020. Nesta etapa foi realizado o julgamento das árvores de Natal confeccionada pelos grupos de mulheres dos clubes de mães. O evento foi organizado pela administração municipal por meio do Departamento de Cultura. Cada clube de mães que participou da gincana usou a imaginação e criou uma árvore de Natal com materiais recicláveis. Posteriormente, houve a escolha da árvore mais bem caracterizada.

A coordenadora dos clubes de mães, Eva Fátima Cadore, convidou todos para apreciar o trabalho exposto no Espaço da Arte Eunice Sartori, desenvolvido pelos grupos de mulheres participantes dos clubes de mães. A pontuação obtida na árvore de Natal foi incorporada na somatória final de cada grupo.

A árvore de Natal confeccionada pelo grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, do Bairro Jardim Seminário, foi construída com pequenas placas de madeira com mensagens natalinas, envoltas com cipó. Nele foram coladas pequenas flores brancas e flores maiores confeccionadas com materiais plásticos, além de pequenas bolinhas coloridas, características dos enfeites natalinos.

Fotografia 38 - Árvores de Natal dos clubes de mães de Francisco Beltrão em exposição no Espaço da Arte Eunice Sartori (1)



Fonte: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/292756/arvores-de-natal-dos-clubes-de-maes-de-francisco-beltrao-serao-avaliadas-dia-20>. Acesso em abril de 2020.

Organização: Elaborada pela autora, junho de 2020.

Fotografia 39- Árvores de Natal dos clubes de mães de Francisco Beltrão em exposição no Espaço da Arte Eunice Sartori (2)



Fonte: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/292756/arvores-de-natal-dos-clubes-de-maes-de-francisco-beltrao-serao-avaliadas-dia-20>. Acesso em junho de 2020.

Organização: Elaborada pela autora, junho de 2020.

As fotografias 38 e 39 registram os diferentes modelos de árvores natalinas criadas a partir de materiais recicláveis pelos grupos de mulheres de diferentes clubes de mães do município de Francisco Beltrão.

A entrega da premiação da 2ª Gincana dos Clubes de Mães de Francisco Beltrão 2019/ 2020 ocorreu no Espaço da Arte Eunice Sartori no dia 14/01/2020. A celebração solene aconteceu de forma simples e rápida. “Marcou a divulgação dos primeiros colocados e a entrega da premiação da 2ª Gincana dos Clubes de Mães”, (PEDRON, 2020, p. 01), Jardim Seminário Vence a Gincana dos Clubes de Mães (JORNAL DE BELTRÃO, Francisco Beltrão, 07 de maio 2020), Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/296468/jardim-seminario-vence-a-gincana-dos-clubes-de-maes> Acesso: junho de 2020).

Estavam presentes, a primeira-dama, Joice Bogoni Furlan, o diretor do Departamento Municipal de Cultura, Vilmar Mazzeto, a coordenadora dos Clubes de Mães do município, Eva Fátima Cadore dos Santos, e representantes de alguns clubes de mães. Em seus discursos destacaram a importância dos clubes de mães para a valorização da mulher. Para encerrar a solenidade, a coordenadora dos clubes de mães, Eva Fátima Cadore, anunciou a classificação dos clubes de mães e a entrega dos

prêmios. O Clube de Mães Divino Mestre³⁶ do Jardim Seminário, devido a seu desempenho, foi classificado em 1º lugar e foi contemplado com uma viagem a Foz do Iguaçu. Os demais clubes classificados também receberam premiações. A excursão será realizada após o período da pandemia da Covid-19. Marines Mezoni, representante do clube do Jardim Seminário, disse que “a gente não tinha muita expectativa (de ganhar), porque todos os clubes participaram muito bem. Mas, graças a Deus, se fomos escolhidos é porque foi merecido” palavras de Marines Mezoni coordenadora do clube de Mães Divino Mestre, entrevista concedida ao Jornal de Beltrão em 07/05/2020.

Fotografia 40- Primeira-dama, Joice Bogoni Furlan, entrega o prêmio para Marinês Mezoni, coordenadora do Clube de Mães Divino Mestre do bairro Jardim Seminario.



Fonte: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/296481/premios-da-gincana-dos-clubes-de-maes-entregues-mas-sem-aglomeracao-de-pessoas>. **Acesso:** novembro de 2020.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2020.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências no seio dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. Para nos atermos ao esquema vitalista,

³⁶As pessoas participantes da solenidade levaram em consideração as normas da OMS e tomaram as medidas previstas para evitar a contaminação pelo coronavírus. Permaneceram afastadas e usaram máscaras. Foi disponibilizado álcool em gel para a higienização das mãos.

poderíamos falar de realidade protoplasmática, originária da estrita conjunção entre a substância nutriente e o núcleo celular (MAFFESOLI, 2006, p. 153).

O fragmento acima, extraído do livro de Maffesoli (2006) intitulado “O Tempo das Tribos”, nos faz pensar no evento do “encontrar, encontrão ou reencontrar”, nos incita a refletir sobre as ações realizadas por esses grupos de mulheres de cada clube de mães.

Em um primeiro momento, e ao mesmo tempo, esses grupos se comunicam, se for preciso se reinventam para ficar mais próximos uns dos outros, mas parece que essa percepção só é possível quando vemos ou sentimos por meio dos interstícios e para isso é necessário o silêncio, a observação com os olhos do coração, se for possível, “saber ouvir o mato crescer” (isto é, estar atento às coisas simples, silenciosas e pequenas) (MAFFESOLI, 1988, p. 251). Nessa análise, é preciso adquirir sensibilidade, o suficiente para voltar o olhar para essa realidade e saber enxergar o que parece tão distante, mas está bem ali ou aqui em um emaranhado que se funde, porém não se diferenciam uns com os outros. Esse intercruzamento, o qual Maffesoli (2006) se refere, existe, chamaremos de segredo para manter uma massa indiferenciada e ao mesmo tempo com polaridades muito diversificadas ou diferenciadas, mesmo assim não perdem o vitalismo que os move, muitas vezes por um objetivo comum.

Fotografia 41 - Produtos doados pelo Clube de Mães Divino Mestre para o bazar da ONG- Mão Amiga.



Fonte: <https://www.jornaldebeltrao.com.br/noticia/303515/clubes-de-maes-doam-produtos-para-bazar-do-grupo-mao-amiga>. Acesso: novembro de 2020.

Organização: Elaborada pela autora, novembro de 2020.

Os panos bordados, alguns com pinturas, outros com apliques, são trabalhos de artesanato produzidos pelos Clubes de Mães. Esses materiais foram doados para a ONG Mão Amiga, situada no Bairro Vila Nova. A entidade presta relevante apoio a pacientes com câncer que fazem tratamento no Hospital do Câncer/Ceonc. Segundo a coordenadora dos clubes de mães de Francisco Beltrão, Eva Fátima Cadore, a “entidade poderá ficar com parte dos itens doados para uso na casa apoio, e a outra parte será comercializada para arrecadar recursos para a manutenção da entidade.

A coordenadora dos clubes de mães do município de Francisco Beltrão agradeceu a participação, o empenho e a colaboração dos grupos de mulheres dos clubes de mães. Com produtos artesanais confeccionados por elas foi possível ampliar as ações para além dos clubes de mães. “A coordenação quer de coração agradecer a todas pelo empenho nas tarefas da gincana! Que de um modo ou outro acreditaram, mesmo quando muitas pensaram em desistir, persistir sempre e acreditar, pois juntas somos fortes e temos capacidade! Basta acreditar!”, palavras de Eva Cadore coordenadora dos clubes de mães dos municípios de Francisco Beltrão (Jornal de Beltrão 07/05/2020) online.

No agradecimento da coordenadora aos clubes de mães foi possível perceber o que Maffesoli (1988) chama de valorização do espaço natural:

O reconhecimento do banal na trama societal nos conduz à valorização de seu espaço natural: a comunidade, a multidão, o ser/estar – junto – com a vida coletiva desordenada e multicolorida – esta última, a metáfora por excelência da complexidade à qual estará confrontado o sociólogo, (MAFFESOLI, 1988, p.229).

Podemos entender o “evento do encontro” entre os clubes de mães do município como um movimento intrinsecamente ligado por uma combinação entre o “senso comum, presente e empatia” (MAFFESOLI, 1988, p.228). Essa combinação dá sentido ao movimento particular de cada grupo e, por empatia, atinge e dá significado ao grande grupo coletivo.

Segundo informações do Jornal de Beltrão (2019) online, foram disponibilizados ônibus para transportar as mulheres da cidade e do interior para o encontro dos clubes de mães do município de Francisco Beltrão. Calcula-se que duas mil mulheres do município de Francisco Beltrão participaram do encontro de clubes de mães no Centro de Eventos Marabá, realizado no dia 05/10/2019.

Fotografia 42 - Mulheres dos clubes de mães do município de Francisco Beltrão participando do encontro no Centro de Eventos Marabá.



Fonte: <https://www.jornaldebetrão.com.br/noticia/290103/encontro-de-clubes-de-maes-de-francisco-beltrao-escolhe-sua-rainha-e-princesas>.

Organização: Elaborada pela autora, novembro de 2020.

As autoridades presentes reforçaram em seus discursos que os clubes de mães convidem mais mulheres para fazer parte dos grupos de suas comunidades e das atividades desenvolvidas “seria um desafio lançado aos clubes de mães”, (PEDRON, 2020, p. 01), Jardim Seminário Vence a Gincana dos Clubes de Mães (JORNAL DE BELTRÃO, Francisco Beltrão, 07 de maio 2020), Disponível em: <https://www.jornaldebetrão.com.br/noticia/296468/jardim-seminario-vence-a-gincana-dos-clubes-de-maes> Acesso: junho de 2020).O evento teve a benção ecumênica de representantes de algumas religiões atuante no município.

O evento ocorre a cada dois anos. Nesta edição, a programação cultural e social foi a tônica do encontro. Para finalizar as atividades, entre as sete tarefas concluídas no decorrer do ano de 2020, teve a escolha da rainha e duas princesas dos clubes de mães. Desfilaram 38 candidatas e, entre elas, desfilou Dona Alzira Mazzoco do clube de Mães Divino Mestre. “Pois, sendo cultural essa “municipalização”, tinha com efeito uma função de “religação”, que faz de um conjunto indefinido um sistema harmônico, onde todos os elementos, de maneira contraditória, se ajustam e confirmam o todo” (MAFFESOLI, 2006, p. 209). Aqui pensamos na junção e o no ajuste das diferenças dos clubes de mães, todos unidos com objetivos comuns. Os vestidos (com motivos da primavera) foram confeccionados por grupos de mulheres dos próprios clubes de mães.

As três fotografias abaixo foram tiradas no dia do evento 05 de outubro 2019, ocorreu no Centro de Eventos Marabá o “Encontrão”, organizado pelo Departamento de Cultura e pela coordenação dos clubes de mães do município. Denominado encontrão devido a presença dos 83 clubes de mães do município.

Dona Alzira Mazzoco desfilou com o vestido confeccionado com tanto carinho e dedicação pelo grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre. Neste dia especial e importante para o clube, Dona Alzira representou com muita graça e beleza o trabalho que foi realizado pelas mulheres. Parecia uma fada da primavera, com seu vestido salpicado com pérolas, flores e figuras geométricas exuberantes e coloridas, seus sapatinhos também carregavam a alegria da estação. No semblante de Dona Alzira seu sorriso simpático e sereno eram perceptíveis.

Fotografias 43 - Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (1).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, novembro de 2020.

Fotografias 44 - Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (2).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, novembro de 2020.

Fotografias 45 - Dona Alzira Mazzoco foi eleita a rainha do Clube de Mães Divino Mestre do Bairro Jardim Seminário (3).



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.
Organização: Elaborada pela autora, novembro de 2020.

O diretor do Departamento de Cultura, Vilmar Mazetto, comentou que o encontro de 2019 teve mudanças. “Nós demos essa repaginada, até porque os clubes de mães começaram a fazer parte do Departamento de Cultura, diferenciando-se de outros anos, trouxe mais um dia festivo” (JORNAL DE BELTRÃO, 2020) online. Ele afirmou, também, que planejaram recolher os vestidos das candidatas e, posteriormente, realizar uma exposição para serem avaliados por estilistas. A proposta é que sejam premiados os dez mais bem vestidos.

3.2 Dádivas e dons: comunidade e movimento

É esse vaivém constante entre o estático (espacial) e o dinâmico (devir), o anedótico e o ontológico, o ordinário e o antropológico, que faz da análise da sensibilidade coletiva um instrumento de primeira ordem (MAFFESOLI, 2006 p.51).

Para acompanhar o pensamento contemporâneo maffesoliano, utilizamos a obra do autor intitulada “A conquista do presente (MAFFESOLI, 2001). Poderíamos dizer que entendemos que a grande massa é constituída por pequenos grupos que emergem das comunidades, dos bairros e são responsáveis por movimentar a massa por meio de ações peculiares de cada grupo.

Por meio de pequenos grupos sociais ou diferentes tribos são constituídas redes interligadas como forma de proteger umas às outras, também as tribos se unem como instinto de sobrevivência da espécie e interconexão com a massa.

Vejamos o fragmento da narrativa de Dona Hilda Leodoro;

Aí ela está saindo lá de cima da Linha São Paulo, está vindo no nosso Clube. Ahãa... e ela está ali, ela gosta muito. Ela disse que nós somos assim [...] muito acolhedoras, acolhemos muito bem as pessoas, né? A gente ajuda a gente conversa, é assim! Acho que o Clube de Mães é pra isso né? (Hilda Leodoro, entrevista realizada no dia 08/05/2019).

O fato de uma mulher de uma comunidade do interior vir até o Bairro Jardim Seminário participar dos encontros, das atividades e ações do grupo de mulheres do clube de mães, reflete a busca de afinidade e de identidade com o grupo. Traz à tona que

o importante é viver o presente com outros em determinado lugar, no caso o convívio e a identificação com o grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre, assim “cada um só existe no e pelo olhar do outro: seja o outro aquele da tribo que apresenta afinidade, seja a alteridade da natureza ou o grande outro que é a deidade” (MAFFESOLI, 2001, p.24).

Então faz bastante coisa o Clube, por exemplo, vem outros clubes visitar, a gente vai visitar também. Por exemplo, agora nós temos um Clube na Linha São Paulo que pediu pra umas que sabem fazer (pausa) toalhinha que ela não sabe pra ensinar. Daí acho que eu vou, é bom! (expressão de contentamento). (Dona Odila Zanella, entrevista realizada no dia 16/05 2019).

É no ambiente natural de convívio e fora dele que acontecem os conflitos, no dia a dia as pessoas formam tessituras, nasce a busca invisível para além da convivialidade. Nesse meio, é muito forte nas pessoas o desejo em manter, entre outros sentimentos, o equilíbrio e a harmonizado no grupo. As representações dos sentimentos e a multiplicidade de experiências nos grupos sociais também se fizeram presente nas dissertações que selecionamos e que contribuíram com nossa pesquisa. A dissertação de Lunardi (2009), Pedagogias produzidas por mulheres no Clube de Mães Mulher Gaúcha da Zona Rural de Santo Ângelo RS – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Uri – *campus* de Santo Ângelo, a dissertação de Rodrigues (2011), a pesquisa “Educar, assistir, moralizar”: a experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte – CE, (1960 – 1990), Grassi (2017), Alinhavos e rasgos maternos: a (dês) educação da madrepósula no Clube de Mães Santa Rita de Cássia RS.

Procuramos realizar leitura e análise de elementos que compõem as diferentes realidades, porém tais referências demonstraram semelhança com alguns sentimentos como viver em coletividade e sensibilidade vivida em comum que se aproxima de alguns significados como proximidade, socialidade, enraizamento, afetividade.

Realizamos um comparativo entre as diferentes regiões e locais dos clubes de mães em que os autores supracitados realizaram suas pesquisas. Nos clubes de mães constatamos elementos que se mostraram semelhante sem nossa pesquisa: o acolhimento, a afetividade, a troca de experiências e as aprendizagens artesanais coligadas às experiências de atividades coletivas.

Ao longo do texto na terceira sessão, temos a pretensão de mostrar que é “na beleza do dom³⁷, do contradom³⁸ e no desafio que isso suscita, que toma corpo a relação com o outro” (Maffesoli, 2001, p. 61). A partir do lócus da pesquisa, Clube de Mães no Bairro Jardim Seminário e o grupo de mulheres do clube de mães, percebemos que as ações orgânicas dessas mulheres envolvem a comunidade,

Entidade orgânica, ela é uma “unidade em si, uma personalidade coletiva, que obedece às tendências ou leis estruturais que lhe são próprias, arquétipos, estruturas antropológicas que podem se modelar historicamente, mas que permanecem suficientemente invariantes para assegurar sua perduração (MAFFESOLI, 2001, p. 61).

No fragmento da narrativa da Dona Sueli Braz, percebemos que ocorre um jogo sutil nos interstícios da organicidade e da socialidade, esse jogo pode ser o provocador do equilíbrio “O clube perdura, porque assim lá é um conjunto, uma amizade, um amor pelas outras, né? Isso que faz o grupo continuar. Eu não moro perto, eu sou a única que moro mais longe, e sempre fui lá, no Jardim Seminário” (Sueli Braz, entrevista realizada em 08/05/2019).

O fato de ser uma unidade em si, a organicidade foi projetada para desempenhar um papel importante nas tensões externas ou internas ocorridas permanentemente.

Quais os objetivos das práticas do grupo, né? Objetivo é o compartilhamento, compartilhar o que você sabe passar para outra. Aí tu aprender da outra, né? Eu acho que objetivo ali, é a gente passar o que sabe e aprender do outro é uma prática boa, é um conhecimento né? (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Eu acho que o grupo perdura por causa das presidentes, eu acho que se não for uma pessoa que tenha paciência, que tenha coragem, ele não vai para frente. Mas se for uma pessoa que tem, continua sempre indo para frente. Então, se entra alguém que a gente vê que não está querendo, a gente tem que ajudar, porque se não termina, a meu ver. (Maria Aparecida Marques, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Na convivialidade diária, talvez de forma despercebida, está presente a diferença entre as pessoas de um grupo ou comunidade. A imperfeição oculta, porém, a

³⁷Dom (troca): “desempenha a dupla relação de junção e de disjunção, de aproximação e de neutralização. É preciso ter algo em suas mãos para poder entrar em contato com o numinoso” (estado religioso da alma inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade). (MAFFESOLI, 2001, p.62).

³⁸Contradom (negação da troca): “a fascinação da alteridade e a recusa do outro” (MAFFESOLI, 2001, p.64).

reversibilidade dos sentimentos que fazem parte do conjunto das características que compõem a socialidade faz com que o grupo acabe por atingir, mesmo sem saber, a harmonia e o equilíbrio naquele local.

Certeau e Mayol (1996) nos dizem sobre a complexa vida no bairro que se manifesta nas ações entre as pessoas e os grupos. Talvez alheios, as pessoas e os grupos exercem o movimento afetual e todo conjunto que compõe a socialidade, ou seja, dão vida ao bairro.

Então ali você já começava [...] a conviver, já conhecia mais gente e daí fui fazendo uma amizade muito grande, nossa! Hoje eu tenho muitas amigas que começou através dali, aí também tinham muitas que estavam grávidas. Daí a gente já fazia chá de bebê...cada uma levava um...uma lembrancinha, levava um prato no dia né...i era bem legal! (Marinês Semler, entrevista realizada no dia 02/05/2019).

Eu acredito assim, que você faz e você recebe, eu converso bastante assim com quem eu conheço, que sofre de depressão, senhoras sabe? Eu pergunto se ela faz alguma coisa de comunidade, se visitam os doentes, aí tem umas que falam: “há não, senão eu fico doente junto”. E eu explico diferente, que não é para ir para isso né. (Rosalina Grizon, entrevistada realizada no dia 23/05/2019).

Os fragmentos das narrativas da Dona Marinês Semler e da Dona Rosalina Grizon permitem entender o dom e contradom. São trocas quase sempre desiguais, mas conseguem em seus interstícios se manter em uma harmonia diferencial. Nestes termos, os desafios das ações subjetivas ou em conjunto com um grupo estão em manter uma organização por meio da reversibilidade, e assim se configuram como a ponte entre o dom e o contradom. Como resposta, a reversibilidade toma corpo e poderia nessa troca suscitar o equilíbrio e a relação com o outro. E assim, nesse vaivém constante no grupo e na comunidade, em sequência está às ações que dão movimento à vida no grupo de mulheres no Clube de Mães do Bairro Jardim Seminário.

Dessa forma, com a “reversibilidade de troca a que nos referimos apresenta uma rigorosa necessidade que, de conflitos (tensão) em distensão (relaxamento), não se esgota nunca” (MAFFESOLI, 2001, p. 63).

Seguimos com a comunidade, suas ações, vida e movimento. O fragmento da narrativa da coordenadora dos clubes de mães evidencia a proporção das ações do grupo de mulheres que corporifica (fortalece) a socialidade.

Então não se beneficiam só elas, além de várias amizades elas beneficiam a família inteira, porque se a mãe sai de lá (do clube de mães) mais tranquila, ela chega em casa mais tranquila! Ela consegue superar uma semana difícil. A gente sabe como é mulher, a mulher é um para-raios! Ela que recebe todas as cargas e o Clube de Mães vem prá isso... é jogar um bingo, é tomar chimarrão, é fazer um crochêzinho, fazer um bordado. Tem tudo isso! (Fátima Cadore, entrevista realizada no dia 17/05/2019).

Para Fátima Cadore, as mulheres do Clube de Mães captam as tensões familiares ao longo dos dias, muitas vezes sobrecarregadas por seus conflitos e situações de stress. Neste contexto, é gratificante ter um lugar de acolhimento diferente da dura realidade, daquilo que nem sempre gostam de viver. No clube elas recebem o abraço afetuoso, conversam, trocam ideias, se distraem, relaxam, distensionam as tensões provocadas por diversos acontecimentos, nem sempre agradáveis de serem vividos.

O Clube de Mães, com toda a representatividade que tem na vida pessoal de cada mulher que o integra, traz incutido na socialidade, em seus interstícios, a reversibilidade, às vezes longe de ser percebida. Ela causa a organicidade, das diferenças conflituais, que por consequência permite o grupo viver a harmonia quanto equilíbrio conflitual.

A fotografia 46 mostra imagens das mulheres com artesanatos produzidos por elas no clube. As imagens representam um momento de harmonia vivida por elas, oportunidade de trocarem ideias, afazeres e trabalhos artesanais, tempos de distração que o clube de mães é capaz de oferecer.

Fotografia 46 - Painel fotográfico com artesanatos confeccionados pelas mulheres do Clube de Mães.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.
Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

O momento de descontração vivido pelo grupo de mulheres do Clube de Mães contrasta com a descrição da história das mulheres.

Perrot (2007), em sua obra intitulada “A minha história das Mulheres”, relata que a sociedade ocidental assumiu o reconhecimento à maternidade “aureolada” circulada de amor, “o amor a mais”, e a partir do século XVII esse sentimento maternal e a figura da mãe encontram maior destaque.

Um dos traços marcantes da época contemporânea consiste na politização da maternidade, tanto nos estados totalitários quanto na democracia. A América pôs em andamento o “Dia das Mães nos anos 1920, mas é o governo de Vichy que publica oficialmente a lei para instituí-lo” (PERROT, 2007, p. 69). Este, e os demais movimentos políticos importantes para a história das mulheres, nos possibilitou diferentes enfoques ao darmos continuidade à escrita da história das mulheres do Clube de Mães.

A fotografia 47 mostra um painel confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães, para comemorar o Dia das Mães, no dia 12 de maio de 2019. Porém, nesta data houve um imprevisto e as mulheres organizaram a confraternização a partir das 14h30min do dia 16 de maio 2019.

Fotografia 47: Painel para comemorar o Dia das Mães, confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

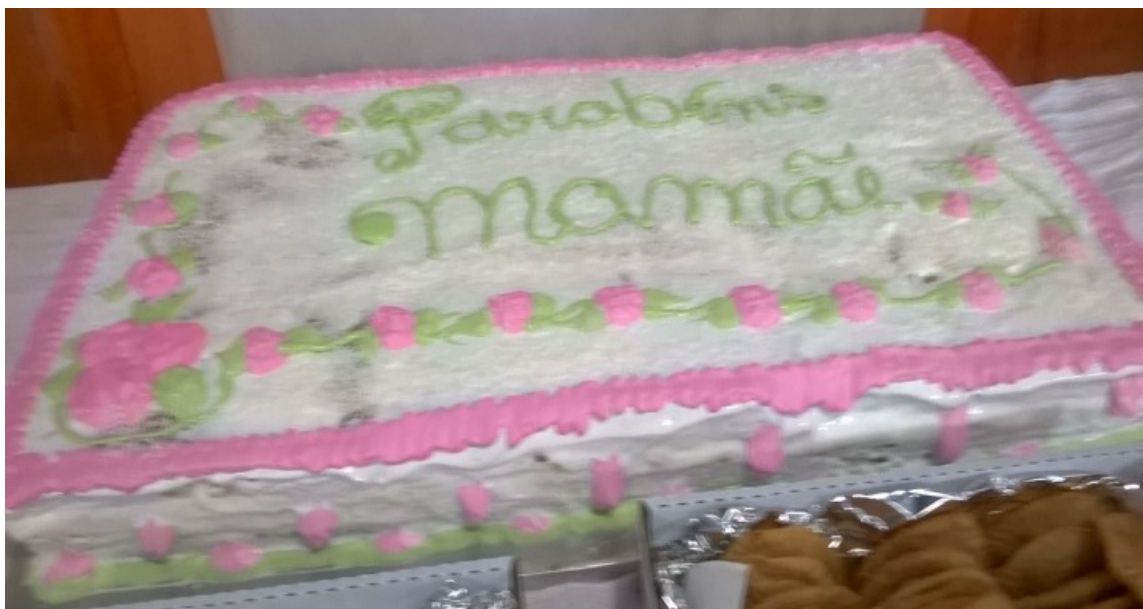
O painel continha letras coloridas que foram confeccionadas com EVA, as flores maiores foram feitas com material importado, doação de amigos dos Estados Unidos.

Por baixo do tecido de voal³⁹ alaranjado elas coloram um tecido branco, as laterais do painel ganharam destaque com tecido alaranjado. Na frente do painel havia uma mesa de madeira comprida, ornamentada com tecidos de cor branca e alaranjada. Em cima da mesa havia três vasos de bambu e dois arranjos de flores.

O cardápio era farto. Em uma mesa, para beber, havia: dois tipos de cafés cappuccino: líquido já pronto e congelado para dissolver no leite quente; chá de bruxa com pedaços de frutas: maçã, abacaxi, pêra, pau de canela, cravo da índia, açúcar; refrigerantes e café em pó coado. Para comer: rissoles, pastéis, coxinhas, enrolado de salsicha, quibe e um bolo de aproximadamente 10 quilos.

Eu gosto nessa parte de comida também, a gente faz o bolo para aniversariante, e faz que nem agora, festinha para o Dia das Mães, e aí quem mexe com o bolo é eu e a Rosa. Umas três ou quatro fazem a massa em casa e aí nós recheamos aqui no clube, né? Faz os cremes, e eu gosto dessa parte! Eu e a Rosa que montamos os bolos, aí agora ela não vai estar aqui dessa vez e vai ser outras.... Mas eu gosto dessas partes, sempre estou ali junto, participando e fazendo (Maria Aparecida Marques, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

Fotografia 48 - Bolo para comemorar o Dia das Mães, confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

³⁹Voal é um tecido macio, transparente e leve feito de 100% algodão ou algodão misturado com linho ou poliéster.

As demais mesas foram ornamentadas com vasos de bambu e flores naturais, todos os arranjos foram confeccionados por elas. As mesas foram organizadas com toalhas azuis e cor de rosa. As mulheres que se serviram primeiro se sentaram nas mesas de toalha cor de rosa, posteriormente, foi a vez das mulheres que estavam na mesa com toalha de cor azul. Dessa forma não houve aglomerações e todas puderam se servir com calma e retornar aos seus respectivos lugares.

Posterior à confraternização, organizaram rapidamente os alimentos que ainda estavam em cima das mesas e iniciaram o bingo. As mulheres participantes e as convidadas do Clube de Mães aguardavam ansiosas o início do bingo. As organizadoras fizeram uma fala e, educadamente, pediram um pouco de silêncio para que pudessem explicar como seria a regra do bingo: utilizariam três cartelas nas cores: azuis, jornal e cor de rosa. Teria direito a prêmios quem conseguisse preencher os números na horizontal e na vertical.

No fragmento da narrativa da Dona Olímpia Zanella foi possível perceber o que Certeau (1996, p. 53) chama de [...] “trabalho social dos sinais, isto explica a complexidade das relações envolvidas no espaço público do bairro”. A participante relata “nós temos caixa de som, temos microfone, no bingo nem pegamos caixa de som, porque a minha voz é alta, acho que isso já vem lá de berço, “da mãe” que “falava alto”, né? Também com “oito filhos”, a mãe tinha que gritar pra todo mundo ouvir (risos) (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

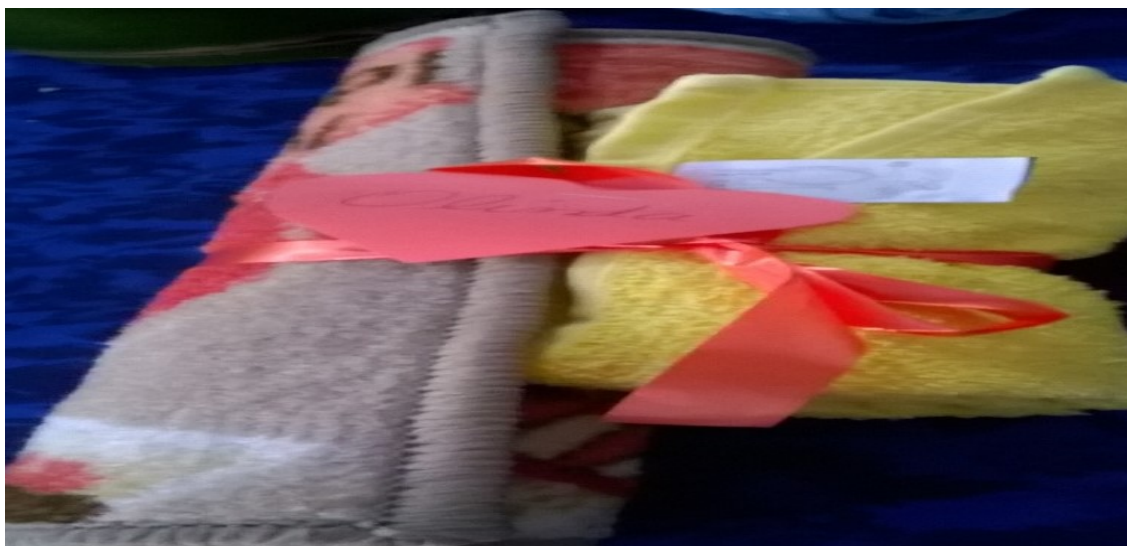
Fotografia 49 – Painel fotográfico com imagens das mulheres com as prendas que ganharam no bingo do Dia das Mães.



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Antes do início da confraternização, algumas mulheres do Clube de Mães recepcionavam as demais que chegavam. Eram recebidas com cumprimentos de boas-vindas e um caloroso abraço. As organizadoras anotavam o número e o nome de quem comprava as três cartelas por R\$5,00 e, após o término dos sorteios do bingo, os prêmios que sobraram foram sorteados pelo número da assinatura do caderno.

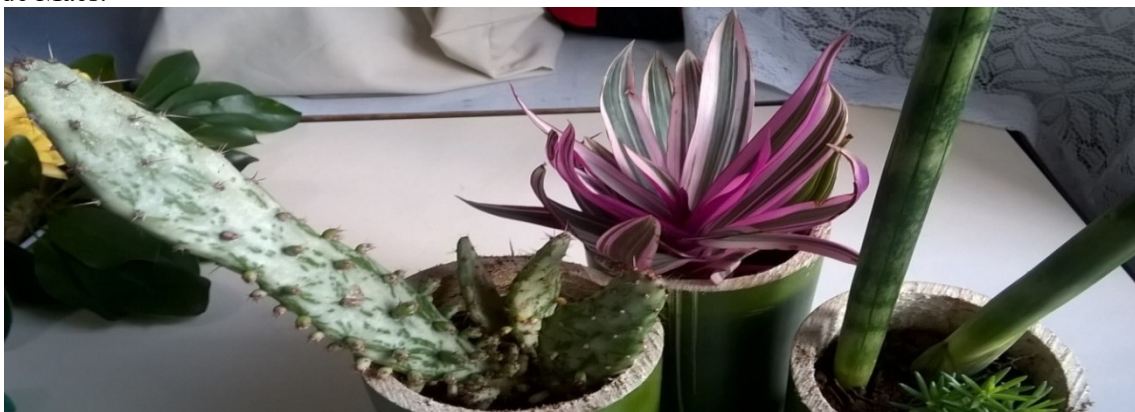
Fotografia 50 - Brinde do Dia das Mães - tapete de porta e uma toalha de rosto.



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Para finalizar esse dia, o grupo de mulheres presenteou cada integrante do clube com um tapete para porta e uma toalha de rosto (fotografia 50). Os brindes do bingo contemplavam desde luminárias para jardim, até roupas, calçados e flores naturais. Após a confraternização e o término do bingo, retornaram aos seus lares felizes com seus presentes que ganharam nesse encontro especial do Dia das Mães.

Fotografia 51- Arranjos de bambu com flores naturais confeccionado pelas mulheres do Clube de Mães.



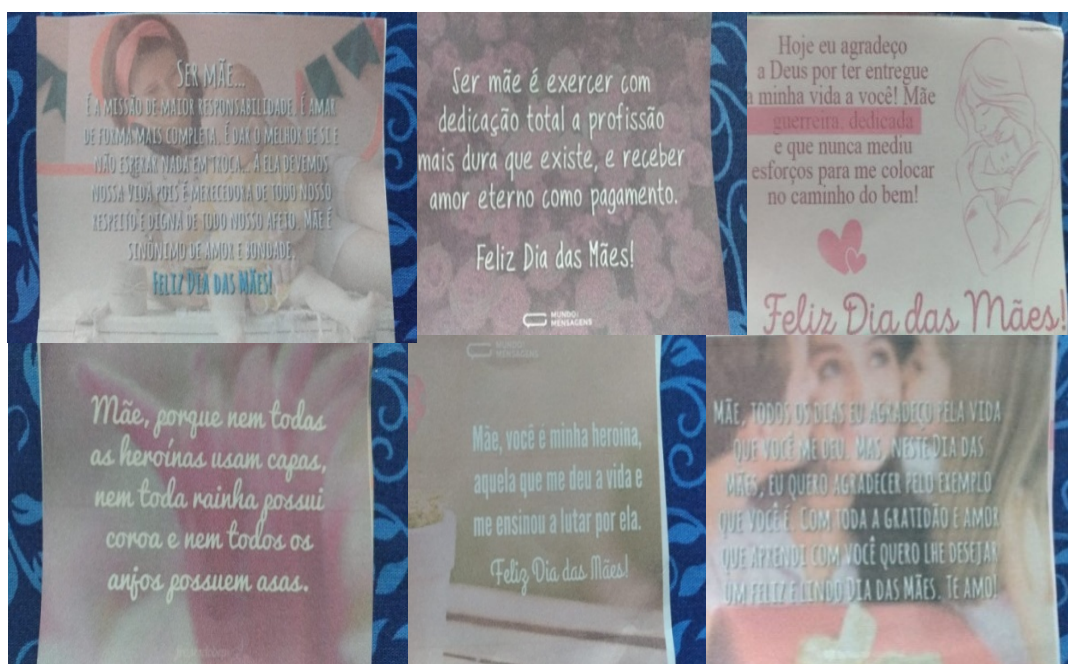
Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Durante o encontro, realizaram a leitura de pequenas poesias e cantaram a canção: Cristo é a Felicidade. Para o grupo de mulheres a escolha da canção representa o “amor verdadeiro” possível de ser representado pelo amor materno.

Após o grupo cantar a canção, fizeram uma oração e foi realizada a leitura de pequenos cartões com poemas que expressavam os mais variados sentimentos e significados de amor de/para mãe.

O que é ser mãe para esse grupo de mulheres? A escolha desses poemas deixa transparecer de forma sutil o que elas pensam sobre a maternidade. Para algumas mulheres ser mãe é profissão dura, árdua, exige que a mulher seja guerreira dedicada, responsável. Advertem que a mãe não pede nada em troca e merece respeito. Afirmaram que as mães ensinam com dedicação a lutar pela vida. São heroínas que não usam capas, anjos sem asas e rainha sem coroa, dá a vida para outro ser, e como pagamento recebe amor eterno.

Fotografia 52 - Cartões para homenagear o Dia das Mães no Clube de Mães



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

A maternidade é uma realidade multiforme, da qual é necessário destacar alguns traços históricos mais importantes. Para as mulheres, é uma fonte da identidade, o fundamento da diferença reconhecida, mesmo quando não é vivida. Uma mulher gera uma mulher, diz Luce Irigaray; o que ela produz ora é o outro, ora é o mesmo (PERROT, 2007, p.68).

Para Perrot (2007), a maternidade aconteceu de múltiplas formas ao longo da História até chegar à contemporaneidade. Sem tempo hábil para relatar aqui toda a trajetória histórica, registramos alguns fatos de extrema relevância da maternidade. A partir do século XVIII, os médicos e parteiras aprimoraram seus métodos para garantir a vida da mulher e da criança recém-nascida. Se, anterior à medicina as mulheres parteiras restringiam a presença masculina no ambiente da parturiente, posterior aos estudos e formação médica os homens restringiam a presença das parteiras sem estudo e formação adequada no local que realizavam os partos, isso gerou conflitos devido à oposição médica aos procedimentos das parteiras. Diante das objeções, as mulheres foram em busca de se disciplinar aos estudos e surgiram novos ramos da medicina, “a obstetrícia e a ginecologia, precedendo a pediatria e a puericultura. As mulheres tiveram de buscar seu lugar nesse campo, pelo estudo e pelo diploma” (PERROT, 2007, p.74). Isso, de alguma forma, corroborou para a mulher produzir sua identidade e assentar em base sólida a diferença, mesmo que ela não seja reconhecida pela capacidade de trazer à luz a mulher e ao homem.

Porque tem mulher que não merece o nome de mãe, porque mãe é uma palavra muito forte pra mim. Umas muitas não merecem. Aqui (referente ao clube de mães) todo mundo merece ser chamada de mãe (Dona Odila). Porque são mulheres de verdade. (fala da Dona Isabel) Criar uma família, se precisar corrigir o filho a gente corrige. (Dona Odila), é tudo luta, é tudo luta. Para ir para frente, né? Não pra criticar, é só pra construir (Dona Odila Zanella e Dona Isabel, entrevista realizada no dia 16/05 2019).

No fragmento da narrativa da Dona Isabel e da Dona Odila (senhoras acima de oitenta anos), elas deixam transparecer a preocupação com o ser mãe contemporânea, em lidar com a maternidade ou até mesmo se frustrar com ela. A educação dos filhos e a luta no sentido da percepção, de ser perspicaz talvez, nas mutações que elas vêm acompanhando e vivenciando com o passar dos anos.

Foi possível perceber a conexão desse fragmento com outros semelhantes nas dissertações pesquisadas em outros lócus de pesquisa, em outras regiões do país, a exemplo a dissertação de Rodrigues (2011) intitulada “Educar, assistir, moralizar:” a experiência dos Clubes de Mães em Limoeiro do Norte – CE, (1960 - 1990)”.

Entende-se, portanto, o porquê de cursos de orientações doméstica, onde, encontram-se as mulheres-mães recebendo instruções de como cuidar de seu filho com aulas de puericultura, enfermagem e

alimentação do bebê, com o objetivo claro de preparar essas mulheres para exercerem seu papel familiar e social. Compreende-se ainda que esse processo educativo vá se modificando com o passar dos tempos de acordo com as necessidades de cada época. Assim, estabelecer o modelo de feminino, educar mulheres, formar mães ideais, também é uma construção sociocultural de acordo com as necessidades de cada momento histórico (RODRIGUES, 2011, p.97).

Para Dona Marínes Mezzoni, coordenadora do clube de mães Divino Mestre, há evidência de um ciclo vivido por muitas mulheres, a infância, a adolescência, a juventude, o casamento, os cuidados com a casa, ser mãe e avó, uma trajetória de vida de mulher gratificada. Comparando os fragmentos, como vimos na dissertação de Rodrigues(2011), foi possível pensar que a história, o tempo, o local mudam com frequência, isso não importa, parece existir um modelo de mulher sociocultural para cada momento histórico.

É desde que você é uma menina, sei lá, você cresce, você casa, vira mãe, esposa, você é avô, você é tudo na vida, então mulher é tudo, isso faz com que a gente se sinta valorizada. Porque eu vejo lá em casa, a mãe... Eu tenho um esposo e duas filhas, uma casada, então fica eu, minha filha e ele, e eu vejo tudo é mãe, é a mulher que tem que decidir, é isso é aquilo, tudo cai sobre os ombros da gente, mas eu gosto, eu me sinto gratificada com isso, né?(Marínes Fontana Mezzoni, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

O Clube de Mães não restringe idade, basta ser mulher e apresentar suas necessidades, as mulheres promovem com suas ações a troca recíproca de aprendizagens. Dona Olímpia expressa esse dom, “tem pessoas que são meninas novas, a gente fez vários chás de fralda que estão aprendendo a ser mulher, a ser mãe, então eu aprendo muito com isso” (Olímpia Zanella, entrevista realizada em 13/06/2019).

Já na dissertação de Grassi (2017), intitulada “Alinhavos e rasgos maternos: a (dê) educação da madrepós no Clube de Mães Santa Rita de Cássia”, o fragmento descrito pela autora se aproxima do fragmento da narrativa de Dona Rosalina Grison, considerando que a escrita de Grassi (2017) revela a conquista do início da liberdade de escolha: ser ou não ser mãe.

Um fato importante e que passou a modificar ainda mais a vida das mulheres brasileiras, foi a chegada da pílula anticoncepcional, em 1961. A era dos modelos rígidos deu espaço para o novo ciclo dos

modelos flexíveis. As jovens mulheres que passavam a refletir e romper as condutas tradicionais assumiram atitudes em busca de maior liberdade e autonomia tanto nos relacionamentos afetivos, como nos cuidados com si mesmas (GRASSI, 2017, p.42.).

Logo a seguir, no fragmento da narrativa da Dona Rosalina Grizon, é possível perceber um pouco o oposto da rigidez que a maioria das mulheres vivenciavam em sua época, certa liberdade no diálogo com seus familiares, particularmente com sua mãe. Isso se percebe ao afirmar que iria adotar uma criança sem ser casada, que ela conheceu seu esposo e foram morar juntos, sem oficializar o tão sonhado por muitas mulheres, o matrimônio oficial.

Aí uma vez eu falei: mãe, eu vou adotar, agora vou adotar, eu tinha quarenta anos, queria adotar uma criança para me cuidar quando eu ficasse velha... Pense, (risos), ficar velha para alguém me cuidar (risos novamente). Aí eu conheci uma pessoa e tal, a gente ficou por três, quatro anos e eu engravidei, no ano que fiz 41 ela nasceu, olha que benção na minha vida! E ela é muito companheirinha. Ela era pequenininha, ela sempre dizia mãe você está bem? Ela já perguntava assim. E é assim você tem que batalhar para ser feliz, só que muita gente não consegue, né? É muito difícil, criar filho é difícil, e eu criei ela sozinha, não morei junto com o pai dela, quando ela tinha 4 anos o pai dela faleceu de infarto. Eu tive bastante ajuda de um casal amigo meu que foram morar pertinho de nós, mas eu não tive problema assim, eu tava preparada psicologicamente, eu sempre ia muito na escola, morava perto da escola, era amiga das professoras e na escola ela nunca deu problema, sempre foi bem. (Rosalina Grizon, entrevistada no dia 23/05/2019).

A exemplo da Dona Rosalina, a perspectivada tão sonhada liberdade da mulher ela havia conquistado, deu o primeiro passo em busca da sua felicidade, com apoio familiar soube conduzir seus anseios e necessidades. O fragmento da narrativa de Dona Rosalina nos remete a uma pequena parte da história das mulheres escrita por PERROT (2007), em que nos faz refletir que em cada mulher existe um pedacinho da história das mulheres, quem sabe sem o saber, carregam em si o conjunto de mudanças que se delinearam ao longo do tempo. Ainda que não o saibam, compõem um conhecimento como patrimônio no qual o conjunto das mulheres se beneficiam.

A família da minha mãe é muito rica, e meu pai não, aí eles sofreram muita discriminação, aí por isso eles passaram para nós; que não queriam que a gente passasse pelo o que eles passaram, pra gente estudar ele dizia: “decerto estudando eles conhecessem mais a vida” e minhas primas falavam que eu ia ficar solteirona. E eu já disse, não! Eu quero ser feliz do meu jeito, fazer por mim, para minha vida, quero

batalhar por mim, para que ninguém diga o que eu tenho que fazer. Tanto que foi que estudei, fui estudar enfermagem e nossa! Na minha época enfermeira e professora não eram bem vistas na sociedade, eu sofri muito preconceito e fui, tive sempre minha mãe, que foi minha companhia, sempre! (Rosalina Grison, entrevistada no dia 23/05/2019).

Para PERROT (2007), a descoberta da história das mulheres ocorreu no século XX. A partir daí, as mulheres adquiriram maior confiança para realizar seus próprios desejos, provocar visibilidade em suas ações e afirmação da própria identidade. Em 1915 foi instituída uma novidade jurídica, a primeira do gênero. O setor terciário passou a oferecer emprego para todos, nesse período 75% do trabalho era realizado por mulheres. Porém, por mais diversificado que fosse o trabalho a maior parte deles persistiu em um “caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade e o sorriso entre outros” (PERROT, 2007, p.123), isso ocorreu até os anos de 1980 a 1990.

Em sua narrativa, Dona Rosalina Grison contribuiu para pensarmos que as mulheres no mundo, ao longo da história, passaram por diferentes conflitos, discriminações, atrocidades e no extenso percurso histórico em busca por respeito e dignidade.

Realizamos uma breve passagem pela história das mulheres com o intuito de tornar compreensíveis os motivos que as fazem persistir entre vários elementos nesse caminho, entre eles está o dom (troca) e contradom (negação da troca).

Porque eu acho que como mãe, como mulher a gente tem que se entrosar, tem que trocar ideias, experiências de outra mãe, de outra mulher, né? A gente troca, troca ideia, troca receita, troca artesanato né? E daí, tem o compartilhamento, o abrir o diálogo, a conversa de uma com a outra, é isso que deixa assim mais caloroso o Clube de Mães, porque além da gente se encontrar se abraçar, tomar um chimarrão, troca as receitas. Passa umas horas diferentes, sai daquela rotina do dia a dia dentro de casa. É interessante isso também, né? (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

No fragmento da narrativa da Dona Olímpia Zanella, é possível refletir sobre a troca ou dom, ela reforça várias vezes a importância da troca como se fosse um ponto de ligação ou continuidade de algo e para (MAFFESOLI, 2001, p.63) “existe aí uma interdependência fundamental que faz da troca a base de toda a vida social”, esse fio condutor que aproxima, torna-se um laço de reciprocidade, que fortalece a

espiritualidade, dá vida para esse local, clube de mães e comunidade em que vivem. Porém, o mesmo laço que une deixa escapar alguns pontos de tensão, poderíamos dizer que faz parte desse local um universo de tensão e distensão, uma continuação da reversibilidade e assim sucessivamente, esse movimento rítmico da vida em comunidade.

A vida no bairro não se resume não se intimida simplesmente se apresenta e existe com todo potencial e extensão que lhe é permitido. Entre os êxitos relevantes conquistados no bairro, está o posto de saúde e com seus serviços prestados têm proporcionado melhor qualidade de vida aos mores e moradoras do bairro. Foi possível perceber a atenção e o cuidado com a saúde por meio dos fragmentos das narrativas da Dona Olímpia Zanella e Dona Rosalina Grison.

Outra coisa que eu queria te falar, é que nosso posto de saúde, toda última quinta-feira do mês elas vem aqui para dar um apoio para a gente né? Para instruir, palestras, essas coisas assim, né? Eu acho muito interessante pro Clube! A gente sabe na hora dos assuntos, não antecipam o assunto, eu acho bom, porque às vezes você até sabe sobre a gripe, por exemplo, mas o que elas fazem, elas explicam detalhado pra gente, como é que funciona, eu acho bem interessante essa instrução assim! (Rosalina Grison, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

Temos o nosso bairro já bem povoado, já com todas as infraestruturas, vários loteamentos bons aqui por perto, várias mercearias, quadra, ginásio, escola, creche, posto de saúde também, há poucos anos, acho que o quê? Faz uns, 4 a 5 anos, que nós temos o nosso postinho de saúde que não tínhamos, que dependíamos lá do Vila Nova, no centro. Foi uma conquista grande, muito bom, muito bom, para os moradores, para todos aqui (Olímpia Zanella Thomé, entrevista realizada no dia 13/06/2019).

Os cuidados e atenção com a saúde não se restringe à individualidade, há a preocupação em fazer com que o benefício à saúde alcance o máximo possível de pessoas do grupo de mulheres que frequentam o clube de mães e esse cuidado se estende à comunidade.

Fotografia 53- Palestra para cuidados preventivos à saúde no Clube de Mães Divino Mestre (1).



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Fotografia 54 - Palestra para cuidados preventivos à saúde no Clube de Mães Divino Mestre (2).



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

Saúde e alimentação são elementos essenciais para manter a vida saudável. Um elemento importante abordado pelo grupo de mulheres é o trabalho em benefício do coletivo e não da individualidade. No decorrer da dissertação foram apresentadas várias ações do grupo, motivadas ao bem-estar do coletivo. A seguir, no fragmento da narrativa da Dona Rosalina Grizon e da Dona Maria Aparecida, apresentamos a participação do grupo no Programa Mesa Brasil, a partilha contempla a todas as mulheres que frequentam o clube de mães.

O Sesc a princípio, sobre a Mesa Brasil, eles fazem aqui nas casas de apoio, creche, eles têm assim Clube de Mães, mas não são todos os Clubes de Mães. A gente já pensou, por causa assim do transtorno, eles vêm na segunda quinzena. Toda segunda semana do mês e às vezes bate com um encontro nosso aqui, mas a gente dá um jeito, porque às vezes eles trazem o alimento para nós separar, daí dá trabalho, também nós já pensamos nisso, mas não vale à pena porque o retorno que a gente tem e eles também. A gente foi ano passado, em novembro, eles falaram que o nosso Clube de Mães, ajuda demais e não podemos ficar de fora do SESC, à gente participa ativamente sempre. Elas sempre vêm, falam, “vocês são um grupo que cresce e cresce cada vez mais” (Rosalina Grizon, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

O convênio com o SESC, da Mesa Brasil, é muito interessante para nós, não só pelo alimento que vem, é pelo que o Sesc oferece para nós, na ação educativa, as palestras, todo mês tem uma ação educativa, eles mandam para ir duas, três ou quatro (mulheres) por causa das palestras. Todo mundo que foi até hoje volta assim gratificado! Porque sempre aprende, e eu falo para elas, não ocupa lugar, vai colocando na tua cabecinha guardando, aí pode passar para outros né? (Rosalina Grizon, entrevista realizada no dia 23/05/2019).

É uma “alegria” pra mim assim sabe? Uma coisa assim... é um “prazer,” sabe? Que você vem aqui, cada quinta que você vem é uma coisa diferente, entendeu? Que nem hoje, hoje a função nossa é a Mesa Brasil! É arrumar, ajeitar ali e tem um pouco de vucu-vuco, mas é muito bom! Muito bom! Eu gosto. A “amizade” une o grupo, é como diz, amizade e “confiança” que uma tem na outra! E é gostoso a gente tá ali juntas, amigas né? Imagina quantas amigas a gente tem ali e uma mais queridinha do que a outra né! A gente chega abraça, beija... tudo é bem legal! (Maria Aparecida Marques, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

O painel fotográfico abaixo (fotografia 55) mostra como o grupo de mulheres recebe e organizam as frutas e legumes doados por meio do Programa Mesa Brasil e o trabalho realizado por elas em separar por porções iguais todas as frutas e legumes.

A distribuição e organização das sacolas de alimentos visa para contemplar todas as mulheres participantes do clube de mães que estiverem presentes no dia. Se por algum motivo alguma mulher não comparecer para buscar seus alimentos, elas entram em contato para saber qual foi o motivo da ausência. Caso necessário, elas tomam providências para que os alimentos sejam entregues na residência da mulher. Sobre isso, Dona Olinda Reolon afirma:

Então é assim fia!... Os trabalhos a gente faz, voluntário né? E aqui eu sou bem recebida, até eu tenho que me afastar porque agora eu tenho minha netinha e eu cuido dela cedo, e tem quinta-feira que eu falto, eu não posso vir conforme o trabalho, e tem quinta-feira que eu posso. Até essa quinta eu faltei, e teve a Mesa Brasil, e me levaram lá em casa, porque eu tava com virose e não quis descer né? Aí tem a moça, da Mesa, a Marilene, ela foi leva para mim, bateu lá em casa, rezaram para mim, que a gente sempre reza o Terço da Misericórdia... então a gente faz isso! (Olinda Reolon, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

A partilha entre o grupo de mulheres encaminha para a obra de CERTEAU (1996). Para exemplificar a partilha, a troca, a relação dom/contradom, o autor utiliza como exemplo as garrafas de vinho, a ação coletiva se dava da seguinte forma: em um mercado de determinada pessoa havia uma cartela com trinta pequenos espaços, para cada garrafa de vinho artesanal adquirida nesse estabelecimento, retirava uma pequena etiqueta da própria garrafa e colava no espaço reservado na cartela do cidadão até que conseguisse preencher todos os espaços. Assim que a cartela fosse devidamente preenchida, poderia ser trocada por uma garrafa de vinho de considerável qualidade, geralmente um Côtes-du-Rhône⁴⁰, vinho de boa qualidade para degustar em ocasiões especiais.

Utilizamos esse exemplo para comparar com o jogo da troca entre três grupos, se for pensar não só o Clube de Mães usufrui dos benefícios, mas a instituição SESC

⁴⁰O Vale do Rhône tem sido um centro da cultura do vinho desde os tempos antigos e é tão popular hoje. A viticultura como a conhecemos chegou ao sul da França com os gregos no século 4 a.C. Mas foram os romanos que realmente estabeleceram os vinhedos e a reputação da região, usando o Ródano como sua autoestrada pela França (e plantando alguns vinhedos ao longo do caminho). O Vale do Rhône foi criado durante a última era glacial, quando a geleira Rhône abriu seu caminho para o sul através do que hoje é a França. Hoje, o rio Rhône começa nos Alpes e serpenteia por 505 milhas até o mar Mediterrâneo. Fonte: <https://winefolly.com/deep-dive/cotes-du-rhone-wine-with-maps/> Acesso em janeiro de 2021.

também. A instituição oferece o programa e arrecadam os alimentos, as mulheres se responsabilizam de receber e distribuir para outras mulheres que oferecem seu trabalho e participam do clube de mães. Cada mulher faz parte de uma família com seus integrantes e assim sucessivamente. Essa é uma das ações do ciclo que dá vida e movimento ao clube de mães e à comunidade.

Fotografia 55 – Painel fotográfico - mulheres do Clube de Mães organizam alimentos referentes à entrega do Programa Mesa Brasil do SESC.



Fonte: Elaborada pela autora, maio de 2019.

É possível perceber os alimentos nas caixas de plástico, as mulheres separam as frutas e legumes em porções suficientes para mais de uma refeição. Dessa forma todas

as mulheres, tanto as que coordenam, quanto àquelas que frequentam semanalmente o clube de mães, retornam para suas casas satisfeitas por mais uma ação de solidariedade realizada com sucesso em benefícios eu e do coletivo. Assim, “a sacralização das relações sociais: o mecanismo complexo das dádivas e contradádivas que se estabelece entre as diversas pessoas, por um lado, e entre o conjunto assim constituído e um meio dado, por outro” (MAFFESOLI, 2006. p.56).

Esse vaivém não separa, mas agrega as pessoas, costumes, hábitos. Além do alimentar, no clube de mães ficou evidente a preocupação em cuidar da saúde de si e do outro. A cada visita das enfermeiras ou médico, são abordados assuntos de interesse comum. Dona Odila e Dona Isabel falam um pouco da importância das visitas realizadas por profissionais da saúde.

Ganhamos a visita da, do, ali...? Do Mesa Brasil. (Dona Isabel) Visita lá do posto de saúde, a médica e a enfermeira vêm pede pra ver pressão, vê se tem alguma coisa que precisa e é muito bom isso aí. Então é isso o motivo também que a gente não deixa de participar, entendeu? É assim, graças a Deus funciona bem. (Odila Zanella e Isabel Rossi da Costa, entrevista realizada no dia 16/05/2019).

É possível observar nas fotografias quais alimentos foram distribuídos entre o grupo de mulheres: banana, mamão, beterraba, batata, esses alimentos ajudam a enriquecer, a complementar o cardápio dos próximos dias. Há a preocupação com a saúde de modo geral, as orientações para uma alimentação saudável ajudam adquirir o equilíbrio necessário para usufruir a vida com qualidade de vida.

O clube de mães existe por muitos motivos intrinsecamente ligados, por sentimentos que dão movimento orgânico interno e externo ao local e ao grupo de mulheres. Poderíamos dizer, o convívio no clube de mães cria vínculo, aproxima os valores de tudo aquilo que é comum a todos, há um enraizamento, um sentimento de pertença por tudo aquilo que vivem e se identificam com as pessoas daquele local. Para Maffesoli (2001),

[...] na posse comum de valores enraizados, língua, costumes, cozinha, posturas corporais. Todas essas coisas cotidianas, concretas, unindo em um aparente paradoxo o material e o espiritual de um povo. Há lugar para a reflexão do assunto: um tal materialismo espiritual, vivido localmente, é o que vai, cada vez mais, ocupar o lugar do político em suas diversas modulações (MAFFESOLI 2001, p. 22),

Pensar o político como natural produtor de projetos racionais, programados para atingir a grande massa, naturalmente o dissemina em pontos estratégicos para contemplar ideais globalizantes. Essa forma de atuação ganha velocidade e fluidez na macroestrutura, porém esses projetos perdem aos poucos a velocidade e é possível percebê-los transformados de forma inteligente sem afrontas, a favor de microgrupos, alguns visíveis, outros invisíveis, que compõe a grande massa. Esse movimento nos lembra o que Maffesoli (2001) chama de localismo, é nesse espaço reservado que o político pode sofrer transformações, agora diluído a favor da socialidade, espalha suas ramificações na proximidade, no estar junto, no compartilhar. Desta forma sai da individualidade para a prática da solidariedade, é o se importar com o bem-estar do outro. Seria essa a experiência ética, trazer para perto do grupo, no caso, o grupo de mulheres do clube de mães, aquilo que emocionalmente é comum a todas.

As imagens fotográficas a seguir nos possibilitam pensar no significado de reunir o grupo de mulheres com suas sombrinhas, podemos refletir em alguns elementos que fazem parte das metáforas maffesolianas para explicar a socialidade contemporânea.

No caso a estreita conexão que existe entre as grandes obras da Cultura e aquela “Cultura” vivida no dia-a-dia constitui o cimento essencial de toda a vida societal. Essa “Cultura, causa de grande admiração para muitos, é feita do conjunto desses pequenos “nadas” que, por sedimentação, constituem um sistema signifiante (MAFFESOLI 2006, p. 57).

Em uma conversa informal, Dona Rosalina e Dona Olímpia nos relataram o motivo que as fez optar em comprar sombrinhas para as mulheres participantes do clube de mães.

Em 2015 a equipe que coordenava o clube de mães era composta, entre outras mulheres, a Dona Rosalina, Dona Olímpia e Dona Marines Semler. As mulheres da coordenação começaram a observar que algumas mulheres que frequentavam o clube de mães enfrentavam o sol de verão sem nenhum tipo de proteção, outras utilizam uma sombrinha para duas ou três mulheres se proteger do sol, em outros casos, quem tinha sombrinha acabava por esquecer ao voltar para casa, alguém tinha que sair correndo para levar a sombrinha a quem havia esquecido.

Foi aí que surgiu a ideia, na confraternização do final de ano de 2015, além do bingo e outros sorteios, pensaram: __vamos presentear com uma sombrinha cada

mulher que frequenta o clube de mães! E assim o fizeram, no final da confraternização, entregaram uma sombrinha para cada mulher do clube de mães. As mulheres responsáveis pelo evento viram a alegria e algumas até se emocionaram com o presente tão útil para protegê-las do sol (DIÁRIO DE CAMPO, 24/05/2019). Talvez sejam esses pequenos nadas que cimentam a perdurância societal no clube de mães Divino Mestre.

Fotografia 56 – Painel fotográfico -confraternização de final de ano em 2015.



Fonte: Acervo fotográfico do Clube de Mães Divino Mestre.

Organização: Elaborada pela autora, maio de 2019.

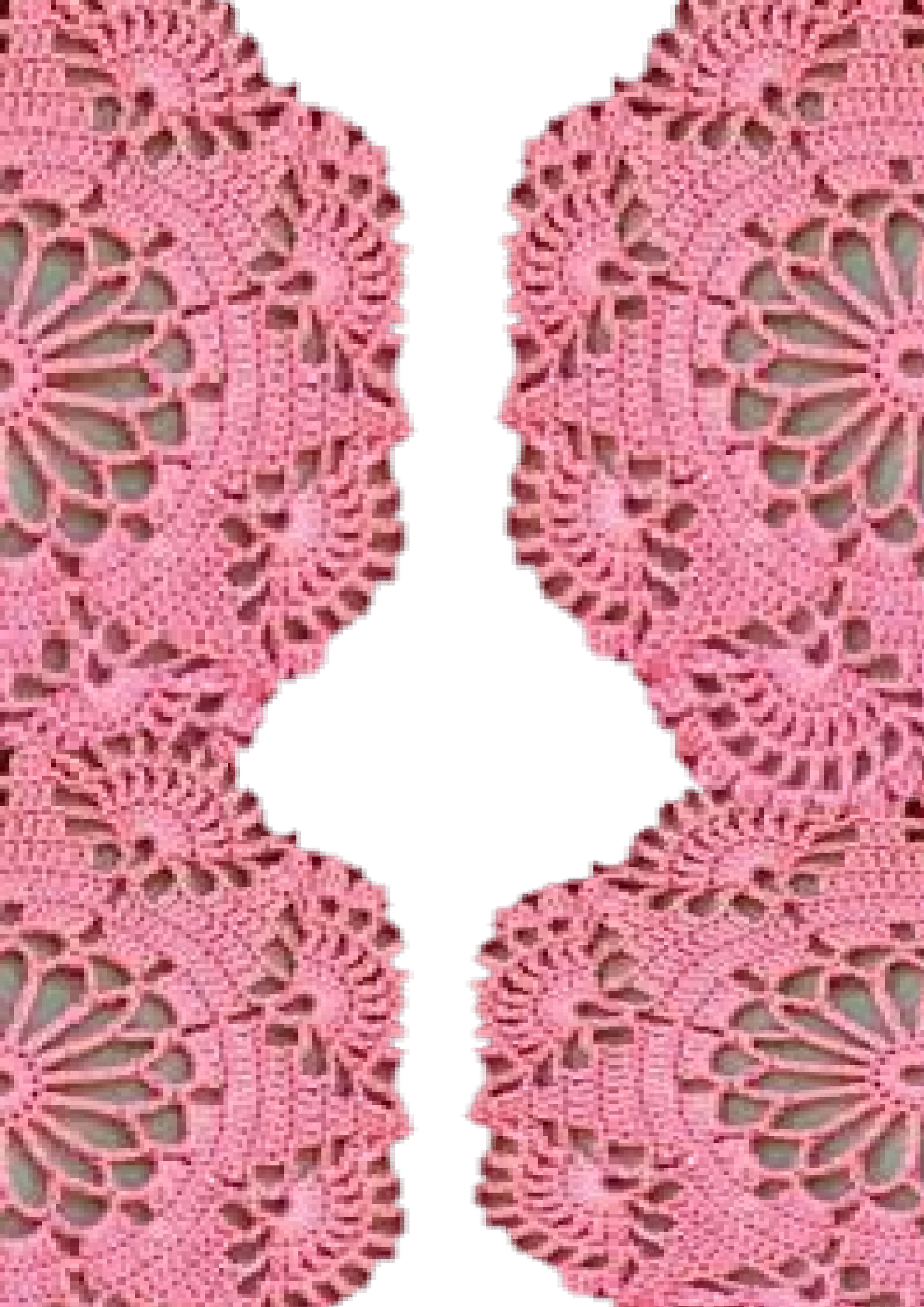
Vamos alimentar essa ideia! Até o final do ano, de fazer um calendário, para ter sido uma coisa nova, para cultivar. Sempre teve uma motivação! “ah! mas eu vou porque eu quero participar!” Por exemplo, as aniversariantes do mês de janeiro. Fazem uma foto das aniversariantes do mês de janeiro e coloca no calendário do mês de

janeiro! Fevereiro e assim até o final do ano. Não é legal? (Rosalina Grison, entrevista realizada em 23/05/2019).

O aprendizado, a motivação, sempre tem algo diferente no grupo, nunca é a mesma coisa no Clube, por isso que eu acho que perdura e cresce. E eu falo sempre para elas, tudo que a gente faz aqui, se alguém pergunta do Clube de Mães, vocês sempre falem coisas boas... Contém o que o clube oferece, e eu acho que por isso sempre vem alguém diferente (Rosalina Grison, entrevista realizada em 23/05/2019).

Eu sempre acho que elas vêm em busca de alguma coisa, não é à toa, sempre tem alguma coisa que elas buscam. E, além disso, elas querem acrescentar algo também para o grupo, a gente comenta isso nas reuniões, e fala para elas trazerem também algo de diferente, né? Que elas fazem em casa! Para acrescentar, para motivar elas! Elas se sentem valorizada, né? (Rosalina Grison, entrevista realizada em 23/05/2019).

As ações do grupo de mulheres do clube de mães demonstram a sensibilidade, a percepção aguçada que elas desenvolveram para perceber problemas banais ou não, intrínsecos ao grupo. O movimento a salutar do/no grupo contribui com ideias positivas para as resoluções de problemas e manter a perdurância societal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade coletiva originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética! (Maffesoli, 2006, p. 50).

Creio não estarmos finalizando a escrita, sabemos que um projeto abre outros caminhos que podem e devem ser percorridos por outros pesquisadores, com outros enfoques, outros olhares, e isso porque o “campo de pesquisa do imaginário desafia-nos a conhecer por vias distintas, lugares bem conhecidos, pouco conhecidos e desconhecidos, necessários de serem comunicados a pessoas não especializadas. Um desafio com muitas experimentações, avaliações e aprendizagens intensas (OLIVEIRA, 2016, p. 779).

Consideramos a escrita um desafio provocador, principalmente ao depararmos com autores que não conhecíamos e quando nos foram apresentados nos identificamos de imediato, foi o que aconteceu com a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli, obra: O “Tempo das Tribos”, a forma como ele apresenta a influência econômica, política e social em pequenos grupos que ele chama de “tribos” que se unem umas às outras e formam a grande massa, de onde vêm as imposições, as coerções e tantos outros tipos de influências que nos deparamos todos os dias. Para a análise, o autor utiliza linguagem nada comum, suas metáforas como forma de apresentar a realidade nos mobiliza.

Conforme Maffesoli (2006), a aprendizagem do saber olhar nos diz que é na superfície que se esconde a profundidade das coisas. Procuramos em cada detalhe, nos interstícios das narrativas concedidas pelas mulheres do clube de mães e na convivialidade do grupo, identificar como se constrói o vínculo societal entre as mulheres participantes do clube de mães do bairro Jardim Seminário. A questão nos instigou a pensar que, [...] tentamos penetrar na poética cotidiana, na rede de fazeres e dizeres que aparecem e transparecem nas narrativas, tornando presente, pelo exercício de memória e imaginação a confluência da imagem que ondula no tempo do fio narrativo (MARQUES, 2008, p. 11).

Pensamos que no convívio entre as sujeitas pesquisadas e a comunidade, estão os elementos necessários para analisá-las e compreendê-las como grupo (tribo) de mulheres, com ações de significativa importância para as pessoas da comunidade e até fora dela. Pensamos o clube de mães com sua força centrípeta, atrai mulheres de

diferentes culturas que estão em busca de novas identidades, de fim do sofrimento provocado pela depressão, a identidade por se sentir valorizada e tantas outras identificações possíveis.

Assim poderíamos dizer que o vínculo societal nasce e se fortalece a cada ação que acolhe a necessidade particular de cada uma. Existe uma observação forte no interior do/no grupo de mulheres, as ações não são aleatórias, o movimento que o grupo provoca é analisado (observado) no silêncio, posteriormente discutido e daí nasce ação direcionada, então o campo da assertiva torna-se amplo, mesmo que não agrade a todas as mulheres.

Outro fator possível de acontecer, para ajudar a manter o vínculo societal no grupo de forma coesa, podemos pensar além dos trabalhos manuais desenvolvidos no clube de mães, as palestras promovidas pelo SESC e pelo posto de saúde do bairro, palestras de vital importância para saúde do corpo e mente, também, o Programa Mesa Brasil promovido pelo SESC arrecada alimentos e as mulheres se encarregam de separar e distribuir os alimentos de forma equânime para todas. Entendemos que essa seja a forma de afirmação da identidade do clube (enquanto instituição), as mulheres que decidem por frequentar se identificam na convivialidade, nos gestos afetuais calorosos, na partilha, na espiritualidade e tantas outras entre linhas que o convívio é capaz de proporcionar.

A inclusão é realizada de forma conjunta pelas mulheres, o lugar do “eu” cede lugar para o “nós”. É provável que aí aconteça à prática da horizontalidade fraternal, a proxemia relevante à forma do grupo de mulheres do clube de mães se relacionarem, com a comunidade e em tudo o que nela há. O estar junto, o tribalismo, fortalecem a base em um enraizamento dinâmico, movido pelo dom (troca) e contradom (negação da troca), em meio a tudo isso como provocador do movimento temos a reversibilidade responsável pelo movimento incessante, que dá vida ao grupo de mulheres e ao bairro Jardim Seminário.

Um fator que chamou a atenção foi à habilidade em desempenhar tarefas, resolver situações difíceis. O grupo de mulheres procura resolver os conflitos, os problemas de forma passiva, mas sem perder o foco naquilo que é de interesse de todas, em função da solidariedade procuram se ajustar a socialidade, as redes as quais se ajustam entre si, representam a paixão comunitária.

Em algumas narrativas foi possível perceber o significado de “ser mulher” para o grupo de mulheres do clube de mães, qual seja o encargo da educação e do cuidar dos filhos. Identificamos que a responsabilidade por afazeres domésticos ainda recai sobre a mulher, o conjunto das obrigações, ou desobrigações, faz parte da cultura, da particularidade da vida de cada uma.

A representatividade do que é ser mulher, a complexidade cultural que cada uma vive ou viveu traz inscrita em si as marcas da repressão, constrangimento ou um cadinho de liberdade.

No processo da escrita do texto foi possível perceber por meio de algumas narrativas das mulheres participantes do clube de mães, as diferentes culturas, a forma de ver a vida, a tentativa de preservar a liberdade de escolhas ao longo da vida do “ser mulher”, aos olhares masculinos da sociedade.

Conquistar as saídas nas quintas-feiras para frequentar o clube de mães, para muitas mulheres do grupo não deixa de ser uma conquista. Ao menos um dia da semana elas vivem momentos de trocas recíprocas importantes para a vida pessoal.

São esses pequenos nada que acontecem nos interstícios da vida cotidiana que cimmenta, provavelmente, a perdurância societal.

A partir da observação daquele contexto, dentro e fora do clube, percebemos que o grupo de mulheres atuam de forma dinâmica. As reuniões não se restringem somente para sorver chimarrão, jogar conversa fora ou realizar atividades para passar tempo.

Conforme a necessidade local, o grupo cria estratégias para conquistar o que faz parte do desejo comum. Conquistas são consequências, o que importa é aumentar a possibilidade de se manter aquecido, por meio da ação ou sentimento “caloroso do estar-junto” Maffesoli (2006, p. 167). O sentimento partilhado ultrapassa a reunião de indivíduos. Prevalece a união do grupo nas ações conjuntas para suprir a necessidade da comunidade. Esse tipo de sentimento não exime o grupo de enfrentar problemas de toda a espécie.

A história do Clube de Mães Divino Mestre é composta por várias histórias que o constitui como espaço de força, sabedoria, paciência, estratégias e união.

O grupo enfrentou dificuldades, entre elas a conquista um lugar onde pudessem desenvolver, guardar em local apropriado e seguro suas atividades. Também enfrentaram momentos difíceis, a quase extinção do grupo provocada por conflitos internos. Por um período considerável.

A partir de 2012 houve mudanças significativas, gradualmente foram aumentando os números de participantes no Clube de Mães. Em 2019, o grupo estava com sessenta e quatro mulheres inscritas, foi possível observar em suas narrativas e participações o quanto estão satisfeitas em frequentar aquele lugar nos últimos anos.

A cada encontro, nas quintas-feiras, às quinze horas, rezam o Terço da Misericórdia, logo após servem um lanche que elas mesmas fazem e trazem para compartilhar, dar continuidade a união e perdurância do grupo. Acreditam que para o grupo perdurar, alguns cuidados são necessários para manter a união e estabilidade. Evitam fofoca, procuram ser receptivas com todas as mulheres, um afetuoso abraço com sorriso marcante, valorizam os trabalhos desenvolvidos por elas. A cada encontro realizam dinâmicas para reflexão, aprendizagem e movimento, proporcionam ao grupo palestras sobre saúde com enfermeiras e médicos do posto de saúde do bairro. São inúmeras as atividades que elas desenvolvem no grupo, o intuito é como elas mesmas dizem, de aproximar, unir e fazer o grupo crescer para ampliar os meios de solidariedade, “a comunidade esgota sua energia na própria criação (ou eventualmente, recreação). Isso é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade” (MAFFESOLI, 2006, p.47).

O sentimento solidário inclui todas as mulheres e suas famílias, o exemplo é o Programa Mesa Brasil do SESC. Seus anseios se realizam com muito trabalho, dedicação, enfrentamento das adversidades sociais, políticas e econômicas. O Programa mesa Brasil contribui no orçamento familiar, o que elas ganham de alimento não precisam comprar. Também participam de palestras de orientações sobre a saúde, alimentação e educação. Todas elas se mostram muito satisfeitas da forma como o grupo de mulheres conduz o Clube de Mães. O grupo de mulheres demonstrou satisfação em participar de palestras tanto da área da Saúde, quanto do Direito sobre a educação das crianças, segundo alguns relatos, isso tem contribuído muito com as mães e avós que frequentam o Clube de Mães.

Percebemos que a sensibilidade é compartilhada, não somente por meio afetual, mas também por meio de ações, a forma de pensar e agir no/do grupo corresponde à percepção da necessidade comum do Clube de Mães. Nas narrativas de algumas mulheres, fica evidente a força compartilhada no grupo e comunidade. É provável que essa seja uma das ações que corrobora para a perdurância do grupo e do Clube de Mães.

Aprendemos muito com elas, boa parte são mulheres que cresceram em pequenas comunidades, lá souberam desde cedo a desenvolver junto com os familiares habilidades na organização de encontros, festas religiosas, bingos e outras festividades na/da comunidade. Talvez por isso desenvolvam desde cedo a prática da solidariedade. Vivem com intensidade, um cuidar do outro, se importam em ver o outro bem, é evidente que às vezes ocorrem situações contrárias (reversibilidade), mas geralmente a afinidade e o viver coletivo superam o desafio com intuito de preservar a união e a força agregadora do grupo.

Inicialmente, tempo que antecede a pesquisa, nos questionávamos sobre o que a pesquisa em um Clube de Mães poderia contribuir com a educação na escola? Primeiro que o contato com o livro “O Tempo das Tribos” (MAFFESOLI, 2006) muito contribuiu para entender a transição da modernidade para a pós-modernidade. Em segundo lugar, permitiu avançar no conhecimento sobre pequenos grupos que já existiam, mas emergiram com força para se fazer visível, compreender os interstícios, a metamorfose complexa no contexto da socialidade. Nos grupos o abandono do individualismo para viver o “nós” acalorados nos sentimentos afetuais. Em terceiro lugar, é em nosso dia a dia, e quem sabe como pequenas tribos, é na convivialidade do ambiente seja ele qual for, surge a possibilidade de entender de alguma forma o valor sentimental e emocional que agrega as diferentes culturas por meio da complexa socialidade.

Nesse ensaio da escrita, lançamos mão de riquíssimas obras e com elas foi possível conhecer, por meio da etnografia e da descrição densa, nos aproximarmos o máximo possível da realidade do grupo de mulheres do Clube de Mães Divino Mestre no bairro Jardim Seminário.

Reiteramos nossos agradecimentos pela oportunidade concedida por vocês grupo de mulheres, sem essa oportunidade não conheceríamos a riqueza das práticas culturais desenvolvidas na vida diária e na convivialidade do clube de mães e na comunidade.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martim W, George Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

BALANDIER, Georges, **O Dédalo para finalizar o Século XX**. Tradução Susana Martins. Ed. Beltrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. Ateliê Editorial, São Paulo 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Michel de Certeau; 17ª ed. – Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – “Nova edição, estabelecida e apresentada por LuceGiard.” Ed. Vozes Petrópolis, Rio de Janeiro, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar/** Michel de Certeau, LuceGiard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. – Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; *revisão técnica [de] Arno Vogel. – Tradução de: L'écriture de l'histoire Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural/** Tradução Enid Abreu Dobranszky – (Coleção Travessia do Século). Ed. Papiros – Campinas, São Paulo, 1995.

DEPARTAMENTO DE CULTURA, **Programa e Diretrizes - Grupos de Convivência – Clube de Mães do Município de Francisco Beltrão – PR**. 01 de Outubro de 2018.

GASKELL, George. **Entrevistas Individuais e Grupais**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003.

GRASSI, Paula Cervelin. **Alinhavos e rasgos maternos: a (dês) educação da madrepresa no Clube de Mães Santa Rita de Cássia**. Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2017.

JOVCHELOVITCH & Martim W. Bauer, **Entrevista narrativa**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Editora, Vozes para a Lamparina – 12ª Edição. 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas** / texto de Jorge Larrosa, Tradução de Alfredo Veiga-Neto, - 5ª Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2013.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** Jorge Larrosa Bondía. Universidade de Barcelona, Espanha Tradução de João Wanderley Geraldi. Departamento de Lingüística, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

LUNARDI, Karini. **Pedagogias Produzidas por mulheres no Clube de Mães Mulher Gaúcha da Zona Rural de Santo Ângelo**. São Leopoldo, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente** / Michel Maffesoli. Ed. Argos, Natal (RN), 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio a Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**/Michel Maffesoli; apresentação e revisão técnica Luiz Felipe Baêta Neves: Tradução Maria de Lurdes Menezes; tradução do anexo e do prefácio Débora de Castro Barros. - 4ª Ed.- Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2006.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia do estar junto: ética e estética no Bairro São Sebastião do Rocio**. 2008. 206 folhas. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de, & Silva, Monique da. **Ensaio em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação**. EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, 30 (60), 775-798. (2016).

PEDRON, Flávio. **Jardim Seminário vence a gincana dos clubes de mães, jornal de Beltrão**, 07/05/2020. Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/296468/jardim-seminario-vence-a-gincana-dos-clubes-de-maes>

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. / Michelle Perrot; [tradução Angela M. S. Côrrea]. — Contexto, São Paulo, 2007.

PETER, Loizos. **Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003.

RODRIGUES. Maria da Conceição Silva. **“Educar, assistir, moralizar:” a experiência dos clubes de mães de Mães em Limoeiro do Norte – CE, (1960 - 1990)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-São Paulo, 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Departamento de Cultura. Regulamento e Regimento Interno do Clube de Mães. Francisco Beltrão, 2018.

WOODWARD, Kathryn. SILVA, Tomaz Tadeu da, (Org); HALL, Stuart; **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 9. Edição- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SITES:

<https://www.google.com.br/search?q=nome+científico+é%3A+Gomphrena+globosa.&q=nome+científico+é%3A+Gomphrena+globosa.&aqs=chrome..69i57.2636j0j7&s>.
Acesso em março de 2019.

<https://misericordia.org.br/home/terco-da-divina-misericordia/>. **Acesso em março de 2019.**

<https://misericordia.org.br/formacoes/quando-e-como-rezar-hora-da-misericordia/>.
Acesso em março de 2019.

<https://www.google.com/search?q=imagem+do+ter%C3%A7o+da+misericordia&tbm=isch:/>**Acesso em maio de 2019.**

http://populacao.net.br/populacao-seminario_francisco-beltrao_pr.html. **Acesso em junho de 2019.**

<http://sesc.com.br/mesabrasil/omesabrasil.html>. **Acesso em junho de 2019.**

_____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm.
Acesso em fevereiro de 2020.

<https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n60a2016-p775a798> EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, 30 (60), 775-798. (2016). **Acesso 2019.**

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/leiva/>.**Acesso em julho de 2019.**

<https://www.google.com.br/maps/@-26.0754252,-53.0349866,479m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>. **Acesso em julho de 2019.**

https://www.google.com/search?ei=nzlAXY6oBtDO5OUP7K2_mA8&q=palestra+do+Social+Moderno+ao+Societal+Pos-Moderno.+Maffesoli&oq=palestra+do+Social+Mode. **Acesso em março de 2019.**

<http://jornaldebetrato.com.br/noticia/66364/vereador-didio-morre-vitima-de-cancer>.
Acesso em março de 2019.

<https://www.coqueluchecasa.com.br/blog/churrasco-genghis-khan-para-saborear-entre-amigos/><https://www.coqueluchecasa.com.br/blog/churrasco-genghis-khan-para-saborear-entre-amigos/>**Acesso em setembro de 2019.**

<https://cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-nossa-senhora-da-salette/32/103/>. Acesso em setembro de 2019.

<https://ptBr.facebook.com/pg/termas.aguasdovere/about>. Acesso em novembro 2019.

<https://www.google.com/search?q=mapa+do+bairro+jardim+semin%C3%A1rio+em+francisco+beltrão+pr&oq=mapa+do+bairro+jardim+semin%C3%A1rio+em+francisco+beltrão+pr>. Acesso em novembro 2019.

<https://saude.abril.com.br/blog/boa-pergunta/beneficios-salvia/> salvia. Acesso em agosto 2020.

<https://www.minhavidacom.br/alimentacao/tudo-sobre/18324-espigheira-santa>. Revista Saúde e Desenvolvimento / vol.? nº 1 / Jan ? Jun 2012. espigheira santa. Acesso em agosto de 2020.

https://www.conquistesuavida.com.br/noticia/cha-de-marcela-serve-para-tratar-dores-conheca-os-beneficios-da-bebida_a12641/1. Acesso em agosto 2020.

<https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/292756/arvores-de-natal-dos-clubes-de-maes-de-francisco-beltrao-serao-avaliadas-dia-20>. Acesso em abril de 2020.

<https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/303515/clubes-de-maes-doam-produtos-para-bazar-do-grupo-mao-amiga>. Acesso em novembro de 2020.

<https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/296468/jardim-seminario-vence-a-gincana-dos-clubes-de-maes> Acesso: junho de 2020.

PEDRON, Flávio. Jornal de Beltrão Geral. <https://www.jornalbeltrao.com.br/noticia/296481/premios-da-gincana-dos-clubes-de-maes-entregues-mas-sem-aglomeracao-de-pessoas>. Acesso: novembro de 2020.

<https://winefolly.com/deep-dive/cotes-du-rhone-wine-with-maps/> Acesso em janeiro de 2021.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS



Nome da pesquisa: _____

Pesquisadora: _____

Orientadora: _____

Instituição: _____

Endereço: _____

Endereço eletrônico: _____

Nome do entrevistado: _____

Endereço: _____

Fone: () _____

Este estudo tem o objetivo de:

- Elaborar a dissertação de mestrado da pesquisadora, respondendo ao objeto de pesquisa e a problemática.
- Como se constrói o vínculo societal entre as mulheres participantes do clube de Mães do Bairro Jardim Seminário?
- Registrar a data de início do processo de construção do Clube de mães da comunidade, destacando as datas dos primeiros acontecimentos importantes: Bairro Jardim Seminário desmembrado do Bairro Vila Nova, a escola, a religiosidade.
- Identificar os marcadores culturais responsáveis pela manutenção do vínculo societal;
- Analisar o significado das ações, da pretensão de acolhimento, dos objetivos, da percepção das necessidades cotidianas da comunidade por meio do grupo de mulheres e a construção do processo de identidade e identificação;
- Apontar as correlações entre a herança cultural dos antepassados e o processo de identificação da comunidade;
- Compreender o significado de “ser mulher” para os sujeitos da pesquisa e o sentimento de pertença e a ideia de inserção e transformação social.

- Benefícios: conhecer o clube de mães Divino Mestre as formas como estabelecem o vínculo societal

Para tanto serão necessários os seguintes procedimentos:

- Realizar entrevistas narrativas;
- Coletar fotografias e documentos;
- Observar as vivências diárias;

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, finalidades, benefícios e outras informações relacionados à pesquisa.
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, desde que informe a pesquisadora.
3. Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento, entrar em contato com a pesquisadora ou instituição na qual se realiza o estudo (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE).